



YOU'RE MINE,
little doll

PRETTY
New
DOLL

KER DUKEY *&* K WEBSTER



Ker Dukey & K Webster

#3 Pretty New Doll

Série Pretty Little Dolls



Tradução Mecânica: Bia

Revisão: Sil

Leitura: Anne Pimenta

Data: 09/2017

Pretty New Doll Copyright © 2017 Ker Dukey & K Webster

SINOPSE

Benny, quebrado, machucado e sozinho.

Perdeu o seu carro, seu amor, sua casa.

Ferido e procurando, renascido de novo, ele se vê amigo de alguém que é verdadeiro.

Aprender sobre o mundo, impulsos e luxúria.

Encontrar um novo futuro, uma nova boneca, é uma obrigação.

Então, com a dor velha, novas perspectivas ganham vida, a mente doente de Benny o convoca, então sua mão leva a faca.

Você já ficou tão perdido que você se tornou uma sombra? Aguardando, mas não está vivendo. Existente no fundo onde ninguém percebe você.

Minha boneca me traiu, me matou de mais maneiras do que ela percebeu.

Estou assistindo, esperando, querendo.

Um dia em breve ela vai me devolver o que ela tirou... é engraçado como a vida funciona assim.

A SÉRIE

Pretty Little Dolls



Ea sei a diferença entre certo e errado, mas eu simplesmente gosto do jeito errado. É um impulso, uma urgência mais intensa do que qualquer outra coisa.

- Benny

Prólogo

DIAS ATUAIS

BENNY

A pele do meu ombro direito repuxa, restringindo os meus movimentos. A dor fantasma ferve na consciência das feridas do passado, enquanto eu me curvo para tirar um punhado de grama da posição em que estive nas últimas quatro horas.

Estou no jardim da minha casa - *nossa* antiga casa - eu adormeço, esperando, necessitando.

Girando a tampa de uma garrafa de água, derrubo o líquido e despejo o resto sobre minha cabeça, saboreando a altivez do calor.

O sol é implacável, convocando lembranças do primeiro dia em que vi a minha bonequinha suja. Ela era tão jovem, fresca, perfeita.

Bonequinha linda.

Quando o sol batia nos fios molhados com suor do jeito certo, seu cabelo parecia que tinha ouro ao longo dele. O vestido de verão que ela usava se agarrava à sua pequena estrutura como uma segunda pele, marcando perfeitamente seu pequeno porte.

E então havia sua irmã mais nova...

Bonequinha quebrada.

Ela estava acariciando suas pequenas mãos sobre minhas obras de arte, seu suspiro ecoando no ar denso enquanto seus braços cercavam uma das minhas bonecas favoritas, uma perfeição de porcelana.

— Boneca bonita para uma boneca bonita, — ofereci num tom suave.

Em uníssono, seus olhos se levantaram para olhar para mim, e meu coração trovejou no meu peito.

Baque.

Baque.

Baque.

A boneca agora foi esquecida, enquanto ambas me estudavam sorrindo.

— Ela não pode pagar a boneca, — gritou minha bonequinha perfeita, estreitando seu olhar, mas o rubor de suas bochechas a afastou. Ela sabia exatamente a quem ela pertencia, e eu sabia que ela era minha.

Quão fácil foi tomar o que eu queria e quão facilmente ela nos arruinou anos mais tarde.

Ela mudou muito desde então. Os anos passaram muito rápido. Não tive tempo suficiente com ela.

A memória desaparece quando um bando de pássaros voa de uma árvore atrás das ruínas da casa onde espero com a paciência que eu aprendi ter ao longo dos anos. Cheguei tão longe desde a noite em que ela me matou.

Ela nem sequer limpou as consequências de sua traição. Eles nem sequer vieram procurar meus restos.

Ela simplesmente me deixou morrer e pensei que seria isso.

Ela estava tão malditamente errada. Ambos estavam.

Amadores.

* * *

Três anos atrás

— O que você está fazendo? — eu pergunto, minha testa enrugando enquanto eu a estudo. Ela parece desafiadora, há algo claro e quase pacífico em seus olhos. Ela nos trancou.

— Estou aqui para enfrentarmos o que fizemos, — ela assobia. — Estamos trancados aqui para nos redimirmos.

Porra. Ela não entende. Tive que matar Macy. Ela estava quebrada - muito instável para arriscar ficar perto dela.

Eu também a amava à minha maneira. Por que ela não entende?

Espremendo os olhos, meus punhos esmagam meu rosto para parar os gritos dentro do meu cérebro.

— Mas ela estava quebrada. Não conseguiríamos corrigi-la, — eu digo a ela através de dentes cerrados.

Ela rosna para mim. — Você é o quebrado aqui, Benny. Você. Está. Quebrado.

Meus ossos endurecem, e o sangue coagula dentro de minhas veias como cimento. — Não ouse dizer isso.

Um soluço sai enquanto suas pernas balançam. — Nós estamos com seu pai, — ela cospe através de uma tempestade de lágrimas. — Ele estupra garotas há anos, e você acabou deixando aquele pervertido vivo. Depois de tudo o que ele fez com Bethany, — ela chora, apontando um dedo acusador para mim. Meus olhos focam em seu dedo. Poderia também ser uma faca do jeito que ela aponta para mim com o poder de uma ponta afiada.

Bethany era sagrada, e ela a usa para me machucar porque está ferida, mas ela vai aprender que não precisa de Macy. Ela me tem, e nós somos tudo o que precisamos. Juntos, para sempre.

Meu pai poderia ser útil, mas também não precisamos de ele. Eu o mataria por ela, se isso fosse necessário para ela voltar para casa, mas é muito tarde. A maré mudou; ela é muito forte para manipular.

— Ele foi útil, — eu digo a ela.

— Você me dá nojo, — ela diz com raiva, mas vai passar.

— Bem, isso vai mudar, — eu afirmo, dando um passo em direção a ela.

— Não, — ela responde, levantando a mão para parar meu avanço - a mão livre das algemas que decora seus pulsos.

— Isso termina hoje à noite, Bonequinha suja, — eu a aviso.

— Você está certo. — ela sacode a cabeça e solta uma risada áspera. — Acaba hoje.

Abaixando, pego a seringa da minha meia.

— O que diabos é isso? — ela exige, gesticulando enquanto eu me endireito.

Meus olhos se estreitam na arma que ela segura, depois para o espaço atrás das grades.

A criança não está mais lá.

Ela não está sozinha.

Como ela pode me trair?

— Você não veio sozinha? — pergunto com descrença. Ela está quebrando as regras - ela sabe o que acontece quando ela quebra as regras.

— Eu nunca mais estarei sozinha de novo, — ela brinca. — Dillon é parte de mim. É ele a quem pertenço. Nunca foi você, Benjamin.

Argh! Como ela se atreve a dizer o nome dele para mim.

Ela pertence à mim. Ela é minha boneca. Minha bonequinha!

Minha mandíbula aperta enquanto a fúria se agita através de cada músculo do meu corpo. — Eu nunca vou deixar você sair dessa cela, — eu aviso. — Nunca.

Sua mão se move, balançando a arma na mão. — Eu sou a única segurando uma arma. Você não tem mais poder sobre mim.

Um sorriso puxa meu lábio. — Mesmo se você disparar a arma, ainda vou avançar e manterei você aqui. Vamos sair juntos. A eternidade será tempo suficiente para você perceber que sou eu quem você ama.

Seus olhos se contraem enquanto ela pesa suas opções.

Você não tem nenhuma! Nós ficaremos juntos e você sabe disso!

Eu me viro para avançar sobre ela, mas sua boca vomita palavras que me fazem girar. — Estou grávida.

Meu braço cai quando sua confissão me satura em novas possibilidades. Um tiro soa afiado no meu ouvido quando um fogo ardente penetra no meu ombro, puxando-me para trás.

Porra.

— Maldita! — eu rosno. — Você atirou em mim! — a agulha quica no chão enquanto tropeço e caio na cama sem controle.

— Sim, — ela diz com orgulho enquanto ela avança em minha direção, parando para acertar sua bota na seringa.

Ela tem meu bebê dentro dela - nosso bebê.

— Você está grávida? Nós fizemos um bebê...?

Uma sensação fria passa pelo meu pulso, e eu apenas a observo, extasiado por suas novidades.

Ela mexe a outra mão, o leve zumbido de dor lateja no meu ombro enquanto ela empurra meu corpo para o chão.

Nós vamos ter um bebê.

A porta atrás dela se abre, e o porco fedorento do Dillon se move atrás dela. Como ele ousa interromper esse momento nosso?

Eu vou matá-lo devagar, fazê-lo sentir minha ira com cada corte da minha faca.

Ele não vai tirar esse momento de nós dois.

— Nosso bebê, — eu murmuro, olhando para minha bonequinha bonita.

Dillon passa em volta dela, bloqueando-a da vista enquanto ele recolhe a boneca morta quebrada da cama, depois sai, deixando apenas nós dois, como deveria ser.

— O bebê não é seu, Benny, — ela cospe. — A morte não pode existir dentro da vida. E não importa quantas maneiras diferentes você tente eliminar minha existência com suas monstruosidades, você nunca terá sucesso. Você pertence ao inferno. O seu tempo aqui na Terra acabou. Este bebê é vida. Este bebê não é parte de você.

Minha boca se abre, mas a dor muito forte aflige meu interior, roubando a minha voz. Ela está mentindo. Ela não pode dizer isso.

Ela está se afastando da sala, apontando sua arma para mim. Ela não precisa da arma; ela já está me matando com suas palavras. Uma vez que a porta está fechada, Dillon reaparece, colocando seus lábios nojentos na cabeça dela.

— Está tudo bem, — ela diz a ele. — Deixa comigo.

— Eu sei, — ele murmura antes de sair para deixá-la com quem ela realmente pertence.

Ela sabe quem é seu mestre e que nosso bebê cresce dentro de seu útero.

— Você está mentindo, — eu a informo. Minha força voltando, eu puxo as algemas ridículas que ela acha que podem me segurar.

Boneca boba.

Lutando para ficar de pé, a dor irritante irradiando do buraco que ela colocou em mim, eu forço meu corpo a se mover enquanto ela olha para mim.

Ela está jogando, e não gosto disso.

— Porra, me dixe sair, — eu mando. — Agora!

A risada que escapa dela me faz lembrar de sua irmã. Está enlouquecida, como se ela estivesse se perdendo da realidade. Ele a quebrou. A mudou. Mas ela chegará a seus sentidos. Eu sei isso.

— Você não tem poder. Eu vou deixar você apodrecer aqui. Assim como você fez comigo e minha irmã. Espero que o cheiro do sangue da minha irmãzinha te assombre até morrer de fome.

Ela não se atreveria.

Eu puxo novamente as algemas.

— Deixe-me sair. — eu me curvo na porta, jogando meu corpo contra ela. Não me movo, mas eu sabia que não seria fácil. Estas portas são impenetráveis. Eu as construí para manter minhas bonecas em segurança.

— Eu disse, deixe-me ir! — eu aviso uma vez mais.

— Você nunca me deixou sair... — sua voz racha. — Tchau, Benny.

E então, ela me abandona, mas ela sabe que eu vou atrás dela. É por isso que ela não me matou. Apesar de suas divagações - o venenoso Detetive de merda alimentou-a para pensar dessa forma - ela me ama e quer que eu vá atrás dela.

— Volte, bonequinha suja! Abra a porta! — eu grito, enquanto tiro meu polegar do lugar e puxo a alga da minha mão. Ela rasga a carne, deixando uma trilha de sangue, o desconforto ardente apenas alimenta minha raiva.

O problema desse lugar é que pertenceu a sua irmã, e não a ela.

Minha bonequinha quebrada só foi punida com confinamento quando ela era uma bonequinha má. Além disso, ela estava livre para vagar. Sua chave só era tirada dela se ela estivesse sendo punida.

Olhando o espaço pequeno, não levo tempo para localizar a bonequinha com o olho arrancado e a tesoura no estômago.

Ao redor do pescoço dela em uma pequena corrente está a chave do quarto.

Mesmo na morte, minha boneca quebrada era leal e servia ao seu mestre.

Chegando à porta, desbloqueio o trinco e paro de me mover. A cinza e a madeira em chamas agrirem minhas narinas, o cheiro intenso se adere à parte de trás da garganta. O calor se constrói sob meu pé quando as chamas alaranjadas se inflamam, em toda a casa.

Estou cercado pelo fogo, destruindo tudo o que construí.

Como ela poderia fazer isso? Esta era a casa dela também.

Ela acha que estou preso aqui.

Ela quer me matar.

Não. Ela não pode. Ela não faria isso.

A ira ardente envolve a casa, lambendo minha pele enquanto eu combato o inferno furioso para chegar a proteção do ar frio lá fora.

O vidro se quebra quando o gemido da madeira estoura e cai ao meu redor.

A fumaça, grossa e mortal, me envolve enquanto eu corro para uma janela para atravessá-la.

Os fragmentos rasgam a carne já ferida dos meus braços, mas estou quase entorpecido pela dor. Pelo sofrimento. Entorpecido pela minha bonequinha suja.

Eu me deito na grama, olhando para o céu enquanto a fumaça negra transborda de dia para noite, a poucos metros da devastação e dos restos da única casa que já conheci.

Ela me matou.

Minha bonequinha bonita me matou.

Balançando a cabeça para limpar a memória, digitalizo a área destruída.

Este é o meu túmulo. Meu lugar assombrado que ela visita. Não importa o que ela diz a si mesma, ou o que ele diz a ela, ela é e sempre será minha, e minha assinatura em sua alma a trará até aqui.

Ela virá. Eu sei isso.

Ela voltou no ano passado, e eu assisti - assisti as lágrimas borbulharem e caírem, acompanhadas por um soluço incomum que mudou para uma risada. Ela balançou a cabeça e enfiou um fio de cabelo atrás da orelha enquanto dizia que estava livre.

Eu dizia a mim mesmo para não levá-la de volta para lá - levá-la onde ela nunca mais seria encontrada.

Ela mudou muito, era quase como observar um estranho. A necessidade, no entanto... a explosão de propriedade, rasgou e lutou para recuperar o que pertencia a mim, mas ela não estava sozinha. Um bebê embalado em um sling preso ao peito e a cintura me manteve solidificado nas sombras.

Então, aquele filho da puta apareceu, tirando a criança dela e colocando seus lábios onde o meu deveria estar. Suas mãos baixaram sobre a pele de azeitona que havia sido exposta a muito sol, mas ela não era dele para tocar. Ele sussurrou palavras em seu ouvido, provocando um sorriso que deveria ter sido apenas para mim.

Foda-se ele. Ele pode ficar com os sorrisos dela. Vou tirar as lágrimas dela, seus gemidos, sua mendicância e sua dor.

Suor aparece na minha cabeça raspada, os ramos da árvore oferecem pouca fuga do calor do meio-dia. Minha barba cresceu mais do que de costume, mas as mulheres parecem curtir. É um ímã para as garotas procurando por diversão. Também atrai as mulheres que gostam do lado mais áspero do sexo. As cadelas implorando para que eu inflija dor me irrita.

O sexo é suposto ser uma saída, mas só faz a besta dentro de mim rugir para a liberdade.

Não há saída para mim sem ela.

As putas não são dignas. Elas não me satisfazem. Elas não são a minha boneca.

Minha bonequinha bonita.

Os restos apodrecidos e negros da minha antiga casa - *nossa casa* - me afrontam com o passar lento e tortuoso do tempo.

A área em volta da casa está intacta.

Coberta pela grama alta, mato, sem perturbações, até agora.

As velhas lembranças mudam e balançam dentro da minha mente, implorando para enraizar e me manter preso aqui.

Há fantasmas que me assombram quando eu volto. A fita amarela ainda persiste em algumas das ervas daninhas crescidas de onde a polícia destruiu cada centímetro do terreno, levando o que não lhes pertencia.

Perturbando o passado.

Meu pai aparece na frente da minha mente - suas traições. Odeio não conseguir chegar até ele para acabar com sua miserável e fodida existência.

Eu ouvi que prisão para policiais é brutal, mas com base em que termos?

Posso pensar em coisas piores que ele deveria sofrer.

Ele merece sofrer, viver no inferno que ele criou.

O barulho distante de um motor persuade uma mudança na atmosfera.

O ar muda a minha volta, quase aguardando a emoção de vê-la. Minha alma grita, implorando-lhe que fale comigo. Preciso ouvi-la, senti-la, estar dentro dela.

Eu preciso encontrar a paz novamente - a paz que ela me trouxe quando ela estava aqui, quando não me traiu, não me matou.

Minha vida desde ela tem sido um despertar. Encontrar Tanner mudou tudo para mim, mas ainda assim, a presença dela, ou a ausência dela, permanece no meu pensamento diariamente.

* * *

Três anos atrás

Meu pai sempre se certificava de que eu estivesse preparado quando chegasse a hora – a agora de fugir. Ser quem eu era vinha com consequências e riscos.

Puxando-me da grama, minha pele protesta, encolhendo em meus ossos. Eu sou uma bagunça e preciso de ajuda.

Procurar isso me irrita, mas minha vida simplesmente se desintegrou na frente dos meus olhos - literalmente.

Meu pai estava comprometido, então ir até esse lugar poderia me levar a ser preso, mas é uma aposta que eu vou ter que fazer. Não tenho mais pra onde correr. Não deve haver nenhum motivo pelo qual meu pai lhes daria um alerta.

Eu começo a andar alguns quilômetros a oeste de onde minha casa estava e me aventuro ir até a árvore onde tinha esculpida a letra B. Logo, eu localizo a pedra marcada com a mesma letra, e eu passo a mão removendo a terra de cima. O frio do ar corre na carne exposta e rasgada no meu braço e ombro. A ferida de bala não é nada em comparação com o cheiro da sua própria pele cozinhando. Meu corpo treme sem permissão, meus olhos nublam enquanto eu cavo a terra, minhas unhas quebram enquanto eu tento afastar a terra seca.

Solto um suspiro de alívio quando a alça de couro da mochila acaricia as pontas dos meus dedos. Arrancando-a da terra, eu caio, respirando com dificuldade.

Eu preciso de água.

Reunindo forças para me sentar, puxo o zíper e olho para dentro. As notas empilhadas em montes de mil me encaram.

Trinta mil não serão suficientes a longo prazo, mas é um começo.

O cartão colocado em cima faz minha pele vibrar.

Eu não estou acostumado a precisar de pessoas ou a ter que confiar nelas, mas os tempos estão mudando. Essa mudança me foi imposta pela minha bonequinha suja.

*A celular pré-pago já tem um número na memória e no cartão simplesmente se lê: **TANNER***

Com uma mão clico na tela do aparelho enquanto com a outra aperto a grama, espremendo que minhas unhas já danificadas cortem a palma da minha mão.

O toque de discagem soa, então começa tocar.

Trim.

Trim.

Trim.

— Qual nome você tem? — pergunta uma mulher.

— Tanner, — eu coaxo em resposta, o dano ao meu corpo cobrando seu preço. — Por favor, espere.

A porra de uma música toca na linha.

Que diabos?

Eu fico esperando sozinho na linha, uma voz rodeada por riffs de guitarra invade a linha. Quão irônica é a letra para mim.

A música para e uma voz masculina aparece na linha.

— Onde você está? — seu tom é profundo e calmo. Ele fala de uma maneira semelhante à de amigos fazendo uma ligação casual. — Vou enviar um carro para buscá-lo, mas preciso saber onde você está.

— Estou a dois ou três quilômetros da minha casa...

A chamada cai antes que eu possa lhe dar o endereço.

Eu não gosto disso, mas meu corpo está enfraquecendo e a escuridão da noite rouba minha consciência.

** * **

Minha mente nada em sonhos lúcidos enquanto as vozes afugentam as chamas em meu corpo.

Água goteja, me puxando do sono.

Tum.

Tum.

Tum.

Meus olhos se abrem e eu tento me levantar. Há água ao meu redor.

Estou em uma banheira.

— Acalme-se, — ordena uma voz. É o mesmo tom da ligação.

Há autoridade na sua voz e eu me vejo em silêncio e aceito o novo ambiente. As telhas escuras cobrem as paredes até o teto. Uma grande parede espelhada domina o espaço. Estou sentado nu dentro de uma enorme banheira de canto. A água é turva e fresca ao toque.

Meus olhos atraem o homem que está sobre mim, me estudando.

Ele é alto e usa terno e gravata. Extravagante pra caralho.

Ele vai me levar a um maldito encontro?

Que diabos?

Quem é esse cara?

A dor irradia sobre minhas costas inteiras, roubando minha respiração.

O homem, Tanner, continua a me observar.

Seu cabelo é escuro e grosso, nem longo nem curto. Seus olhos se parecem com a cor das chamas que acabei de fugir.

Seus lábios grossos se enrolaram em um sorriso malicioso.

— Eu não achei que iria conhecê-lo, — ele anuncia, como se soubesse quem e o que eu sou. — Seu pai me deve alguns favores.

Ele me encara com um sutil aceno de cabeça, ainda não sabendo que meu pai não pode oferecer mais desses ‘favores’ - não de onde ele está agora.

Isso o impedirá de me ajudar se ele souber?

Foda-se. É irrelevante. Eu vou sair logo, encontrar o meu caminho como sempre.

— A médica deve voltar a qualquer minuto, — ele me assegura. — Ela vai dar um jeito nas suas queimaduras. A bala do seu ombro já foi removida, e ela fez o possível para evitar cicatrizes, mas algumas são inevitáveis, eu acho. Espero que você não seja um homem vaidoso.

Suas sobrancelhas abaixam quando sua cabeça se inclina para um lado. Seus curiosos olhos âmbar penetram nos meus.

— Por que você está olhando para mim? — eu rosno, me sentindo mais exposto do que nunca, e não tem nada a ver sobre estar nu.

Ele não está me olhando de uma maneira como se quisesse me foder. É algo mais... admiração, talvez? Movendo os pés, ele se abaixa para se sentar ao lado da banheira e mergulha a mão na água, deixando o líquido percorrer em seus dedos.

— Eu estou admirando você. Você é bastante extraordinário, e estou ansioso para ajudá-lo a aproveitar todo o seu potencial. Você não está mais sozinho. — sua voz passa uma garantia da qual não estou acostumado. — Nós vamos ser excelentes amigos, Benny.

* * *

O ruído de um motor vibra através do ar e meu coração chacoalha, arrastando-me de volta ao presente.

Parado, eu reconheço a lata velha do carro de Dillon. Forçando-me para baixo, empurro contra a casca da árvore que me esconde. As velhas cicatrizes gritam em protesto, e deixo que a dor me ancore nesse momento.

Minhas cicatrizes são uma lembrança constante da minha bonequinha suja e da sua traição.

Elas são a marca de nascimento do novo homem renascido das cinzas, depois das chamas que quase me matou.

Minha mão se contrai com a fugaz necessidade de matar - ela, ele, eu. Mas eu nunca vejo isso, e não consigo determinar o porquê. Faz anos que ela era minha, e sua ausência me deixa solitário de forma que ninguém mais pode preencher.

Ela pertence a mim.

Ela sempre pertencerá.

Eu não vejo o suficiente dela, seguindo-a, observando-a. Eu preciso aproveitar esse momento, rever essa memória mais tarde - uma

lembrança para mim mesmo, ela não é a bonequinha suja esculpida pela minha mão mais.

Ela foi arruinada... por *ele*.

A porta do lado do passageiro se abre e as pernas revestidas de jeans pertencentes à garota que eu conhecia, sai. Ela se inclina e fala algo através da janela, mas não consigo entender o que ela diz. É só um murmúrio. Seu cabelo se ondula com seus passos vigorosos enquanto ela empurra as pernas para se mover através do piso irregular, fazendo seu caminho para chegar a seu destino.

Este lugar é um cemitério esquecido para ela, mas para mim, é um lar. Meu. Nosso.

A raiva me invade, lutando com necessidade, tristeza e desapontamento.

Ela para, seus peitos estão maiores. A barriga inchada cheia de outra vida que não é minha, me afronta.

Eu poderia me mover rápido e terminar tudo aqui e agora. Tirando sua vida, e então minha. O que seria um perfeito *foda-se* para o idiota que acha que eu estou muito longe.

Mas com a nova vida, veio também novas mudanças para mim.

Eu não sou o mesmo homem que eu era.

Eu não ajo irracionalmente. Eu penso em cada passo.

O sol dança sobre seu novo cabelo vermelho.

Eu odeio isso.

Ela não precisa tingir os cabelos. Parece artificial e barato. Ela está com os quadris mais largos, e sua estrutura maior. A maternidade mudou seu corpo - *ele* mudou a minha boneca perfeita. Eu odiava o porco filho da puta. Eu deveria arrancar a pele de seu corpo e vesti-lo enquanto eu a fodo na frente dele.

Seu suspiro ruidoso me traz de volta, enviando arrepios pela espinha. Seus olhos estão nos restos carbonizados do que uma vez foi nossa vida, mas o meu está sobre ela fazendo uma pequena reverência ao lado de uma árvore suficientemente longe; ela não notaria entre as outras, a menos que ela estivesse procurando.

Meu foco se move para o carro fora de sua vista.

Dillon, aquele fodido, saiu com seu celular na orelha. Seria tão simples pegá-lo de surpresa, avançar atrás dele, cortar a garganta e pintar o asfalto de vermelho.

Eu poderia revestir os cabelos da minha boneca em vermelho real - vermelho sangue.

Meu pau sacode e endurece só de pensar.

A janela de trás do carro abaixa ganhando minha atenção, seguido de um tremor na minha coluna vertebral. Aparecem pequenos dedos e meu coração pula.

Baque.

Baque.

Baque.

Eles trouxeram a criança com eles. Agarrando a minha chance, eu resolvo dar um presente para minha bonequinha suja, minha cabeça nada com a necessidade de ver a criança.

Meu corpo mergulha por trás da grama alta e crescida, passando por ela como uma cobra mortal. O detetive idiota, que se dizia um detetive, se moveu uns bons metros para longe, andando e balançando a cabeça enquanto ele brigava com alguém sobre não fazer o trabalho certo. Ele é o rei de não fazer o trabalho certo.

Meu estômago se aperta ao me aproximar de sua janela enquanto permaneço consciente da distância de Dillon e da vista do carro.

Um sorriso brilhante e inocente aparece para mim através da lacuna na janela.

Olhos castanhos com uma pitada de verde como o meu, e cílios grossos batendo como asas de uma libélula.

— Copo? — ela balbucia, segurando um copo com alças com alguma coisa dentro.

— Você parece exatamente com sua mãe, — eu murmuro com espanto.

Ela ri, estendendo os braços para mim.

Eu poderia apenas levá-la. Eu me pergunto quão longe eu conseguiria ir.

Que castigo seria para minha bonequinha suja.

Em vez disso, eu dou o meu presente e desapareço enquanto ela está distraída, de volta à minha sombra, deixando o meu coração bombear a adrenalina pelas minhas veias. Um sorriso aparece nos lábios da minha bonequinha suja, mas cai enquanto estuda a cena à sua volta. Seu corpo estremece visivelmente, então uma buzina soa no ar, atraindo seus olhos. Ela se afasta e eu ouço a porta do carro fechar.

Eu aperto a faca que tirei da minha bolsa.

Esperando.

Antecipando.

A melodia flui através do ar, e eu cantarolo as palavras enquanto a boneca canta.

A senhorita Polly tinha uma boneca que estava doente, doente, doente.

Então ela telefonou para o médico para que fosse rápido, rápido, rápido.

O doutor veio com sua bolsa e seu chapéu

E bateu à porta com um toc-toc-toc.

Ele olhou para a bonequinha e ele balançou a cabeça

E ele disse: — Senhorita Polly, coloque-a na cama!

Ele prescreveu em um papel uma pílula, pílula, pílula¹

— Estarei de volta pela manhã sim, vou, vou, vou.

Minha mão sua ao redor do punho da faca que eu aperto tão forte, que a faca já faz parte da minha mão. O motor ganha vida e logo eles se afastam. Eles não vieram procurar por mim. Eles não achavam que era eu.

Como isso é possível?

Eu não existo mais.

Um gemido suave vem debaixo de mim, o cabelo voando sobre o topo da minha bota.

¹ <https://www.youtube.com/watch?v=vAbMi7DY1eo>

Olhos largos e em pânico me encaram, sua cabeça se move de um lado para o outro - não, não, não.

Sim. Sim. Sim.

Abaixando, pego seu cabelo barato na outra mão, levantando seu peso sem esforço de sua posição quebrada. Ela ficou fora por mais tempo do que eu pensei que ficaria. Ela estava errada em ser minha boneca - grosseira com sua língua e solta com sua buceta.

Respirando pelo nariz, deixo o ar sair aos poucos, depois mergulho a faca no seu peito. A faca desliza, penetrando como em um bife resistente, que é mais difícil do que o cozido. O sangue escorre pela boca, ela sacode o corpo de um lado para o outro, os braços puxados e amarrados em suas costas. O segundo golpe, seguido pelo terceiro, faz seu corpo tremer, sua luta diminui.

Segurando seu pequeno corpo, mergulho a cabeça sobre a dela, o nariz quase tocando seus lábios. O medo tem um perfume único, e quando a morte está tão próxima, você vê a verdade em seus olhos. É lindo estar na iminência da vida e da morte, sentindo seu corpo tremendo e cansado, enquanto ele arrasta seu último suspiro e o expulsa com a alma.

Quando ela para, eu passo a mão pelo sangue no seu peito e pinto seus lábios.

Imagens da menina e do presente que eu lhe dei apenas momentos antes piscam em meus pensamentos.

Seguro a boneca e empurro minha mão pela janela. A criança agarra a boneca, seu pequeno dedo babado escova o meu.

— Boneca, — ela gagueja, driblando seu lábio inferior gordo.

— Sim. É uma boneca. — eu sorrio para ela, como eu fiz para sua mãe há muitos anos. — Uma bonequinha bonita para uma bonequinha bonita.

Capítulo um

Desconhecido

BENNY

Empurrando as portas clube, eu aceno para o segurança. Todos me conhecem como amigo de Tanner aqui no The Vault. Se você é um amigo de Tanner, ninguém enche o saco. Uma loira com um sorriso sensual me dá uma piscada enquanto eu passo, mas não estou interessado. Ela não está oferecendo nada que eu queira comprar, e ela não percebe a sorte que tem.

Meus gostos são únicos.

Peculiares.

Anômalos, como Tanner sempre diz. Seja lá o que isso significa.

Independentemente disso, a loira, com seus grandes peitos falsos e roupa de prostituta, *não* é meu tipo. Talvez se estivesse com vontade de estrangular a bunda dela. Mas eu não estou. Estou com vontade de afastar os pensamentos da minha bonequinha suja carregando outra vida dentro dela que não seja minha. Afastar a raiva, a tristeza, o desgosto.

Atravessando o clube, eu vou direto para a sala VIP que Tanner sempre tem reservada. Eu nunca perguntei por que nossa relação não é assim, mas acho que ele é o dono deste clube entre muitos mais. Depois que ele me encontrou, ele me trouxe pra cá. Disse-me que este lugar era meu campo de jogos. Um lugar que eu poderia fazer perguntas, e eu receberia resposta.

Eu tenho perguntado, no entanto, e ele não consegue me dar as respostas que eu quero.

Isso é porque eu a quero.

E nada neste mundo é gratuito.

A raiva borbulha no meu peito mais uma vez quando penso na boneca bonita que eu deixei ir embora. Não passa um dia em que eu não penso nela. Às vezes, imagino um cenário em que ela e o bebê dela são meus. Uma família. Mas a realidade se infiltra, arruinando minha maldita fantasia.

Estar no mundo exterior me mudou. Fui informado sobre as regras que eu nunca me preocupei ou segui, mas ser conforme a sociedade espera, é como eu vou conseguir o que eu quero no final. Então, por enquanto, eu obedeço as regras. A paciência é a chave para não reagir impulsivamente e fazer algo estúpido que me matará ou prenderá o Papai Querido.

Não posso pegá-la.

Ainda não.

Eu posso ser psicótico, mas não sou estúpido. O detetive Merda na Cabeça tem um olho constante nelas. Eu devo planejar e me preparar.

— Benjamin, — uma voz profunda e familiar brilha quando eu ultrapasso a cortina de veludo vermelha que leva à sala VIP elegante, ele sem dúvida está se divertindo. A primeira vez que Tanner cometeu o erro de me chamar pelo meu apelido, Benny, ele viu o fogo em meus olhos e antes que eu pudesse falar, ele corrigiu, me chamando de Benjamin a partir daí. Não foi dito, mas no meu momento mais fraco, era como se ele visse dentro da minha mente enquanto eu estava sentado naquela banheira fria.

— *Você é um homem novo, Benjamin. Mais forte e mais poderoso, no controle. Você venceu a morte, foi arrancado do útero no qual você viveu todos esses anos. Essa casa estava sufocando você. Mantendo você como prisioneiro. O homem que você está se tornando, é o animal que você deveria ser. Liberado de sua gaiola e liberado de suas algemas, você é capaz de vagar e se alimentar como ele entender. Benny está morto. Benjamin cresceu.*

Eu estava pronto para cortar a garganta do filho da puta assustador, mas, claro, ele antecipou isso também. É como se Tanner estivesse sempre a três passos à frente. Quando parei de pensar em maneiras de assassiná-lo, ele começou a me educar. Sem estar escondido na segurança da minha casa, eu era vulnerável a muitas

ameaças invisíveis. Ele me mostrou como viver como o monstro que eu sou - à vista.

Tanner tem muitos amigos em lugares em que todos querem algo que ele pode oferecer, e quando chega a hora que ele precisa de alguma coisa em troca?

Olho por olho, Tanner sempre diz com um sorriso perverso e brilho em seus olhos.

Ele não gasta o tempo me escondendo das pessoas, no entanto.

Nós somos lobos solitários que cruzaram caminhos sob uma lua nova, e há uma ligação formada que nunca pensei ser possível.

Eu tenho um amigo.

— Venha, meu amigo, — ele instrui, empurrando uma bela morena nua do colo. Ela sai da sala VIP sem mais uma palavra. Ele está vestindo um terno - eu juro, é a sua maldita armadura - e segura um copo de maneira preguiçosa, seus olhos dourados, normalmente ardentes, estão escurecidos por alguma coisa hoje à noite.

Entrando na sala, me sento na poltrona macia em frente a ele, um copo de bourbon esperando por mim ao lado. Tanner sempre parece saber quando eu estou vindo.

— Como foi com Amy? — ele pergunta, e sorve sua bebida, levantando uma sobrancelha em questão.

Eu me enoja com o pensamento de Amy - outro dos presentes de Tanner. Seus presentes nunca são os que eu quero. Eles parecem estar em alguns dos meus critérios, mas nunca o suficiente. Nem uma vez ele me trouxe uma mulher que preenchesse todos os requisitos da minha lista.

Isso é porque minha boneca bonita é a única que poderia.

E eu acho que ele sabe disso. Ela sentiu o mais profundo dos meus desejos.

— Pelo olhar assustador no rosto, eu acho que ela não foi satisfatória. — ele sorri. — Hmmm? Ela decepcionou você?

Eu aperto meu maxilar e corro minha palma em meu couro cabeludo. Não tenho certeza de como me sinto sobre esse novo visual, mas Tanner diz que é uma obrigação, mudando minha aparência a

cada seis meses ou mais. E por alguma maldita razão, eu confio nesse cara. Ele ainda não falhou comigo.

— Você poderia dizer isso, — eu concordo.

Ele ri e abaixa o copo. — Nós não podemos aceitar isso, podemos? O que foi errado desta vez? Não era jovem o suficiente? O cabelo não era escuro o suficiente? A buceta não era suficientemente apertada?

Todos os três, porra.

E não era minha bonequinha suja.

Boneca bonita.

Eu penso sobre o quão bela Amy estava enquanto ela sangrava na grama. — Ela só não foi... o *suficiente*, — eu admito com um bufo.

— O que você fez com o corpo? Fez uma grande bagunça como da última vez?

Desta vez, estou sorrindo. Então, ele teve que me ajudar com algumas ligações quando perdi a cabeça. — Eu cuidei dela. Túmulo superficial, mas ela não vai a lugar nenhum.

Eu a deixei como um grande foda-se para minha bonequinha suja e seu homem, o detetive. O local que ela vai se lamentar é o cemitério de bonecas quebradas.

E eles se chamam de detetives?

Bem, foda-se os dois.

Inclinando-se em sua cadeira, ele estreita os olhos para mim. — Você sabe que eu amo um desafio. É por isso que... — sua mão passa no ar e ele bate três vezes, — eu tenho uma surpresa para você.

Uma música infantil começa a tocar, bem como você ouviria numa caixa de joias, e a cortina se abre. Uma jovem entra na sala, e meu pau imediatamente se endurece no meu jeans.

Ela é pequena... assim como eu gosto.

Peitos minúsculos.

Vestido curto e rosa.

Os lábios mais cheios que eu já vi, pelo menos, eles são reais.

Grandes olhos azuis, mas eles são muito juntos.

Enrolo meu lábio com desgosto. Os olhos estão todos errados. Meu pau se encolhe só de ver. No entanto, ela se aproxima timidamente, seus dedos puxando a bainha de seu vestido curto.

— Sente-se no colo do Monstro, — ordena Tanner, a voz gelada. Todo mundo, inclusive eu, cede a ele quando ele toma esse tom. Essa garota, ela concorda com a cabeça. — Sim, mestre.

Monstro e Mestre.

Tanner diz que somos únicos. Ninguém é como nós. Somos uma equipe. Demorou algum tempo para eu confiar nele, mas agora eu acredito nele.

A menina está hesitante, mas chega as minhas coxas. Suas palmas deslizam pela frente da minha camiseta ajustada para os meus ombros.

— Feche seus olhos, — eu mando, minha voz mais dura do que a de Tanner.

Ela endurece, mas obedece. Boa boneca. Eu deixo minhas palmas vagarem pela sua pequena bunda antes de deslizar o vestido até os quadris. Quando minhas mãos escorregam para baixo, eu a encontro nua por baixo. Irritação floresce dentro de mim. Bonitas bonecas usam calcinha. Elas não são prostitutas como a loira da entrada.

— Onde está sua calcinha? — eu exijo, minha palma da mão golpeando seu traseiro com bastante força para fazê-la chorar.

Ela empurra a cabeça para trás para olhar para Tanner. Ele simplesmente encolhe os ombros e faz um movimento para ela se voltar para mim. — Não olhe para mim, pequena boneca. Ele é o único que puxa suas cordas aqui.

Os olhos de Tanner escurecem quando ele vê o medo florescer nela.

Ela deve sentir o diabo dentro de mim, sussurrando todas as maneiras de cortá-la, prolongar o sangramento, deleitar-se com suas lágrimas. Seus olhos acham os meus novamente, a angústia dançando no oceano azul claro deles. Seu terror deixa meu pau cada vez mais duro. Talvez eu *possa* trabalhar com isso.

— Chupa meu pau, boneca, — eu a empurro para o chão. Ouço o barulho quando seu corpo cai a meus pés, aumentando minha excitação.

Minha necessidade de machucar fez aumentar minha raiva e tristeza ao longo dos anos. O homem que eles *mataram* tinha um fetiche, eu sei disso agora. Mas o homem que eles criaram das cinzas tem uma necessidade - um impulso sombrio e profundamente enraizado que só pode ser saciado alimentando sua fome.

A boneca entra em ação - as prostitutas sempre fazem quando o dinheiro está envolvido - tirando ansiosamente meu jeans enquanto ajoelha na minha frente. Com a cabeça inclinada e os cabelos escuros cobrindo seu rosto, ela quase poderia passar pela minha boneca bonita. Meu pau dói por alívio. Seguro o lado de seu cabelo, ignorando seu grito de surpresa e puxando-a para o meu pau enquanto ele se empurra na mão dela.

Posso sentir os olhos de Tanner em nós. Seus olhos estão em toda parte. Sempre assistindo. Sempre criticando. Sempre me ajudando quando a merda é demais. Não tenho certeza por que ele fez amizade, mas não posso dizer que estou incomodado por isso. É bom ter alguém que me compreende.

A boneca falsa bonita começa a chupar meu pau grosso como se ela tivesse feito mil vezes. Talvez ela tenha. Tanner tem putas por todos os lados - a merda doméstica usada como uma fachada para o que ele realmente oferece. Você deve estar no seu radar para saber como solicitar o lado mais sombrio do seu mundo. Uma vez, um homem entrou e perguntou por Robert. Tanner o cumprimentou e, mais tarde, perguntei por que o homem o chamou de Robert, já que não é o nome dele. Ele me disse que ele é Tanner. Para aquele homem, ele é Robert. Para Lucy, sua gerente do bar, ele é Cassian. Porra, quem sabe qual é seu nome real, se houver, e é isso que o mantém seguro. Anônimo.

A boneca chupando meu pau volta minha atenção para o meu prazer. Seu terror já desapareceu enquanto ela tenta tirar prazer de mim. Tão ansiosa. Isso me irrita em vez de me excitar, e meu pau começa a amolecer.

Quando seus olhos azuis se levantam, olhando para mim em questão, meu pau amolece de vez e eu desisto.

— Você é uma boneca sem valor, — eu estalo, e minha mão agarra sua garganta. Eu puxo seu pequeno corpo no meu colo, meu

aperto se tornando mortal, enquanto a cadela estúpida arranha meu pulso.

Tanner, sempre um amigo leal, não diz uma palavra em protesto. Ele me observa, seu olhar se estreita e aparece um meio sorriso nos lábios.

O rosto da boneca sem valor fica cor-de-rosa, depois vermelho, até que seja um lindo roxo escuro, enquanto ela respira freneticamente por ar. Ela deveria ter perguntado o que eu queria, em vez de ser uma vagabunda com fome de dinheiro. Esta foi a primeira que teve uma chance real.

Quando solto seu pescoço, lágrimas se acumulam e caem do mar de seus olhos. Segurando a garganta dela, ela sibila, tentando tomar ar.

— Bastardo, — ela cospe, seu tom venenoso.

Essa pequena boneca tem bolas.

Mas a minha é muito mais poderosa.

Empurrando as costas para os joelhos, agarro a cabeça dela, enfiando meu pau de volta à sua boca. Eu empurro tão profundamente, que ela engasga e luta para se libertar. Quando seus dentes se fecham, eu sorrio. Putinha.

Forçando-a para trás, eu pego seus ombros e envolvo uma mão ao redor de seu pescoço minúsculo enquanto uso a outra para suportar minha posição em cima dela.

Espremendo seu pescoço, eu enfio meu pau em sua garganta. Seu corpo vibra e treme debaixo de mim, sua boca tentando abrir mais para respirar, tentando fazer o ar entrar.

Morrendo.

Eu fodo sua boca com força, empurrando meus quadris e apertando seu pescoço até que ela treme na minha mão. Seu corpo fica flácido com esmagamento de sua garganta, e com isso, meu orgasmo aperta minhas bolas. O calor aumenta, espalhando pela virilha, quando puxo da sua boca e os esguichos do meu sêmen pintam seus olhos mortos abertos.

Levantando-me, agarro-a sob os braços e a levanto sem esforço. Seu corpo cai, e é a primeira vez que ela parece uma boneca real. Boneca idiota, assim como todo o resto.

Com nojo dela, eu a tiro de perto de mim, e sua cabeça atinge o canto da mesa de café com um barulho seco. Sua cabeça se vira, e eu a encaro, olhando fixamente para o sangue que floresce de uma ferida na parte de trás do crânio. O sangue não bombeia pra fora como se ela estivesse viva. É mais como uma infiltração, como se uma garrafa de ketchup fosse derrubada sem tampa.

Agora isso...

Isso me deixa muito duro.

Caminhando até seu corpo imóvel, eu passo a palma da minha mão na parte de trás da sua cabeça, então acaricio meu pau usando seu sangue perfeito como lubrificante.

— É isso, Benjamin, — aplaude Tanner. — Liberte esse monstro. Alimente seus impulsos.

Suas palavras se enfiam em minha mente e afastam qualquer fragmento de sanidade que eu tenho. Esta fera se enfurece com necessidade.

Bonequinha.

Bonequinha.

Bonequinha bonita.

Eu a tornarei minha novamente.

Eu só preciso *pegá-la*.

Nenhuma outra boneca servirá.

Minhas bolas se apertam violentamente enquanto eu sucumbo a mais um orgasmo desesperado. Faz muito tempo que eu tive um clímax satisfatório. E agora, eu tive dois seguidos. Eu olho para baixo com admiração, enquanto meu sêmen escorre na parte de trás de sua cabeça ensanguentada. Ainda estou olhando para ela quando Tanner se ajoelha diante de mim. Ele passa o dedo por um fluxo de sangue derramado na bochecha dela e levanta para a luz.

— Você ainda quer sua boneca antiga. Não muda isso, huh? — ele pergunta, seu olhar ainda na ponta de seu dedo sujo de sangue.

— Não, — eu admito, irritação invadindo meu peito. Ela não é minha antiga boneca; ela é a *única* boneca que me satisfaz.

— Talvez você deva ir pegá-la. Ela é o que realmente satisfaz seu monstro. Correto? — seus olhos de âmbar ardente se encontram com os meus, ele suga o sangue da boneca inútil de seu dedo.

— Ela é a única.

E ele sabe disso.

Fiquei bem por um tempo e sabia que o risco superaria o resultado se eu tentasse sequestrar minha boneca suja. Ter paciência é o melhor para começar de novo.

Um novo começo.

As possibilidades me intrigaram por um tempo. As mulheres que ele arranjava eram uma distração. Mas agora, a necessidade se tornou esmagadora, e eu me encontrei querendo saber tudo o que minha boneca suja fazia. Eu sei que a compulsão de levá-la se tornará forte demais para negar por mais tempo, e Tanner claramente sabe disso também.

Ele me dá um único aceno de cabeça. — Então vá buscá-la, Benjamin. Você a merece. Eu tomarei providências para abrigar você em um local seguro, mas você precisará apagar o detetive Scott. Ele será um problema de outra forma, e precisa parecer com o acidente que discutimos. Uma vez que cuidar dele, você vai fazê-la sofrer. Dessa forma, todos à sua volta vão acreditar na carta que ela acabará escrevendo para dizer que ela o deixou para escapar das lembranças esmagadoras dele.

Paciência.

Eu devo exercitar paciência.

Tanto quanto me deixa louco, eu sei que ele está certo.

Ele sorri e inclina a cabeça para me estudar. Ele tem feito isso nos últimos três anos.

— Para onde iremos? — pergunto, curioso onde seria suficientemente longe para esconder a realidade de seu sequestro, como se ela estivesse feito as malas e ido embora.

— Oh, você não vai a lugar algum, meu amigo. Nada vem de graça, e tenho medo de não querer me separar de você. Gostei muito de você para permitir que você desapareça da minha vista. Você não sentiria minha falta, Benjamin?

Eu sentiria falta dele? Não se eu tivesse minha boneca. Mas estou sem recursos para pegar minha boneca de volta, e Tanner tem sido uma linha de vida para mim. Se eu preciso de alguma coisa, ele fornece. Estou pronto para continuar sozinho... de novo?

Não.

— Eu sentiria falta do nosso tempo juntos, — admito, acenando com a cabeça para a boneca morta coberta pelo meu sêmen.

Uma explosão de risadas pesadas vem do peito de Tanner. — Na verdade. — então ele vira a cabeça para longe. — Wilson, — ele vai até o sujeito que está de pé na frente das cortinas vermelhas. — Ligue para fazerem uma limpeza completa aqui.

A cadela morta em breve estará se desintegrando em um balde de ácido.

* * *

Já faz alguns dias, mas as palavras de Tanner se repetem na minha cabeça. *‘Então vá buscá-la, Benjamin. Você merece’*. Eu de alguma forma me convenci a ficar longe todo esse tempo. Eu tinha muitas desculpas.

Alguém pode me reconhecer.

Eu posso ser pego.

Onde eu a levaria?

Pior ainda, e se ela não me excitar mais?

Sem minha boneca bonita como meu propósito, deixo de existir. Eu sou um homem que tem uma necessidade desesperada por algo que não é real. Algo que não é tangível. Mas e se eu vê-la e esses sentimentos me lavarem mais uma vez? Englobando tudo. Completamente.

‘Então vá buscá-la, Benjamin. Você a merece’.

Não há mais por que adiar. Tanner está se certificando de ter algum lugar para nós dois. Seguro.

É por isso que a acompanhei nos últimos dias. Está quase na hora. Eu observo enquanto ela leva sua filha para a creche. Eu observo enquanto ela dirige para a delegacia de polícia para trabalhar. Eu observo enquanto ela trabalha em casos na rua. E eu a observo enquanto ela e aquele idiota do seu marido voltam para casa juntos todas as noites como uma família. Eles sorriem enquanto cozinham o jantar e alimentam sua família.

Toda noite, volto para casa cada vez mais furioso. Não tenho nenhum maldito plano, mas eu quero que Dillon sofra - sofra de uma maneira que precisa parecer acidental.

Ela vai ficar de luto por ele, mas só até eu voltar para dentro dela e ela perceber mais uma vez que ele nunca teve a intenção de tocá-la. Ela pertence a mim. Comigo. Sempre fui eu.

Eu estou no piloto automático seguindo-a, tanto que eu quase me perco quando ela liga seu pisca para virar em um bairro que certamente não é o dela. Um sorriso se espalha nos meus lábios. Seu marido perdedor provavelmente não pode satisfazê-la. Ela provavelmente está dormindo com algum filho da puta estúpido. Eu vou matá-lo no momento em que ela sair.

Ou talvez esperar até um advogado pegar o divórcio.

Essa ideia coloca um sorriso no meu rosto.

Mas no momento em que eu presto atenção onde ela está parando, meu sorriso cai.

Por que ela está aqui?

Esta é a casa velha do meu pai antes de ser levado para a prisão. A casa que ele compartilhou com sua nova esposa. A esposa com quem ele ficou depois de fazer a minha mãe ficar louca. Ele nunca me trouxe aqui, mas li sobre a médica bonita, a esposa do chefe de polícia corrupto e bandido. Tanner foi quem me deu o endereço. Ele me disse para procurar a mulher e matá-la se isso me desse um fechamento para minha mãe. Vingança.

Mas não precisava buscar vingança em sua honra. Ela não merecia. Ela tirou minha Bethany de mim. Talvez, se não tivesse, minha vida seria completamente diferente.

Eu seria diferente.

Não, foda-se a médica e minha mãe.

Dirijo pela casa, mas não tiro meus olhos da minha pequena boneca enquanto ela tira sua filha do carro. Quando a porta da frente se abre, eu me viro e estaciono algumas casas a frente. Minha boneca bonita ainda está saindo do assento do carro quando uma garota desce os degraus em direção a eles.

Bethany?

Baque.

Baque.

Baque.

O tempo para enquanto ela vem na direção da minha boneca bonita.

Seu longo cabelo castanho voa com o vento. Ela não sorri. O olhar sombrio em seu rosto é exatamente da minha irmã.

Mas não é realmente minha irmã, minha Bethany.

Papai a escondeu, a curou, a concertou e ficou com ela o tempo todo?

Não.

Não.

Não.

Eu a vi morta. Eu enterrei seu corpo, porra. Isso é um truque. Com um rosnado, puxo o celular que Tanner insistiu que eu precisava do meu bolso, e clico na câmera, dando zoom.

Bethany protege seus olhos do sol do final da tarde que está começando a cair. Ela está usando um vestido floral que é curto e faz com que ela pareça mais jovem do que eu presumo que ela seja. Ele se encaixa em seu pequeno corpo. Meu corpo inteiro se excita com medo. Uma mistura de exaltação e confusão agitam e lutam dentro de mim. Suas características são pequenas, e um suspiro me escapa quando visões dos meus sete anos de idade nublam meus pensamentos.

Minha irmã, Bethany, que foi brutalmente pega pelo meu pai quando eu era tão jovem, e minha nova Bethany, que minha mãe roubou a luz. Essa garota é uma bela combinação de ambas.

Como isso é possível?

Depois de todo esse tempo, ela voltou para mim. Papai mentiu para mim quando ele disse que estava substituindo Bethany. Ela nunca foi embora. Ele sempre foi um bastardo doente e egoísta e manteve-a consigo mesmo.

Minha boneca suja entrega seu filho para minha Bethany, então ela volta para o carro, afastando-se.

E eu?

Estou encarando o passado, o presente, o milagre.

Eu olho enquanto ela entra e tento aguardar pacientemente, o que dura cerca de quarenta e cinco minutos. Antes que eu fique louco de antecipação, eu saio do meu carro e passo para atrás da árvore ao lado da casa.

Baque.

Baque.

Baque.

Certifico-me de andar com cuidado para não ser visto até estar ao lado da casa, usando o crepúsculo recentemente caído como minha capa de disfarce.

Chegando na porta lateral da garagem, eu viro a maçaneta, testando-a e, para minha felicidade ela se abre. Escorregar pra dentro da garagem é fácil. Quando chego à porta que conduz a casa, tenho mais cuidado. A porta abre uma fenda, apenas o suficiente para eu espiar.

De pé na cozinha, com as costas para mim, está Bethany, mexendo algo no fogão. Abro a porta um pouco mais, e os sons de Bob Esponja vem de outro ambiente. Uma menina está cantando a música do tema.

Por que minha Bethany está cuidando da filha da minha bonequinha suja?

Bethany começa a girar, então eu rapidamente fecho a porta e aperto minha orelha contra a madeira, ouvindo sua agitação pela cozinha. Uma vez que está quieto, eu a abro novamente.

Ela não está mais na cozinha, então aproveito o momento para escorregar para dentro. Olhando pela esquina, eu a encontro na sala de jantar, seus cabelos escuros ainda escondendo seu rosto enquanto ela

coloca talheres na mesa. A criança está sugando seu suco em seu corpo, dançando à música do desenho animado. Escondo atrás da parede e uso o espelho no canto dela para vê-la.

— Coma todo o seu macarrão, MJ, e iremos brincar de vestir uma fantasia, — diz Bethany. Não me lembro de que sua voz era tão suave e infantil. Algo sobre isso arranha dentro de mim. É melhor do que eu lembro. A criança brinca com emoção e começa a comer a comida.

A cabeça de Bethany gira quando ela olha para o relógio, me dando uma visão desobstruída de seu rosto. O mesmo nariz. Um monte de sardas nas bochechas. Lábios cheios e perfeitos. Olhos amplos, uma mistura perfeita de marrom e verde. Essas são minhas duas coisas favoritas em Bethany, todos envoltos em forma perfeita de boneca.

O meu pau endurece quase que instantaneamente.

Eu senti falta de todas as garotas Bethany que o pai trouxe e depois tirou de mim. Mas a que mais sentia falta era a que estava parada como uma réplica perfeita dentro desta casa.

Eu esfrego meu pau quando olho sua forma perfeita reencarnada. Ela é linda. Eu adorei e detestei-a por tanto tempo... e agora, ela finalmente está aqui.

Meu telefone começa a zumbir no meu bolso, e eu congelo. O sulco das sobrelanceiras de Bethany se aprofunda enquanto ela escuta, mas já estou saindo, entrando na garagem para não ser pego. Deslizando a porta lateral, me lanço na parte traseira do meu carro. Uma vez dentro, não consigo impedir que meu coração bata forte.

Baque.

Baque.

Baque.

Ela está aqui.

Vejo uma ligação de Tanner e uma mensagem.

Tanner: Onde você está?

Eu esfrego meu rosto antes de responder ao meu amigo.

Eu: Encontrei minha Bethany.

Três pontos se movem antes que ele responda.

Tanner: Como, sua irmã?

Tanner conhece alguma coisa do meu passado, mas apenas fragmentos que escolhi compartilhar.

Eu: Sim.

As garotas Bethany que vieram e se foram não eram realmente minhas irmãs de sangue. Elas receberam seu nome e título de irmã, e isso me fez sentir menos sozinho no mundo vazio. Esta é a verdadeira.

Tanner: Chegar até ela é uma má ideia. Não quero perder meu amigo porque ele fez algo irracional. Lembre-se, você está livre agora. Não deixe que eles te usem novamente. O planejamento é fundamental em tudo o que você faz.

Eu sorrio porque estou em êxtase. Ele está certo, no entanto. Eu não posso simplesmente entrar, dizer a ela que eu sou seu irmão e ela pertence a mim e depois pegá-la.

Pelo menos ainda não.

Eu preciso fazer uma casa para ela primeiro.

Então, volto para minha irmã.

Minha Bethany.

Minha nova boneca perfeita.

Eu: Você está certo. Eu não vou foder nada.

Tanner: É claro que você não vai foder, Benjamin.

Com o meu olhar em sua casa, que parece brilhar como um farol no escuro, eu abro minha calça. Pego meu pau dolorido na minha mão ansiosa, e eu me acaricio furiosamente enquanto eu a vejo se mover na frente das janelas.

Eu a encontrei.

Eu a encontrei, porra.

Tanner sempre disse que havia uma razão pela qual eu sobrevivi. Um plano estava em vigor para mim, eu só precisava ser paciente. Ele estava certo. Ela esteve aqui esperando eu encontrá-la. E eu encontrei.

Eu me masturbo forte com Bethany em minha mente, e isso me faz sentir sujo e eufórico, tudo de uma vez. Mamãe disse que não

poderia estar com ela assim. Mas nós queríamos isso. Bethany queria isso mais do que qualquer coisa, e eu não vou deixá-la fugir de novo. É só quando vejo o carro da minha boneca suja voltando, que eu me lembro.

Não a segui.

Não pensei nela.

Eu não fiquei obcecado com ela.

Eu não a queria.

A necessidade e a ira se evaporaram quando Bethany saiu daquela casa.

Pela primeira vez em todos os anos desde que conheci minha boneca suja, levando-a e amando-a, meus pensamentos não se concentraram nela. A dor que se intensificou com cada dia que passou desapareceu e me senti livre. Mais livre do que nunca.

Bethany está de volta, e a necessidade de vê-la anulou a necessidade de seguir minha boneca suja.

Eu sorrio. Como eu não poderia sorrir?

* * *

Meus pensamentos estão nublados com Bethany quando Lucy, a gerente do bar do clube de Tanner, me traz mais uma bebida. Seu cabelo loiro está puxado em um elegante rabo de cavalo. Lucy é alta e tem lindos peitos, mas ela não é meu tipo. Ela sempre permanece ao meu redor, puxando a lâmina de sua faca na superfície do bar, mesmo sabendo o que e quem eu sou. Qualquer outra mulher se afastaria, mas não ela. Ela não é uma mulher típica, no entanto.

Ela é sádica. Obcecada com as malditas facas.

A cadela meio que me lembra aquela pequena psicopata loira dos filmes *Kill Bill* que Tanner me fez assistir. Uma Thurman, talvez? Esbelta e leve, mas fodida.

— Eu tenho outra coisa para você. — ela sorri antes de deslizar minha bebida na mesa e me entregar um bloco de notas.

— O que é isso?

— Alguns sites que podem ser do seu agrado. Tenho um novo contato que oferece algo que eu acho que você gostaria. — ela pisca, então se dirige para ajudar um cliente.

Por que ela se preocupa com minhas fodidas necessidades, a paranoia tomou conta da sua cabeça feia.

Todo mundo tem um preço, e se ela acha que vou deixá-la brincar comigo com sua faca e ser seu brinquedo, ela está muito enganada.

Ela tinha ficado obcecada com as cicatrizes e o limiar da dor, e ofereceu tudo e qualquer coisa para eu ser seu submisso por um dia. A vadia está louca se acha que ela poderia me fazer me curvar diante dela.

Eu folheio as notas, e a curiosidade acena para o meu computador.

* * *

— Eu vou continuar procurando informações sobre sua irmã, — promete Tanner enquanto entra no meu pequeno escritório e pega um caderno na minha mesa. — Não houve menção nela nos jornais quando o seu pai foi preso. — recebi uma nova identificação, um escritório e um cargo para todos os efeitos.

Graças a Tanner.

Sempre graças a Tanner.

— O que é isso? — ele começa a folhear o caderno.

Eu tiro de sua mão e franzo o cenho. — Não é nada.

Seus olhos são fogo líquido quando suas narinas inflamam. — Não somos amigos?

Aperto meu maxilar e coço meu pescoço. — Somos.

Arrancando o caderno de mim, ele se vira novamente antes de olhar para alguns sites que foram recém-gravados.

— Todos são terríveis, — ele grunhe.

— Eu sei, — eu concordo. — Eu ainda estou procurando bons.

Agarrando uma caneta, ele escreve um site. — Este é novo. Não é facilmente encontrado, porque eles oferecem algumas merdas de acessórios sexuais que a maior parte do mundo não consegue lidar. Use esse login e olhe.

Até que eu tenha de volta minha Bethany, eu preciso satisfazer os impulsos que me agarraram de dentro para fora. Estou em conflito e confuso. Minha boneca bonita foi meu foco por tanto tempo, mas agora...

— Vamos dar uma olhada, — diz Tanner. — Há um em particular que eu acho que você vai gostar. Eu a encontrei na noite passada e fiz algumas perguntas. — ele lambe os lábios, tocando no lado do laptop na minha frente.

Eu clico no site, em seguida, saio para longe para que ele possa digitar o que está procurando: *Pretty New Doll*.

Meu pau fica duro novamente. E quando um site carrega, luxúria se espalha pelas minhas terminações nervosas.

PrettyNewDoll é seu pseudônimo. Meu estômago se contorce.

Pretty New Doll, como minha boneca bonita...

O cabelo vermelho ondulado acentua suas características. Seus vestidos são perfeitos e parecem ser costurados à mão, fazendo barulho no meu peito. E enquanto eu deslizo para baixo, estou extasiado por descobrir imagens dela inclinada, revelando calcinha de renda branca.

Uma boneca perfeita.

Tirando a cor do cabelo, tudo sobre ela é perfeito.

Ela usa longas sobrancelhas que escondem a cor de seus olhos, mas também funciona para mim. Eu poderia ficar olhando essa boneca. Ela é pequena, lisa, perfeita.

— Aparentemente, ela faz entradas ao vivo às vezes, mas não sexual, apenas provocação. Toda a comunidade aparentemente gosta dessa garota. Entrei no link do site na noite passada. Não importa que tipo de fetiche eles têm, e mesmo que ela não faça uma exibição sexual, todos são obcecados por ela. — ele sorri maliciosamente. — Eu iria conseguir um preço e guardá-la para você. Puxar algumas cordas e mexer meus pauzinhos e consegui-la para você. Todo mundo tem um

preço. Mas desde que você é impaciente, isso terá que servir por enquanto, — diz Tanner. — O que você acha?

— Eu a quero.

Ele ri. — É claro que sim, amigo. E você vai tê-la. Deixe-me ver o que posso descobrir sobre ela. Até onde sabemos, ela poderia estar na China.

Torcendo meu pescoço de novo, inclino-me para admirar sua pele de porcelana. — Então nós a seguimos. Onde quer que esteja, eu a quero.

Ele aperta meu ombro. — Nós a encontraremos. Enquanto isso, eu preciso que você me faça um favor.

Eu aceno com a cabeça enquanto passo suas fotos. Tanner pede favores de vez em quando, e eles nunca são algo que eu não possa lidar. Pra ser honesto, eu gosto dos favores que ele me pede.

Tirando uma foto do bolso, ele bate na mesa. — O endereço está na parte de trás. Faça acontecer. Esta noite.

Minha linda boneca nova terá que esperar.

Mas não por muito tempo. Em breve, vou ter ela e minha irmã. A vida será perfeita novamente. Chegando a uma folha limpa do meu caderno, eu começo a rabiscar tudo o que eu preciso para construir uma cela para abrigar meus objetos de estimação - uma muito melhor do que a que eu tinha antes. Quando eu termino, Tanner arranca a folha do caderno e a coloca no bolso.

— Sabe, uma mão lava a outra, — ele diz antes de se afastar sem mais uma palavra.

Quando Tanner fala isso, quer dizer que ele vai me ajudar se eu conseguir o que ele quer.

Fico de pé e pego meu casaco. Ao sair, eu guardo minha faca.

Estou empolgado e pronto para derramar sangue.

Os favores de Tanner são divertidos.

Capítulo dois

Sem obstáculos

DILLON

Eu tenho visto muitas cenas de crime, mas nenhum deles fez minha bile subir na garganta assim antes.

Ê a porra de um pau que eu estou olhando?

Quem diabos esse pobre filho de puta irritou?

— O que nós temos? — eu levanto meu queixo para um cara de uniforme que eu não conheço.

Ele me oferece uma máscara facial, e eu coloco para cobrir meu nariz.

— Homicídio, — ele diz.

Sem essa de merda de homicídio, Sherlock. Ninguém pode fazer isso sozinho ou afirmar que foi um acidente.

‘Desculpe, ele escorregou e pousou na minha faca enquanto eu estava fazendo kababs. Não percebi que não era frango até que ele estava em pedaços’.

Maldito idiota.

Eu lhe dou um olhar desconfiado, que geralmente faz o policial uniformizado se atrapalhar, mas ele simplesmente fica parado como um peixe fora da água.

— E?

— Não há sinal de entrada forçada, — ele diz devagar. — Então, eu suponho que ele conhecesse o assassino.

— Você não é pago para supor, e você está pisoteando em toda a minha cena do crime. — eu aponto a carne ensanguentada em seu sapato.

Descendo o olhar para seus pés, seus olhos se arregalam e seu corpo gira, então ele está correndo em direção a um lixo e esvaziando o conteúdo do estômago. O pedaço de carne, que parece uma orelha, ainda está preso à sola do sapato dele.

— Pare de se mexer, — eu aviso.

— Alguém tire essa orelha, — Marcus grita, balançando a cabeça enquanto ele se aproxima de onde eu estou de pé. — A vizinha não ouviu nada. Ela disse que o cara é Maximus Law. Ele possui um clube chamado Rebel's Reds.

Eu conheço o lugar. É uma merda para sadistas transarem.

— Rivalidade? — eu pergunto. Os proprietários dos clubes, especialmente os sádicos, mergulham no mundo criminoso e podem se tornar competitivos.

— Talvez rancor. — Marcus enruga o nariz.

— Isso não foi apenas um aviso ou mensagem, — declaro. — Alguém gosta de desmembrar corpos. Promover matança. Há sangue em cada centímetro desse lugar.

— Isso é dele...? — Marcus sai, olhando para o membro no chão.

— Sim, — eu digo. — Vamos encontrar a linha de tempo que leva a morte.

Sacudindo o olhar perturbado de seu rosto, ele acena com a cabeça. — Já está sendo feito. CSI chegou. Vamos limpar a cena.

Com prazer.

— Eu quero depoimentos de todos neste edifício. Alguém tem que ter visto algo, mesmo achando que não viram. — eu lato para os policiais de uniformes agora bloqueando o corredor.

— O clube? — Marcus questiona.

— Parece.

Preciso pegar as meninas para o jantar.

Puxando a meu celular do bolso, digito as informações do contato de Jade e escuto o som doce da voz dela.

Não importa quantos anos passem, eu ainda não consigo tirar o suficiente dela. Apenas o som de sua voz acalma minha alma.

Ring.

Ring.

— Ei, querido, — ela respira na linha, e eu me sinto relaxando.

— Como foi sua consulta?

Grávida de seis meses e ainda se recusa a desacelerar ou contratar uma babá.

Ela tem ficado parcialmente na delegacia desde que MJ nasceu, e não tê-la sempre lá, foi difícil de acostumar, mas saber que eu vou chegar em casa e encontrar com ela e nosso bebê todas as noites era melhor do que eu pensava. A vida é boa. Boa demais.

— Foi bem. Eu estou a caminho de pegar MJ agora.

— Como estão os gêmeos?

— Elise está no campus, então apenas Elizabeth está lá, — ela diz com um suspiro. — Ela parece bem, mas você nunca sabe como ela está.

— Eu vou ficar com elas neste fim de semana, — eu ofereço, sabendo que ela se preocupa com as meninas.

— Obrigada. Eu sei que você está ocupado, mas...

— Você não precisa me agradecer ou explicar. Eu também me importo com elas, e não é um problema.

Maryann, a mãe dos gêmeos e a atual ex-esposa de Stanton, tem ficado muito no hospital por causa dos seus horários. Convenções médicas ou alguma merda assim, e as meninas são praticamente deixadas à própria sorte agora que têm dezenove anos.

— Tudo bem, — ela sussurra, e meu pau se contrai só de pensar nela sem fôlego e toda necessitada.

— Eu vou chegar atrasado esta noite, mas tente ficar acordada para mim, ok?

— Mmmm, — ela concorda. — E se eu estiver dormindo, certifique-se de me acordar.

Sim, minha garota é tão carente de mim quanto eu sou por ela. Com certeza a acordarei.

— Te amo, — digo antes de cortar a ligação. Ignoro o sorriso de merda que Marcus tem no rosto. Tenho certeza de que o filho da puta clareou seus dentes. Ele tem minha idade, mas ele é definitivamente muito mais suave do que minha bunda áspera. Eu vi Jade verificar seu traseiro uma ou duas vezes.

— Vocês são tão fofos, — ele suspira, suas sobrancelhas vibram de forma dramática.

Dou uma tapa rápido em seu braço e a essa merda para.

— Quando você vai parar de agir como uma mulher, James, e se casar com uma?

O detetive Marcus James estava solteiro desde o ano passado depois de estar com a mesma mulher há quase uma década. Longas horas longe de casa, sem atender às necessidades dela, a colocou nos braços de um playboy rico. Ele chutou a bunda dela depois de algumas semanas, e ela veio correndo para Marcus com o rabo entre as pernas. Que pena, ela não contava que ele jamais iria perdoá-la.

Ele se atirou ainda mais no trabalho, mas da minha experiência - e todos os outros detetives dirão o mesmo - você precisa de alguém para voltar para casa, para lavar toda a merda que temos que testemunhar e nos mostrar o bem no mundo, então o mau não nos infeta e nos corrompe.

— Estou na verdade vendo alguém. — ele encolhe os ombros, abrindo a porta do carro e colocando o código postal no navegador.

Que diabos?

— Quem e, desde quando? — costurando pelo trânsito, o olho algumas vezes, esperando que ele vomite os detalhes. Todos os dias eu estou com esse idiota, e nenhuma vez ele mencionou uma mulher.

Ele levanta as mãos em rendição. — É realmente novo e ela é mais nova que eu. Não tenho certeza onde isso vai dar, mas...

— Mas o que, filho da puta?

— Mas é bom. Eu me sinto bem pela primeira vez em muito tempo.

Bem, se isso não me faz sorrir como uma puta adolescente. Quem é a mulher agora?

— Quantos anos ela tem? — pergunto.

— Vinte e cinco.

— Essa é uma boa idade, — eu digo a ele. — O sexo chega aos picos sexuais aos vinte e cinco.

Sinto seu olhar estreitado, queimando um buraco no lado da minha cabeça.

— O quê? — eu pergunto.

— Como diabos você saberia disso?

— Eu sou um detetive. É meu trabalho saber esse tipo de merda importante, — respondo.

Ele explode em uma risada saudável, que me faz rir também.

Quando o riso para, pergunto: — Então, como ela se chama?

Ele sorri e move seus olhos para mim. — Lisa.

— Devemos jantar em algum momento, — eu digo a ele.

Marcus balança a cabeça. — Eu acho que sim.

Bem, isso é um bom sinal. Ela deve ter ganhado o coração dele.

Diminuo a velocidade do carro, e eu o coloco em um espaço de estacionamento na parte de trás do clube Rebel's Reds. A silhueta vermelha de uma mulher peituda pisca na luz acima da entrada.

— Original, — Marcus resmunga, levantando os olhos para a placa.

Abrindo a porta, um homem pesado está do outro lado, nos cumprimentando com um encarar.

— Cartão de membro? — ele grunhe.

Eu puxo a ele o meu crachá com um olhar presunçoso. — Eu tenho esse aqui.

Ele rola os olhos e olha para o bar antes de gritar: — Morris, os porcos estão aqui.

Eu viajei de volta aos anos noventa? Eu não achei que as pessoas nos chamassem de porcos mais.

Caminhando até Morris, mostro a ele brevemente o meu crachá antes de empurrá-lo de volta no bolso das minhas calças. — Você tem um lugar onde podemos conversar?

— O dono ainda não chegou, — ele avisa, seus olhos parando no bar que ele está limpando com um pano.

— Ele também não virá, — Marcus diz enquanto tira o pano do sujeito e o joga. — Ele está em cerca de trinta pedaços atrás da casa dele.

— O-o quê? — Morris explode, agora nos dando toda a atenção.

— Quando foi a última vez que viu o Sr. Law?

Ele dobra os braços sobre o peito e franze a testa. — Noite passada. Ele saiu por volta das duas da manhã. Ele levou uma das meninas com ele. — ele olha ao redor da sala. Mulheres meio nuas andam ao redor do lugar com homens idosos driblando suas cadeiras enquanto observam cada movimento, e garotas nuas se envolvem em seus pole dance como se fosse parte de seu DNA. Não está tão cheio, mas a atmosfera é decadente e úmida. As paredes são cinza escuro com painéis espelhados, sofás redondos brancos e camas à sua frente. Tudo parece que é feito de PVC. De fácil limpeza. É barato, e não justifica que alguém mate por rivalidade.

— Scarlet, — Morris chama, e uma das muitas barmaids ruivas olha para cima, fechando os lábios. — Quem saiu com Max ontem à noite?

Rolando os olhos, ela se vira, gritando por cima do seu ombro, — Uma das novas aquisições, Jessica Rabbit, ele a chamou. Ela parece uma merda, na minha opinião.

Nova aquisição?

O rosto de Morris fica vermelho.

— Ele está comprando mulheres? — eu pergunto com uma sobrancelha levantada.

Morris encolhe os ombros. — Eu não sei nada sobre isso. Eu apenas trabalho no bar.

— Sim, certo, — eu rosno. — Onde é o escritório de Law?

Ele se agacha mexendo em alguns copos, mantendo a cabeça baixa, e Marcus bate a mão no bar. — Você quer que nós fechemos este lugar e levamos todo mundo pra depor?

Morris solta uma respiração irritada. — É na parte de trás. Código oito, um, seis.

Meu olhar deixa seus olhos se dirigindo para o grande idiota na porta. Ele está preocupado com o que podemos encontrar no escritório de Law, mas ele está mais preocupado em ser interrogado, então não vamos precisar de um mandado.

Sigo Marcus através de uma porta atrás do bar. As paredes do corredor para o escritório são pintadas de um vermelho profundo com imagens de velhos cantores clássicos. Há um conjunto de portas duplas à direita, e Marcus atravessa, enfiando a cabeça.

— Que merda? — ele murmura enquanto entra.

Eu sigo atrás dele e paro. Caixas, caixas fodidas com mulheres nuas dentro. Conto oito delas. Marcus imediatamente se precipita e tenta abri-las, mas elas estão protegidas com cadeados. Memórias de Jade e aquele doente fodido me fazem sentir raiva, arrepiando minha pele.

— Vou dar um jeito nisso, — eu falo antes de me virar e sair da sala.

Voltando para o bar, olho em volta. Morris está longe de ser visto. Eu abro a porra da porta e tropeço no meu carro, revirando o porta malas procurando por meus cortadores e parafusos. Enquanto eu estou caminhando pelas portas do clube, o cara grande abre sua boca estúpida.

— Eles pagaram por isso, porco. Nenhuma caixa será quebrada.

Que filho de puta estúpido.

Eu fecho minha mão e dou um soco diretamente em seu rim. Ele se curva com dor, e pego sua cabeça suada e carnuda e dou uma joelhada para cumprimentá-lo. Ele geme, caindo no chão. Seu tamanho

pode valer algo para o dono do clube, mas eu me encontro com pedaços de merda como ele todos os dias.

— Violência policial, — ele geme, segurando seu nariz quebrado.

— Você tropeçou, porra, — rosno.

Marcus está no telefone pedindo apoio quando entro no escritório e todas as meninas estão amontoadas na porta de suas caixas. Eu quebro os cadeados um a um, e cada garota, tímida e cautelosa, sai.

Algumas delas parecem muito jovens. Muito provavelmente ainda na adolescência.

— Está bem. Vocês estão seguras. — eu tento as acalmar mostrando meu distintivo. — Vocês podem me dizer o que estão fazendo aqui?

Olhos largos me encaram de uma garota loira. Seus braços cobrem seus seios e ela cruza as pernas - não a posição usual de uma prostituta, que apenas aperta meu peito. Essas mulheres não estão aqui de bom grado. Talvez aquele filho da puta do Law mereceu o que ele teve.

— YA zaplatil za azartnyye igry moyego ottsa, — a menina na minha frente explode.

O que é isso? Russo?

— Eu não falo russo, — eu digo a ela.

— O homem me comprou, — ela diz timidamente.

E essa investigação ficou muito mais complicada.

— Pegue o telefone. Consiga um tradutor e Segurança Interna.

— Ok.

— E, Marcus, — eu continuo enquanto ele olha por cima de seu ombro para mim, — feche esse maldito lugar.

* * *

Virando a chave, a escuridão me cumprimenta no corredor da nossa casa. Há um pequeno brilho de luz vindo da área da cozinha, e um sorriso levanta os cantos dos meus lábios.

Eu sei que vou encontrar comida e cerveja deixada para mim. Verificando o relógio piscando para mim do forno, suspiro. É bem depois da uma da manhã e acabo de chegar em casa. Estou feliz por ela não ter esperado por mim. Essa gravidez, como a última, não é a mais fácil. É um milagre que concebemos tão facilmente com tanta cicatriz no seu colo do útero. Suas gravidezes são de maior risco, mas por mais arriscado, não há nada como ver a mulher que você ama carregar seu filho.

Meus pensamentos vão até as mulheres que resgatamos esta noite. Todas foram traficadas da Rússia. Maximus tinha os contatos com nomes e números escritos em um caderno, suas finanças são rastreáveis. Ele era um amador, e não há dúvida de o que o matou.

Os círculos em que ele andava, não gostam de extremidades soltas ou compradores descuidados. Ser superficial e se juntar com criminosos procurados também não pega bem. Eu tenho mais depoimentos para passar amanhã com a equipe, e espero que a CCTV dentro do clube nos dê um rumo para seguir. Geralmente, quando um pedaço de merda como Maximus é morto, eu não passaria uma noite sem dormir preocupado com seu assassino. Mas a forma como ele foi mutilado e as circunstâncias das mulheres traficadas... eu sei que isso levará a peixes maiores e talvez podemos salvar mais mulheres. Os traficantes de seres humanos são o flagelo da terra, e acabar com estes fodidos vale todas as noites sem dormir.

O cheiro de comida cozida causa um ruído no meu estômago. Torcendo a tampa de uma cerveja, tomo um gole antes de devorar a comida. Estou enxaguando minha tigela quando mãos pequenas se envolvem em minha cintura.

— Eu pensei ter ouvido você entrar, — sussurra Jade contra minhas costas.

Virando os braços, eu a puxo mais perto, um sorriso enrubescendo o rosto quando eu vejo uma Glock no balcão. Ela é uma mamãe urso protetora, e é mais do que eu gostaria de admitir.

— Desculpe se eu te acordei, — eu digo a ela, beijando o topo de sua cabeça.

— Eu pedi para você me acordar. — ela sorri contra meu peito, sua barriga inchada entre nós.

Afastando-se, ela inclina a cabeça, olhando para mim.

— Ei, — ela murmura.

Porra, eu amo essa mulher. Ela está mais relaxada desta vez com a gravidez agora que Benny está morto e ela não tem esse medo constante que a atormenta que ele virá para ela, ou pior, MJ. É natural que ela tenha esses sentimentos e mesmo com ele desaparecido, a ansiedade pode fazer as feridas antigas voltarem.

Um tempo atrás, MJ estava segurando uma boneca fodida que cantou de repente uma música na parte de trás do carro quando estávamos fazendo nossa viagem anual a sua sepultura - o local não marcado onde Jade o queimou dentro da prisão que ele a manteve.

Ambos quase disparamos na boneca, Jade acusando seu fantasma de foder com ela. Era quase cômico se seu terror não fosse tão doloroso de testemunhar. Uma rápida chamada para minha mãe, porém, deixou sua mente em repouso quando ela disse que achava ter comprado na última vez que ela ficou com MJ. Minha mãe está sempre comprando merdas que ela não precisa. Inferno, todos nós estamos sempre comprando merdas que ela não precisa.

— Ei, querida, — eu murmuro.

— Dia duro?

— Foi um daqueles dias, — eu digo a ela, sabendo que ela entende exatamente o que isso significa. Ela já teve aqueles dias.

— Deixe-me melhorar. — ela morde o lábio enquanto suas mãos abrem meu cinto. Então, ela está abaixando minhas calças.

Agarro sob seus braços, eu a levanto. — O chão está frio. Deixe-me cuidar de você. — com certeza não quero que minha esposa grávida se ajoelhe no chão de azulejo frio para chupar meu pau.

Levanto-a no balcão e abro seu robe. Ela está nua por baixo, sua pele de azeitona macia e cremosa, seus peitos inchados e implorando para eu dar atenção que eles merecem. Adoro a forma como seus mamilos escurecem quando está grávida. Sua barriga inchada parece que ela engoliu um pequeno melão. Eu empurro gentilmente seus ombros, e ela se inclina para trás em seus cotovelos. Sua buceta se abre

como uma flor madura enquanto ela abre suas pernas para mim, e a excitação úmida acaricia os lábios da sua buceta, dando água na boca.

Inclinando, sinto o gosto dela, provocando seu clitóris com movimentos sutis. Seus quadris tremem quando mergulho minha língua dentro de sua abertura necessitada. Minhas mãos acariciam seu corpo e agarram seus peitos perfeitos, rolando o mamilo entre meus dedos e polegares.

Seus quadris tremem, e eu sei que ela precisa de mim no clitóris. Movo meus dedos traçando sobre o botão palpitante e sugo enquanto eu deslizo dois dedos dentro dela. Curvando-os para que as pontas a acertem no lugar certo, até que ela esteja se contorcendo.

— Isso... ai, porra, não pare, — ela chora.

Quando sua libertação inunda meus dedos, é a coisa mais sexy e me envia para um frenesi. Toda. Fodida. Vez.

Puxando meu rosto para longe, eu alinho meu pau e empurro com um impulso firme. Enrolando meus braços ao redor de cada coxa, eu puxo seu traseiro para fora da borda do balcão e balanço meus quadris para dentro dela. Suas mãos acariciam seus peitos, me deixando mais duro do que granito. Eu aumento meu impulso em sua buceta apertada, saboreando a liberação quente e úmida acariciando meu pau com cada golpe.

Isso é exatamente o que eu precisava depois de um dia como hoje.

Minhas bolas se apertam quando meu orgasmo está próximo, e assim que estou prestes a explodir, eu puxo e deixo os rastros do meu sêmen sobre sua bela barriga.

Ambos estamos respirando pesado, saciados e precisando de um banho.

Como se estivesse lendo minha mente, ela diz, — Vamos tomar um bom banho agora.

Isso parece perfeito.

Capítulo três

Estranho

BENNY

Ele gritava demais.

Isso me irritou.

O medo é muito mais emocionante quando é silencioso - nos olhos e no tremor de sua carne. A garota não esperava, e seu medo era perfeito. Ela ficou congelada, até que me ver destruindo quem aquele homem era para ela e se tornou demais, fazendo com que ela desmaiasse. Sua forma amontoada era um prêmio com o qual eu não esperava, e geralmente não animava, mas aqui estava eu e ali estava ela.

Ouvindo a porta destrancar me alerta da chegada de Tanner. Além de mim, ele é o único que tem chaves da casa - da sua casa.

Seus passos pesados param ao meu lado. Seu perfume enche o ar, e a atmosfera muda quando sinto que ele viu a menina. Ela é morena, jovem, bonita, mais pesada do que eu geralmente gosto que elas sejam, mas havia algo sobre seu silêncio quando ela me viu pela primeira vez, me viu matar aquele homem, isso me intrigou. A violência não era novidade para ela, nem a morte.

— Quem é essa? — pergunta Tanner, dobrando os braços e estudando as mulheres adormecidas no meu sofá.

— Ela estava no apartamento do trabalho que você me deu.

Eu vejo sua sobrancelha arquear. — E você decidiu levá-la com você?

— Parecia um desperdício apenas acabar com ela lá.

Tanner dá poucos passos para onde ela dorme e afasta seu cabelo do rosto. — Ela é linda.

Sim, ela é.

— Você conhece as regras.

Sim. Não sequestramos nem matamos aleatoriamente. Se ela está fugindo ou sendo procurada, isso poderia respingar em nós.

— Acorde ela.

Pego a bebida que coloquei na mesa momentos antes e lanço o líquido nela.

Um suspiro ecoa através do apartamento enquanto ela se senta. Os olhos dela se alargam quando ela me vê diante dela. Tanner move-se para o meu lado, e seus olhos verdes pálidos voam para ele, depois de volta para mim.

— Quem é você? — pergunta Tanner com um tom suave - um tom quando ele sendo cauteloso.

— Dina, — ela responde com um forte sotaque, pronunciando o nome DEEnh.

— O que você estava fazendo com Maximus?

Suas sobrancelhas se juntam na menção do nome do homem morto.

— O homem com quem você estava hoje à noite, — Tanner esclarece, inclinando-se para frente com uma mão estendida para arrumar um fio de cabelo atrás de sua orelha.

— Ele é meu dono, — ela sussurra.

— Você faz parte da última remessa? — a cabeça dele se inclina para o lado enquanto estuda seu esboço. Ela está usando um vestido preto apertado que mal cobre sua bunda. Ela está sentada de joelhos, com os braços apoiados nos lados. Ela não se afasta do seu toque.

— Sim.

— O seu inglês é bom?

Ela encolhe os ombros e acena com a cabeça de acordo. — Minha mãe era inglesa.

— Seu dono está morto, — ele comenta com prazer.

Seus olhos verdes se aproximam de mim, e ela mais uma vez acena com a cabeça.

— Você quer ser livre, Dina, ou você gostaria de um novo mestre? — ele desliza a mão pela sua bochecha antes de agarrar o queixo e trazer seus olhos para ele. Seu peito começa a se mover rapidamente. Tanner desliza o polegar na boca, explorando o calor. Puxando a mão, ele se aproxima do decote do vestido dela. Pegando-o em ambas as mãos, ele puxa. Um rasgo perfura o ar, e o tecido cai, expondo a carne abaixo. Seus seios pequenos e redondos têm mamilos cor-de-rosa que combinam com a cor de seus lábios. Seu estômago arredondado é salpicado com pequenas pintas. Ela não está usando calcinha, e apenas o V de sua buceta está a mostra, a fenda escondida entre as pernas fechadas.

— Maximus te fodeu? — diz Tanner.

Ela sacode a cabeça, não.

— Você quer abrir suas pernas para mim? — ele diz isso como uma pergunta, mas está dizendo com tanta autoridade que mais parece uma ordem. Mesmo a mais tímida das garotas teria dificuldade em negar esse homem.

É algo que eu admiro sobre ele.

Movendo-se no sofá, ela abre as pernas.

Sua buceta é tão rosa quanto seus mamilos. Ela tem um clitóris em forma de flor, como uma tulipa em seus lábios. Ela tem sido muito usada, e isso aparece em seu comportamento e na abertura de sua buceta.

— Eu quero cheirar você. Posso? — pergunta Tanner, mas, novamente, é mais um aviso. Ele recebe a reação com que está acostumado: um gesto ansioso, mas não completamente seguro.

A umidade brilha entre as coxas dela. Ela nunca seria uma boa boneca, mas eu a trouxe aqui por esse motivo. Para brincar com Tanner. Uma ligação de dois monstros.

Tanner se inclina sobre um joelho e inala entre as coxas dela. — Você é uma puta suja que quer que eu encha sua buceta? — ele respira, fechando os olhos antes de abri-los, as chamais âmbar tremem em suas pupilas. — Você gostaria que eu fodesse você?

Ela acena com a cabeça. Sim. Sempre sim.

— Não, — ele alerta. — Use palavras.

Ela olha para mim, depois de volta para Tanner, seu rosto corando.

O amplo riso de Tanner atravessa a sala.

— Você quer que nós dois fodemos seus buracos? Que garota suja e atrevida você é.

Agarrando seu pulso, ele a arranca do sofá, e seu corpo colide com o dele. — Monstro, que buraco você gostaria? — ele gira, então ele está de frente para mim e ela, de costas.

— Bunda, — eu escolho.

Um sorriso perverso se espalha sobre seu rosto.

Sua mão desabotoa as calças do terno, soltando seu pau duro e grosso. Ele tem mais circunferência do que eu, mas o meu é maior. Com uma mão, ele consegue rolar um preservativo pelo seu comprimento, provavelmente ela poderia passar alguma doença.

— Nós não sabemos quantos visitantes essa buceta recebeu, — ele zomba de seu ombro antes de me jogar um preservativo.

Levantando-a pelo tronco, as pernas se enrolaram em sua cintura antes que ele a força sobre ele. Seu suspiro de dor faz meu sangue escorrer por minhas veias. A mão dele aperta a garganta dela, forçando seu queixo a olhar para ele. — Eu quero que você sangre. Você quer sangrar por mim? — Tanner manda enquanto ele caminha até o sofá e solta seu peso.

Ela salta em cima dele, gritando: — Sim.

Pegando ela de volta, ele solta o pescoço e solta sua gravata antes de liberá-la. Encontrando minhas pernas, eu mudo para a ação. Pegando a gravata, eu amarro seus braços atrás das costas descansando perto da sua bunda. Meu pulso se acelera quando ela se move sobre ele, triturando os quadris.

Libertando o meu pau, acaricio o preservativo lubrificado enquanto eu puxo pelo meu comprimento latejante. Eu tiro minha camisa sobre minha cabeça e pego a faca que está na segurança da bota antes de chutá-las, seguido pelo meu jeans.

As mãos de Tanner voltam para o pescoço dela, puxando-a para baixo sobre ele, de modo que sua bunda esteja acessível para mim. Pego a faca e passo em seu pulso esquerdo, depois no direito. A libertação de uma respiração estridente que escapa de seus lábios e o tremor de seu corpo engrossa meu pau ainda mais. Um rio vermelho desce pela rachadura da sua bunda e eu espalho cada lado procurando o buraco franzido.

— Dói, — ela geme, tentando se afastar de Tanner.

— Claro, — Tanner geme. — Todo o bom sexo dói. — ele aperta sua garganta, gemendo.

Mergulhando os dedos no sangue agora escorrendo entre as pernas de Tanner e se acumulando no sofá onde meus joelhos descansam, eu enfio meu pau dentro de seu buraco apertado. Ela engasga e geme através da respiração restrita que Tanner está permitindo, sua luta diminui enquanto ela continua a enfraquecer pela perda de sangue. Meu pau sente cada anel da musculatura alongada enquanto eu empurro.

— Eu posso sentir você, — Tanner rosna enquanto eu martelo meus quadris nela, a fina parede de carne separando meu pau do dele formando um atrito incrível. O sangue está em toda parte, labuzando entre nossos corpos e pulverizando sobre suas costas. O corpo dela cai sobre Tanner, a cabeça para o lado, as mãos cuidadosamente enroladas em seu pescoço, segurando seu rosto.

— Eu posso senti-la morrendo, — ele diz, seus olhos de âmbar selvagens brilhando de fogo quando eles olham para mim.

Meu coração tropeça e minha cabeça gira em uma nuvem sombria. Seguro minha faca enquanto eu empurro nela mais e mais forte. Eu corto sua suave carne, curtindo o jeito que a faca passa através dela.

— Mais uma vez, — ele ordena, a luxúria brilha nos olhos dele.

Minha faca repete o movimento uma e outra vez, até que minha liberação explode do meu corpo. Puxando-a, tiro o preservativo do meu pau amolecido e arremesso sobre a mesa antes de levantar o peso morto de Tanner.

— Ela é mais bonita assim, — comenta, observando enquanto eu a deixo cair no chão. Meu corpo se ergue com a fera gritando sob minha

pele. Quando eu deixo a fera livre, é uma sensação indescritível que leva horas para acalmar.

Meu corpo, totalmente nu e revestido na essência pegajosa de Dina, zumbe diante dele, a faca firmemente agarrada na mão com o sangue se mesclando na ponta.

Tanner senta, seu pau ainda duro na abertura das calças.

Nossos olhos se encontram por um longo momento de luxúria. Quando a fera está furiosa, minha obsessão e foco estão esmaecidos. Meu corpo é alimentado por uma necessidade a qual eu não tenho controle. Queima por dentro.

— Você não gozou, — observo, minha voz áspera e escorrendo em um tom que eu mal reconheço.

— Não. — seu pau pula com as palavras dele, mas ele não faz nenhum movimento para tocá-lo.

— Ela não te excitou? — distraidamente, eu esfrego a palma da minha mão em meu peito duro, curtindo a escuridão do revestimento de sangue de Dina na minha carne.

Seus olhos âmbar cintilam e escurecem quando observa meu movimento. — O som do último suspiro dela e aquele sangue todo sobre *seu* corpo me excita. — mais uma vez, seu pau se anima enquanto seus olhos se arrastam sobre meu corpo.

Ainda estou tentando entender Tanner. Ele não é gay, e ele certamente não é hétero. Acho que ele é bissexual ou algo assim. Definitivamente, em algum lugar do meio disso. Nem tenho certeza de que há um nome para o que ele é. Tanner tem gostos e preferências incomuns, como eu.

Seus olhos encaram os meus, enquanto ele tira sua espessura com força e se masturba lentamente, como se estivesse curtindo seu momento sexual visual mais do que o físico.

O ponto alto da matança não amenizou minha ira como costumava fazer. Quando não estou procurando a boneca perfeita, fico desapontado quando a presa não consegue atender a essa definição, eu levo a vida eufórico.

Matar com Tanner só deixa meu monstro orgulhoso do efeito que eu tenho sobre ele.

Os amigos se ajudam; os mestres atraem suas vítimas por qualquer meio.

Eu deslizo minha mão manchada de sangue suavemente até meu pau, e ele observa com interesse enquanto esfrego o sangue sobre ele. Meu pau desperta no momento em que esfrego seus restos vermelhos ao longo do meu eixo, endurecendo imediatamente.

Inclinando-se para frente, Tanner passa a mão sobre o seu abdômen inferior, recolhendo sangue. O toque faz a minha espinha tremer de forma inesperada. Então, ele começa a se masturbar com o sangue dela. Eu combino com seu ritmo e encontro seu olhar. Eu não sou gay, mas Tanner me ajudou mais do que eu jamais poderia pagar. Reconhecer e sintonizar o que o excita é algo que posso fazer. Sem mencionar que isso fortalece um vínculo que eu preciso.

Fraternal.

Melhores amigos.

Parceiros.

Mestre e Monstro. Só que... ele ainda não entende os papéis.

Debruçando-se, ele bate mais rápido. Quando seus olhos se fecham e ele solta um gemido gutural, ele fala com o monstro rugindo dentro de mim. Ele teve sua liberação, e da minha posição de pé, gozo, encharcando suas calças. Eu não posso evitar a possessividade feroz que se apodera dentro de mim só de pensar em marcá-lo como um animal.

Ele acha que ele me encontrou e eu sou seu pequeno protegido.

Mas eu não tenho certeza que ele percebe que *eu* sou um colecionador. Como as bonecas que eu fiz e adorava, encontro o que eu gosto, esculpo e moldo à perfeição, então eu as guardo. Eu nunca deixarei ele ir.

Tanner é meu.

Eu também o guardarei.

Melhor amigo ou irmão ou maldito garoto de recados.

Seja qual for o objetivo que nos liga, é por essa estrava que eu vou viajar para me certificar de que ele permaneça comigo. E, como ele me lembra muitas vezes, devo exercitar a paciência. Para conseguir o que eu quero, eu tenho que esperar a hora certa e não cometer erros.

Ajudar Tanner a gozar ao ceder aos seus desejos incomuns é apenas mais um passo na direção do meu plano. Eu gosto quando ele precisa de mim. Mesmo algo tão simples como ser um cúmplice em ajudá-lo a chegar ao orgasmo. Sua necessidade irá aumentar e crescer em algo incontrollável. Vou me certificar disso. Ele é parte da minha coleção, um conjunto de peças em minha vida que levam a minha felicidade final.

Porque um homem não seria feliz quando ele tem seu melhor amigo, sua irmã há muito tempo perdida, e sua boneca favorita, todos juntos em um só lugar?

O mundo real chama isso de família.

Eu chamo isso de meu.

Capítulo quatro

Formal

ELIZABETH

Eu gosto de ser observada.

É uma doença. Uma perversão. Um amor pela atenção.

Essa aflição não é algo que começou no nascimento ou algum problema psicológico tolo transmitido pelo meu pai louco. O problema que eu sofro é porque sou inferior a *tudo* que se trata de minha irmã gêmea, Elise, e eu.

Ela se destaca em seus estudos. *Eu não.*

Ela atrai rapazes como abelhas para o amor. *Eles tendem a não me notar.*

Ela é engraçada, inteligente e carismática. *Eu sou tímida e sombria.*

Passo meu tempo observando e desejando que eu possa ser como ela, mas todo esforço é desperdiçado. Nós não somos iguais. Duas meninas que compartilharam o mesmo útero por nove meses, mas não poderíamos ser mais diferentes se tentássemos.

Fisicamente, somos iguais.

O mesmo cabelo longo castanho escuro. O mesmo nariz ligeiramente virado para cima com um punhado de sardas. Os mesmos olhos cor de avelã. Nossas bocas sorriem da mesma maneira.

Mas, apesar disso, os rapazes gostam mais dela. Ela se veste na moda, usa muita maquiagem e tem uma personalidade borbulhante que faz com que ela ria muito.

Quanto a mim?

Eu sou vista como sua irmã estranha.

Eu saí de nossa mãe primeiro, mas eles me tratam como se eu fosse muito mais jovem do que ela.

Ela é a luz, e eu sou a sombra dela.

Então, quando eu chamo atenção, eu me aproveito. Como os raios quentes do sol, eu quero me enrolar e dormir com ele me banhando. As pessoas mais atentas da minha vida são Dillon, Jade e MJ. Sinto que pertença a sua família mais que a minha. Depois que papai foi considerado culpado de estuprar e matar muitas mulheres, nossa família foi separada.

Mamãe se recusou a discutir seus crimes com a gente, mas foi noticiado por jornais, internet. Ela não conseguiu escapar, nem tampouco nós. Ela fechou sua clínica quando os pacientes pararam de agendar consultas e começou a trabalhar no hospital. Sua jornada se tornaram longas e brutais enquanto tentava provar a si mesma - para manter tudo financeiramente, já que ela está bancando as duas filhas na faculdade com apenas seu salário. E minha irmã está ocupada sendo a Miss Popular da faculdade. A mancha negra de nosso pai em nossas vidas nem sequer deixou uma marca nela, mas as pessoas olham para mim com sobrelanceiras levantadas e sussurram quando eu passo.

Comentários sobre meu pai eram feitos, e perguntas sobre um irmão que eu nunca soube que existia. Uma coisa que eu aprendi: a escuridão tem suas rachaduras e é aí que a luz se infiltra. É uma das razões pelas quais eu tranquei um semestre. Eu não suporto os olhares me julgando. Pelo menos, em casa, estou livre de tudo.

Estar desconectada de sua mãe e sua irmã faz com que você pergunte se você puxou para o outro lado do DNA que o criou, e essa é uma perspectiva assustadora.

Então, quando Dillon e Jade me convidam para jantar, eu sempre vou. Quando eles precisam de mim para cuidar de MJ, sempre faço. Quando eles simplesmente querem colocar a conversa em dia e perguntar sobre mim, eu sempre converso com eles.

A atenção que estou sentindo agora não é como as que eles me dão - um por do sol de raios de amor. Isso é diferente. Como uma brisa fresca que atravessa seu pescoço úmido com suor. Ele envia um arrepio ondulando pela coluna vertebral.

Sombrio e sinistro.

Assustador.

Mas ainda... foco de *alguém*.

Eu sempre sinto olhos em mim - sem ser visto e nunca identificado. Mas eles estão bem ali. E porque eu gosto deles, mesmo que pareça ruim, tendo a me ajeitar sob seus olhos. Há mais pessoas como ele do que eu pensava ser possível.

A janela do meu quarto está aberta.

As cortinas flutuam com pequenas rajadas de vento quente de vez em quando.

Está escuro lá, brilhando no meu quarto.

Estou no centro das atenções. A estrela do show de uma pessoa.

— Você tem certeza de que não quer sair esta noite? — Elise questiona, suas sobrancelhas franzidas enquanto estuda minha aparência.

— Positivo. — eu sorrio firmemente, sem perder a forma quando seus ombros relaxam ligeiramente com a minha resposta. Ela me convida por obrigação, mas fica feliz sempre que eu digo não.

— Jason está perguntando sobre você, — ela diz enquanto entra no quarto se arrumando. *Jason?* Nojento.

Nossos olhos se encontram quando ela brinca com um fio de cabelo. Seus olhos estão cobertos por uma sombra preta esfumada e seus cílios estão pintados de forma escura. Elise parece mais velha ultimamente. Mais exótica. Uma mulher.

Meu olhar cai para minha pele pálida e natural e lábios carnudos.

Sou apenas uma criança.

— Jason não é do meu tipo, — eu digo a ela, com a minha voz irritada. A última vez que cai e saí com ela e seus amigos, Jason tentou passar a mão em mim no cinema. Sua respiração cheirava a manteiga salgada e ele me deu arrepios. Claro, eu gosto de atenção, mas não de um nerd arrogante que acha que ele irá pegar a garota tímida e desesperada.

Eu tenho padrões.

E gostos.

E garotos no cinema, com certeza, não faz parte desse padrão.

Prefiro algo mais sombrio, maduro, decadente, tudo o que Jason não é.

— Tudo bem, — Elise diz bufando. — Mamãe quer se encontrar no sábado com a gente para ir à manicure. Ela trabalhou dezesseis horas por dia no hospital. Essa é realmente a única vez que vamos vê-la por um tempo. Não a decepcione, ok?

Eu não sou a única com uma agenda cheia de atividades.

Mas esta noite, eu tenho algumas coisas na agenda...

Odeio como ela me diz que mamãe ficou no hospital, como se eu não soubesse. Eu sou a única que mora na nossa casa e vejo nossa mãe mais do que ela. Elise permanece no campus. É apenas mais um desafio para mim. Sempre me provocando, uma gêmea perfeita a minha.

A campainha toca e Elise se afasta de mim, sorrindo com as maçãs do rosto altas.

— Pode ser que meu amigo veio me buscar.

Kami, a melhor nova amiga de Elise, é peculiar e parece ser mais como eu do que Elise, mas com Elise tão preocupada consigo mesma, duvido que ela tenha notado a música alternativa que Kami gosta, ou as cicatrizes finas em seus antebraços. Elise não vê detalhes; não é como eu. Gosto de estudar pessoas e descobrir o que mantém suas bobinas em movimento.

Ela sai, e mais uma vez, o palco é todo meu. Meus olhos vão para a janela aberta e eu me esforço para ver lá fora. Não há figuras se movendo. Nada. Mas eu sinto olhos em mim. Sempre. Eu tinha certeza de que eu estava sendo seguida no outro dia enquanto caminhava de volta de uma loja. Passadas pesadas soavam atrás de mim, mas sempre que eu olhava, o caminho vazio da estrada me cumprimentava.

— Há alguém aí fora? — eu sussurro, escaneando a rua.

Um sorriso toca meus lábios até ouvir Elise rindo. A voz profunda de Dillon vem da escada, e meu coração invade meu peito. Pergunto-me se Jade e MJ estão com ele.

— Ela nunca sai da casa, — Elise geme, sua voz suave, como se eu não pudesse ouvir sua grande boca de qualquer maneira.

— Mais seguro dessa maneira, — Dillon grita de volta.

Olho meu reflexo no espelho. Eu sempre posso contar com Dillon.

— Não há nada com que se preocupar. Talvez ela tivesse uma vida social se alguma vez saísse comigo. Mas... — ela murmura, sua voz é tão baixa que mal consigo entender o que ela está dizendo, — você pode verificar isso? Sei sobre as coisas do nosso pai e a coisa que ele gerou teve efeito nela, mas isso está ficando fora de controle, e as pessoas da minha faculdade me falaram isso, então não é como se ela estivesse se escondendo... — a voz dela se afasta para um sussurro inaudível, e estou agitada por não poder mais ouvir.

Minha irmã ressoa quando a campainha toca de novo e não posso deixar de agradecer a interrupção. — Tchau, D. Minha carona está aqui. Manda beijo pra MJ por mim.

A porta da frente bate e as botas brotam pelas escadas. Logo, o corpo gigante de Dillon enche minha porta. Um papel está em sua mão e ele o empurra no bolso da camisa. Ele deve ter vindo logo após o trabalho. Ele está vestindo uma camisa branca com botões que se agarra aos músculos de uma maneira que faz meu coração correr. Suas calças apertam suas coxas musculosas, e eu posso ver o contorno do emblema no bolso.

Você é um policial ou só está feliz em me ver?

— Do que você está rindo? — ele diz com uma risada, seu ombro encostado ao batente da porta.

— A própria ideia de que Elise pensa que eu iria a lugar algum com Jason Jackoff Bronson, — eu minto.

Suas sobrancelhas se arqueiam, mas ele não se liga na minha mentira. Uma das desvantagens de ter um detetive como amigo: ele e sua esposa são muito intuitivos. — O idiota que te apalpou no cinema na última vez?

Dillon vê tudo sobre mim. Ele lembra tudo sobre mim. Isso faz dele uma das minhas pessoas favoritas.

— Ele mesmo. Como está Jade? Senti o bebê se mover na última vez que ela estava aqui, — eu disse a ele, girando na minha cadeira, um pequeno sorriso puxando meus lábios.

Ele sorri e passa pelo meu quarto até a janela. Minha velocidade cardíaca se acelera. E se ele assustar aqueles olhos que me perseguem? Eu quase suspiro em voz alta quando ele fecha a janela e gira a fechadura. Fechando as cortinas, ele se vira para mim.

— Ela está bem. — suas sobrancelhas se juntam, e eu posso dizer que algo está incomodando ele. Eu percebo as coisas também.

— O que está errado?

— Você não deve deixar as janelas abertas, especialmente quando está sozinha em casa.

Eu arqueio uma sobrancelha. — Eu não estou sozinha. Você está aqui, — eu provoco. — O que está realmente errado?

Sua mandíbula aperta e as mãos balançam em punhos. — Eu vi uma merda muito horrível ontem. Preocupa-me que algo possa acontecer com você ou com Elise. Sua mãe nunca está em casa e vocês estão aqui sozinhas. — ele esfrega sua bochecha desalinhada com a palma da mão. — Especialmente você.

Nós ficamos muito abaladas com a prisão do papai, e isso faz você perceber que a família nem sempre é com quem você compartilha seu sangue. São aqueles que cuidam de você, amam você e ficam por aí.

— Tenho dezenove anos, — lembro a ele, pegando uma caneta e rabiscando no caderno que contém tantos segredos.

Ele me dá um aceno com a cabeça, mas seus olhos não concordam. Me deixa desconfortável a maneira que ele examina tudo no meu quarto. Quando seu olhar cai no meu armário, eu me encolho.

— Você me dirá se algo estiver errado, certo, pepita? — sua sobrancelha levanta em questão quando ele se aproxima do armário. — Como se você estivesse fumando maconha.

Eu respondo com uma risada e rolo meus olhos. Às vezes, ele me lembra meu pai, mas nunca faria esse não-elogio. — Você é besta. Eu não estou usando maconha. E sim, eu diria se algo estivesse errado.

Mas agora, está quase tudo certo.

Pelo jeito que seus olhos continuam se dirigindo para o armário, curiosidade brilhando neles e seu olhar persistente, eu posso dizer que ele realmente quer espiar lá dentro, mas eu não dou a permissão que

ele quer desesperadamente. — Quer ficar para o jantar? Eu poderia esquentar as costeletas de porco e purê de batatas que fiz no almoço.

Seu estômago resmunga e eu rio.

— Eu adoraria aceitar oferta, mas prometi a Jade que iria passar para verificar você e depois levaria minha bunda pra casa. Aparentemente, MJ tem perguntado por que não estou lá para ler uma história antes de dormir. — abandonando a curiosidade do meu armário, ele se aproxima de mim e eu o abraço. Seus dedos se abaixam até os rabiscos em cima do bloco, e meu corpo zumbi e treme como se a terra tremasse debaixo de mim. Engolindo seco, eu vou acabo relaxando.

— Talvez domingo, se vocês estiverem livres, venham, e você pode me ensinar a usar o grill novamente. Da última vez, quase queimei a casa, mas morro por hambúrgueres caseiros na churrasqueira.

Ele considera com carinho. Em seus olhos, eu sou como uma irmãzinha para ele. E, ao contrário de estar na sombra de Elise, estar na sombra de Dillon é diferente. Ele anseia por me proteger, me ensinar e me moldar, já que não tenho muitas pessoas na minha vida que podem fazer isso por mim e anseio seu carinho, aprovação, conforto.

— Claro, pepita.

Sigo-o até lá embaixo, abraçando-o mais uma vez e inalando sua mistura de suor e pós-barba. Enquanto ele se dirige para seu carro, eu aceno para ele. O sentimento de ser observada parece se intensificar, os cabelos na parte de trás do meu pescoço se arrepiam com essa sensação. Dillon se afasta, e meu olhar varre a escuridão, procurando por esses olhos.

Não encontrando nada, eu respiro fundo e fecho a porta, trancando a casa. Tenho certeza de fazer o mesmo no meu quarto. Não que eu tenha medo de ninguém. Agora que estou sozinha, sou livre para ser eu.

Minha mão paira sobre o caderno deixado tão descuidado para que alguém folheie. Passo meus dedos pelo bloco, abrindo para a página com grandes letras rabiscadas.

BENNY

A foto que a mídia usou enquanto tentava caçá-lo e outra com o nosso pai quando ele era pequeno eram as únicas que eles tinham. A representação do artista dele é assustadora. Algo sobre os olhos escuros e vagos. Às vezes, olho para a foto, desejando que ganhasse vida só para que eu pudesse fazer algumas perguntas a meu irmão. Os recortes de notícias também estão presos às páginas, e meu coração desacelera quando eu viro a página e olho para as chamadas que eu desenhei em torno de uma lápide, lembrando-me do dia em que soube sobre Benjamin quando Elise me falou sobre a morte dele.

* * *

Há quase três anos...

Elise ainda vai às aulas e age como se a vida fosse normal quando na realidade a vida é fria, - a nossa, pelo menos. Olhos me seguem quando atravesso o pátio e solto minha bolsa sob a árvore gigante oferecendo abrigo do excesso de calor. Minha pele protesta contra o sol - literalmente. Torna-se vermelha e irritada quando exposta. Minha tez pálida sempre foi algo que eu gostei em mim... até que eu comecei o ensino médio e os meninos riam de mim.

Vampiro.

Garrafa de leite.

E os estudantes mais cultos me chamavam de Gueixa, como se fosse um insulto. Ter uma pele pálida é uma indústria de bilhões de dólares na Ásia.

Eu volto dos meus pensamentos quando uma garota que eu conheço como Cadela Um senta-se ao meu lado. Suas amigas, Cadela Dois e Cadela Três, estão ao lado dela como suas guarda-costas pessoais.

Seguro minha mão sobre meus olhos para bloquear o sol e olho sobre suas características perfeitas. Olhos azuis, cabelos loiros ondulando em torno de seu rosto de forma oval bonito, um lábio inferior gordo com um lábio superior fino. Ela sorri, depois fala, me entregando um iPad. Eu não tinha percebido que ela estava carregando.

— Então, você sabe onde está o seu irmão? Ele te mandou mensagens para que você soubesse que ele está bem?

Oh Deus, ela acha que eu sou outra pessoa. Minha boca tenta formar palavras, mas as palavras não se formam.

Ao levantar a mão, ela o acena diante do meu rosto. — Olá, terra para... — ela olha para a amiga dela, que encolhe os ombros e a boca, — Beck?

—...Beck, — ela repete, voltando para me encarar.

Meu brilho passa despercebido enquanto ela olha para mim. — É Beth. Elizabeth, — eu corrijo.

— Que seja. — ela rola os olhos e toca na tela agora no meu colo.

Meus olhos caem para a página que ela criou.

O chefe de polícia assassino, Steve Stanton, cobre crimes hediondos do filho que ainda está em liberdade. Agora marcado como O ASSASSINO DE BONECAS pela imprensa, Benjamin Stanton está sendo caçado pela polícia pelos assassinatos de numerosas mulheres e rapto e prisão de uma detetive.

Aqui está o que sabemos...

Benjamin é o único filho do estuprador e assassino, Steve Stanton, concebido por sua primeira esposa, Patricia Stanton. Acredita-se que seja uma das vítimas cujos restos estavam entre aqueles recuperados de uma propriedade pertencente a Steve Stanton. Fabricante de bonecas, Patricia moldou o fascínio e a obsessão de seus filhos com as bonecas de porcelana.

Antes que eu possa ler mais, o Ipad é arrancado do meu alcance e a Cadela Um está sorrindo para mim. — Então... ele fez contato?

Ela está falando sério?

— Por quê?

Ela encolhe os ombros e suas amigas riem. — É meio sexy.

— Isso não é verdade. — eu balanço a cabeça. — Eu não tenho um irmão.

— Esta é uma fonte legítima, Becka. Ela é blogueira, mas sua fonte é alguém que está por dentro.

— É Beth, e eu não me importo quem seja a fonte dela.

— Ela diz que ele vestia suas vítimas e as fodia, e se elas não fossem boas, ele as matava.

Surgem mais risadinhas de suas amigas.

— Eu acho que eu poderia ser uma ótima boneca, — ela murmura.

Ela está louca.

— Então, você quer ser estuprada e assassinada?

Se o que ela diz é verdade, é isso que ela quer que aconteça com ela?

— Ele não me mataria, boba. Eu seria a boneca perfeita para ele.

— Ele pode ser feio, — uma de suas amigas lembra.

Jogando o cabelo sobre o ombro, a Cadela Um pisca pra sua amiga e bufa. — Eu te disse, Kate. Eu vi o retrato falado que vazou antes de ser retirado de circulação e ele é super gostoso.

— Oh, sim, eu esqueci, — suas amigas concordam.

— Nada disso é relevante, — eu me levanto. — Eu não tenho irmão. Um assassino na família é suficiente. Obrigada mesmo assim. Se eu alguma vez ele fizer contato, vou ter certeza de enviá-lo para você.

Fico de pé, pegando minha mochila, e estou a aproximadamente a dois metros antes que ela chame, — Você sabe meu endereço?

Idiota.

Minhas palmas suam e meu coração pula. Preciso encontrar Elise. Eu preciso ligar para Jade ou Dillon - ou ambos.

Acho Elise no banheiro feminino retocando seu batom recém-aplicado e escovando seu cabelo.

— Wendy Hudson falou comigo, — eu cuspo.

Abaixando o pincel, os olhos de Elise se chocam com os meus no espelho.

— Ela achou que você era eu? — ela pergunta, seus olhos escaneando minha roupa.

— Não. Ela queria informações sobre o nosso irmão.

O rosto de Elise está pálido e ela gira para me encarar.

Meu Deus. É verdade.

— O que ela disse?

— O que isso importa? Como é que você não parece surpresa com a menção de um irmão louco?

Ela cobre minha boca com a mão e olha em volta do banheiro vazio.

— Mamãe mencionou isso por acidente, e eu liguei para ela. Ela confessou que nosso pai teve uma família antes de nós.

— Uma família ou um filho? — meu estômago se torce e se agita.

— Apenas um filho, eu acho. — ela encolhe os ombros como se estivesse falando sobre o tempo ou algo menos importante.

— E ele também é um assassino? — eu sussurro, envolvendo meus braços em minha cintura.

— Mamãe disse que ele ficou perturbado por causa dos pais, que seu estado mental teria sido fragmentado desde que ele era muito jovem. Ele é um produto de seu ambiente.

Meu Deus.

A confusão dentro das minhas emoções luta pelo espaço dentro da minha cabeça.

Eu tenho um irmão?

Não, você tem outro assassino.

Um irmão danificado?

Não, um assassino perturbado.

Ele foi deixado sozinho todo esse tempo?

Ou será que ele queria ficar sozinho para matar?

Nosso pai o abandonou?

Para nos criar?

Como era sua mãe?

E se ela fosse nossa mãe também, seríamos como ele?

Por que ele se tornou esse... esse assassino?

— *E ele está solto lá fora? — eu pergunto.*

Suas mãos descem em meus ombros, com uma expressão impassível no rosto.

— *Não, não fique assustada. Isso não pode ir mais longe, Beth,*

Em vez de responder, espero que ela continue.

— *Dillon disse a mamãe para parar de se preocupar por ele estar solto. Ele está morto. Morreu em um incêndio, mas não foi relatado, então só algumas pessoas sabem.*

Meus pés começam a se mover apesar dela chamar meu nome.

— *Beth... Beth?*

Eu passo por Wendy no corredor e volto para pegar seu braço. A boca dela abre e ela geme enquanto eu a arrasto até os armários.

Olhando em volta, ela sussurra: — Só porque falei com você lá fora, não significa que você possa se aproximar de mim nos corredores.

Sério?

— *Quero saber o nome da pessoa que administra esse blog.*

Seus braços dobraram sobre seus seios perfeitamente formados, empurrando-os mais para longe da gola V de sua blusa de caxemira. Sorrindo, ela joga seus cabelos sobre o ombro e empurra o queixo.

— *Então é verdade?*

— *Wendy, — eu silvo.*

— *É um blog anônimo para que ela não possa ser alvo ou castigada pelo que ela escreve.*

— *Nome?*

— *O que faz você pensar que eu conheço?*

— *Wendy.*

— *Você pode mandar e-mail, mas ela pode não responder.*

Escavando na minha mochila, entrego um caderno e uma caneta. Sorrindo com seus lábios juntos, ela rabisca o endereço e sai sem olhar de volta.

— Beth, — Elise sussurra, de uma porta que leva a sua aula de inglês.

— O quê?

— O que você está fazendo? Temos aula.

— Eu não. — eu empurro as portas para o pátio e vou para casa para mandar o e-mail para a blogueira.

* * *

Minha mão passa pelo e-mail que recebi de volta da blogueira anônima quase três anos atrás. Um arquivo do caso de Benjamin antes de saberem quem ele era.

Um solitário, possivelmente de uma família monoparental com raiva em relação a ambos.

Problemas de abandono. Um anseio de ser aceito e amado. Sabe que o que ele faz é errado, mas o impulso está enraizado muito fundo, possivelmente devido a um pai abusivo.

Eles não eram distantes. Eu penso em quão problemático ele era. Suas ações de tirar vidas eram inaceitáveis, mas era tudo o que ele conheceu enquanto crescia. Seus pais fizeram o mesmo e não esconderam. Em vez disso, eles compartilharam a insanidade como se fosse normal. Algum de nós se tornaria assim? Ou era uma doença com a qual ele nasceu? Natureza versus cultura... nunca saberemos.

Minha vida mudou naquele dia. Eu mudei e me encontrei.

Puxando minhas cortinas, abro minha janela. A temperatura diminuiu, provocando um arrepio. Eu sempre sinto olhos em mim. Sempre. Eu abraço meu roupão mais apertado ao redor de mim, enquanto eu caminho para meu armário. Depois de aberto, eu olho para meu armário alto. Ele mantém meus segredos trancados - segredos que podem causar problemas se Dillon ou Elise pudessem descobrir.

Com um suspiro de excitação, pego minha chave do bolso, destranco o armário e puxo as duas portas de mogno. Ao redor da minha família e amigos, eu posso me vestir de forma simples e chata, mas quando estou sozinha, gosto de usar vestidos bonitos. Adoro bordados e rendas. Eu amo o quão fácil é se tornar alguém.

Eu escolho o vestido branco que me lembra quando Elise e eu tínhamos cinco anos e mamãe nos vestiu para sentar no colo do coelhinho da Páscoa. Elise gritou com horror, mas adorei o coelho grande e animado. Eu me aconcheguei contra sua pele falsa, adorando a maneira como ele me abraçou.

Desatando a faixa na minha cintura, deixo cair o roupão aos meus pés. Meu sutiã é simples e branco. A calcinha que estou usando cai bem, com babados de renda na parte inferior. Eles são bastante adoráveis. Quero que todos os vejam, especialmente os olhos imaginários lá fora. Desde que me lembro, adorava criar meu próprio estilo, o que levou a fazer minhas próprias roupas.

Meu coração corre no meu peito enquanto retiro o vestido branco do gancho e puxo-o sobre minha cabeça. Ele cai perfeitamente. Modesto na área do peito, não mostrando demais, mas curto o suficiente para parecer feminino e ligeiramente sexy de maneira inocente. Abro uma das gavetas e busco meias até os joelhos. Uma vez que eu as deslizo sobre minhas pernas longas, eu admiro como o material abraça minha carne. Minha pele é pálida, mas os joelhos são mais pálidos ainda. Pego meus sapatos estilo boneca, depois faço um coque nos meus cabelos longos e escuros. Minha peruca preferida fica ao lado dos meus vestidos feitos à mão, e passo a mão nos fios vermelhos e sedosos antes de deslizar sobre meus cabelos. Uma vez que está no lugar, estou pronta para passar maquiagem.

O meu olhar é atraído para a janela mais uma vez. Alguém está lá fora. Eu posso sentir seus olhos praticamente lambendo cada parte do meu corpo. O calor pica minha pele de uma maneira que não queima, mas provoca. Às vezes, queria que quem estivesse lá fora mostrasse o rosto, passasse pela janela para me mostrar que não estou tão sozinha quanto eu me sinto.

O fantasma de um homem que eu nunca conheci me assombra.

Passei uma boa meia hora aplicando minha maquiagem, destacando minha juventude enquanto focava nos meus lábios. Os cílios falsos são sempre os mais complicados, mas, eventualmente, eu os coloco no lugar. Batendo-os como as asas de uma borboleta, eles

refletem nas maçãs rosa das minhas bochechas. Quando olho para o meu reflexo, um sorriso tímido toca meus lábios.

Quase pronta.

Puxando meu laptop, coloco-o na minha penteadeira uma vez que terminei a maquiagem. Demora alguns minutos para fazer login, mas finalmente chego onde quero estar. Onde eu sou a estrela do meu show. Onde milhares de pessoas esperam por esse momento - um momento comigo.

Eu tento evitar que meu coração dispare, mas não consigo. A expectativa que me acompanha é o que me mantém viva. Esta vida é muito oca e maçante e triste sem esses momentos. Eles ocupam uma parte de mim que é necessário preencher desde o momento em que nosso pai foi enviado para a prisão. Todos tentaram o seu melhor para nos manter fora de foco e eles conseguiram. Mas o que eles não podiam fazer era evitar que eu soubesse das notícias. O que meu pai fez. O que meu meio-irmão fez. Todos os horrores. Os fetiches estranhos. As cativas. Os assassinatos. Meu pai foi para a prisão, e meu meio-irmão foi queimado vivo, de acordo com Dillon. Ele morreu, e todas as coisas ruins deveriam morrer com ele.

Mas algumas coisas nasceram depois da morte dele.

Algumas coisas continuaram.

Empurro o botão que me leva para o meu mundo. Esta noite vai ser diferente. Não vou me sentar em silêncio ou apenas tirar fotos para os meus observadores visualizarem.

— Olá, — eu cumprimento, minha voz suave e infantil. — Quem quer cantar uma música para eu dormir? — eu mordo meus lábios quando vejo centenas de nomes de usuários comentarem, tão rápido que não posso lê-los. — Ninguém, — eu minto, mastigando meu lábio inferior. — Eu suponho que eu vou ter que cantar para mim mesma então.

Minha caixa de mensagem privada se acende e vejo o número quadruplicar em segundos. Às vezes, quando sinto que ninguém me vê, eu entro e leio todas as mensagens adoráveis. Algumas são sujas e pervertidas. Outras são doces e paternas. Todos e todos prometem cuidar de mim.

— *A senhorita Polly tinha uma boneca que estava doente, doente, doente.*

Então ela telefonou para o médico para que fosse rápido, rápido, rápido.

O doutor veio com sua bolsa e seu chapéu

E bateu à porta com um toc-toc-toc.

Ele olhou para a bonequinha e ele balançou a cabeça

E ele disse: — Senhorita Polly, coloque-a na cama!

Ele prescreveu em um papel uma pílula, pílula, pílula

— Estarei de volta pela manhã sim, vou, vou, vou.

Capítulo cinco

Recente

BENNY

Eu olho para a tela maravilhado. Tanner saiu para fazer sabe Deus o quê, dizendo que ele estaria de volta no jantar, então eu estou tirando um tempo para observá-la.

Nova bonequinha linda.

O desejo de ver minha Bethany era esmagador, mas quando Tanner está te dando sua atenção, você não o expulsa para suas próprias necessidades. Depois que fodemos e matamos Dina, bebemos whisky e falamos sobre os meus planos de procurar minha irmã. Persegui-la e bater punheta no meu carro não estava na agenda - pelo menos, não a noite.

Então, apesar de não ter tempo para vê-la, tenho tempo para visitar meu mais novo fascínio. A nova bonequinha linda. Entrando no site, fiquei exaltado ao descobrir que ela está fazendo uma aparição ao vivo.

Eu olho seus lábios gordurosos, inchados e perfeitos. Ela não está olhando diretamente para a câmera, e eu quero alcançar a tela e inclinar o queixo dela. Tão perfeita. Pele pálida que contrasta com o rosa de seus lábios e matiza suas bochechas. A peruca vermelha em sua cabeça parece rígida; certamente não é dela. Os lábios dela partem enquanto murmuravam palavras.

Meu coração corre.

Minha alma.

Sua voz canta para partes da minha alma sombria que eu não sabia que queria ouvir. Ela tira memórias terríveis de minha mãe e as

transforma em algo calmante. Suas palavras cantadas doces me lavam como uma cálida chuva de verão.

Isso não pode ser real. Aquela música. Ela. Meus olhos se concentram em seus lábios, e meu peito se ergue com lufadas de ar pesadas.

Esta boneca nova poderia chupar meu pau por horas e nunca me cansaria de ver como seus lábios gordurosos se tornariam vermelhos de esfregar e descer pelo meu comprimento.

Ela podia sentar no meu colo e cantar para mim enquanto eu deixava meus dedos entre o tecido da calcinha de algodão que eu insistiria que ela usasse.

Depois de um banho quente antes, envolvi minha cintura em uma toalha. Agora, enquanto vejo essa nova boneca na tela, meu pau ganha vida. Está tremendo e latejante e irritado, apontando pela borda da toalha como uma cobra nos arbustos esperando para atacar, para devorar.

A nova bonequinha linda menciona algo sobre ser uma boa garota e médico e ter que ir para a cama, e minha respiração é sugada do meu peito enquanto ela sobe na cama com as costas para a tela. Seu longo cabelo vermelho cai pelas costas em ondas, quase tocando sua bunda. Quando ela começa a atravessar a cama em direção a seus travesseiros, vejo uma porção de carne entre a bainha do vestido e os joelhos.

— Eu me pergunto quando o médico virá para me fazer sentir melhor, — ela reflete em voz alta. Inclinando-se para alcançar seus travesseiros, ela os enruga, e seu vestido levanta o suficiente para mostrar sua calcinha branca de renda.

Thud.

Thud.

Thud.

— Porra, — eu gemo.

Puxo meu pau para minha mão e eu empurro-o com dificuldade. Ela é uma boneca perfeita. A roupa dela. O rosto dela. Ela é inteiramente linda. Eu quero arrancar seu cabelo vermelho da sua cabeça - é a única coisa que não está bem nela - mas tudo isso pode ser mudado quando Tanner a encontrar para mim. Ele falou sobre o seu

hacker, Luke, e endereços de IP, o que não significava nada para mim. Tudo o que ouvi foi uma promessa. E se Tanner é bom em qualquer coisa, é em manter sua palavra.

É melhor mesmo.

Eu não arranco meu olhar de seu traseiro sexy enquanto me masturbo. Não demorará muito para eu estar dentro dela. Eu vou ouvir o jeito que ela implora e canta. Como o meu nome soa no gemido dos seus lábios. Eu vou contaminá-la e roubar sua inocência.

Uma batida na porta do quarto, e ela grita.

— Eu esqueci minha carteira, — a voz de uma mulher grita através da porta. — Elizabeth, eu deixei aí?

Elizabeth.

Os olhos da Nova Bonequinha Linda voam para a tela do computador, e eu olho bem em seus olhos familiares sob os cílios falsos pela primeira vez. O terror e a culpa de ser capturada resplandece em suas belíssimas profundidades avelã, que sem dúvida são perfeitas. Eu gozo abruptamente, o calor escaldando meu peito enquanto ele brota de repente.

— Elizabeth! — a mulher grita de novo.

— Não está aqui, — a Nova Bonequinha Linda grita de volta, sua voz não é mais infantil. É familiar. Eu já ouvi antes, e aquele rosto... aqueles olhos.

Bethany.

Não.

Sim.

Ela não diz mais nada, mas corre para a tela. Meu coração gagueja e quase pula do meu peito. Sua mão se aproxima, desligando a transmissão imediatamente.

Fecho meus olhos e repasso sua voz uma e outra vez para ter certeza, mas eu sei que estou. Eu sabia que havia uma razão pela qual eu estava tão atraído por essa nova boneca.

Bethany.

Bethany.

Bethany.

Ela a chamou de Elizabeth. Elizabeth é minha Bethany.

Porra.

— Aqui, — Tanner murmura, me jogando um pano para me limpar.

Viro minha cabeça, um pouco chocado ao vê-lo. Eu estava tão envolvido no que estava fazendo que não o ouvi entrar.

— É ela, — cuspo enquanto limpo minha porra e me levanto. Seu olhar cai para o meu pau flácido, e seus lábios se contraem. Nunca sei o que está acontecendo além daqueles olhos âmbar.

Ele puxa um pouco sua gravata e me encara com um olhar aborrecido. — Eu sei.

Tirando minhas calças jeans do chão, puxo pelas minhas coxas. Uma vez que estão no lugar, eu dobro meus braços volumosos sobre meu peito tatuado e disparo. — O que diabos você quer dizer, você sabe?

Ele está jogando?

Ele acha que sou escravo de sua mente fodida?

Seu olhar duro se suaviza e ele franze a testa quando senta na beira da minha cama. — Eu sabia o tempo todo. Não é difícil encontrar o endereço IP de alguém. Eu sabia a localização dela desde o momento em que a vi pela primeira vez.

A traição corta meu peito como uma faca. Eu aperto minha mandíbula e as narinas acendem. — É melhor me falar sobre isso, Tanner. Continue.

Sua mandíbula se aperta, e uma raiva fervida que sempre espreita dentro dele cintila em seus olhos.

— Eu descobri que era ela, sua Bethany. Eu conheci Stanton muito bem, Benjamin, então eu sabia que ele tinha uma esposa. — ele solta um suspiro frustrado. O fato de ele não estar tão preparado como o normal me fez perguntar o que diabos estava acontecendo com ele.

— Por que você não me disse, maldição? — eu retruquei.

Ele se levanta, e com isso, sua autoridade o envolve como um manto, o único momento de vulnerabilidade desapareceu.

— Você precisa se lembrar de quem você está falando, — ele encolhe, o peito torcendo. — Eu não disse pra você porque você perdeu a cabeça por suas bonecas no seu passado. Além disso, eu queria ter certeza. Eu queria ajudar a resolver isso para você. Te surpreender, imbecil. — seus lábios se inclinam de um lado. — Surpresa.

Eu não estou achando graça nos seus jogos esta noite. — Você me deixou assistir ela. Eu preciso dela. Preciso ir buscá-la agora mesmo. — aponto para a tela preta. — Você não vê? Ela fez isso por mim. É o maldito destino. Bethany sabe que eu amo bonecas - que eu a amo. Ela se tornou a boneca perfeita para mim. Para. Mim. Este é o seu pedido de ajuda. Bethany quer que eu a encontre e a traga para casa. Ela cantou a música.

Os olhos de Tanner escurecem. — Ela acha que você está morto, Monstro.

A realidade fria espirra sobre mim e eu olho para ele. — Então para quem ela faz isso?

Ele encolhe os ombros. — Para eles, eu suponho, mas parece que ela pode estar resgatando sua memória à sua maneira.

— Foda-se isso, — eu rujo. — Ela está fazendo isso por mim. Como você sabe o que ela pensa? Por tudo o que sabemos, ela pode alimentar a esperança de que ainda estou vivo. Por que ela assumiria o contrário?

— Não é o que Kami diz. Eles sabem que você morreu em um incêndio. — seu tom é sério.

Eu dou um passo ameaçador em sua direção, minha mão pulsando ao meu lado. — Quem é Kami, porra? A garota que a chamou no vídeo?

Algo pisca em seus olhos, e eu bloqueio esse olhar para refletir mais tarde - quando eu não estiver ocupado para encontrar Bethany.

— Não, ela é uma das minhas associadas. Eu a contratei para fazer amizade com Elise. Recolher informações. — ele se aproxima, me olhando com um sorriso. — Tudo para você, Monstro. Você sabe que você é meu favorito.

— Quem é Elise?

Ele está servindo um uísque e ergue o copo, soltando um resmungo. — Oh, Benjamin, — ele diz, como se eu conhecesse toda essa merda. — Elise é Elizabeth, irmã gêmea da sua Bethany.

Minha boca cai aberta, depois fecha como o pensamento de haver duas delas lá fora, fazendo minha mente rodopiar.

— Não fique muito animado, Monstro. Elas são opostos polares. Elise não duraria muito tempo sob seu comando.

— Eu quero Bethany, — eu grunho.

Ele aperta meu ombro. — Eu sei que você quer. Em breve. Eu prometo.

O aperto no meu peito não diminui, mas eu relaxo um pouco. — Bem. Minhas celas não estão prontas de qualquer maneira, mas eu quero falar com essa pessoa, Kami. Eu preciso falar com ela.

Seus olhos se estreitaram, como se ele tivesse a habilidade de olhar dentro do meu cérebro. — Isso pode ser organizado.

— Agora, — eu esclareço. — Me dê o endereço. Vou visitá-la.

— Tudo bem, — ele concorda. — Mas você não precisará ir tão longe. Ela mora no clube. Vamos.

* * *

Eu sigo Tanner por um longo corredor dentro do Vault, confuso com o que ele quis dizer quando ele disse que ela mora aqui. As paredes vibram com a música, mas é mais silencioso na parte de trás, e então percebo que nunca estive nesta parte das instalações antes. Ele me leva ao que parece apenas um escritório, mas é muito mais.

Uma mesa maciça domina a frente da sala, com vista para uma enorme praça, e há uma cela como uma caixa transparente. Dentro tem uma cama de plástico transparente. Um banheiro está de um lado, mas nada mais. Há um buraco na fechadura na porta da caixa, e ao redor tem câmeras apontando para ela. Meus olhos examinam o resto da sala, parando em um pequeno sofá de couro à direita, onde uma pequena loira com cabelo sedoso e rosa está sentada olhando seu celular. Seu lábio está preso entre os dentes enquanto ela digita no celular, ignorando os dois tiranos que simplesmente caminhavam na sala. Eu

quero arrancar o telefone da mão e exigir respostas, mas Tanner está de volta ao modo ‘eu sou o mestre do mundo, então eu recuo.

Por agora.

— Kami. — sua saudação é baixa e cheia de autoridade.

Ela ergue o olhar da tela pequena e dispara para ele um sorriso lento e privado, como se eu não estivesse de pé aqui louco esperando respostas. Eu resmungo, esperando que Tanner acelere as coisas.

— Algo novo com Elise?

— Além do fato de que ela está bêbada e se esfregando com um cara velho o bastante para ser seu pai na pista de dança da Vogue agora mesmo? Não, nada de novo, — diz ela sem interesse. — Ela vai voltar para casa com ele, então entendi isso como sugestão para sair. — uma risada escapa dela.

Sua risada é como unhas em um quadro-negro. Essa cadela está mexendo com meus nervos e está levando tudo em mim para não sair atrás dela, não para agarrá-la por sua garganta magra e golpeá-la contra a estante de livros atrás dela.

— Eu preciso saber tudo o que você sabe sobre Bethany, — eu pressiono, minha fúria agora é visível.

Seu nariz se contorce em confusão. — Quem é Bethany?

Raiva surge através de mim.

— Elizabeth, — esclarece Tanner, segurando uma mão no meu peito para me impedir de avançar, sua voz fácil e apaziguadora. Odeio que ele esteja sendo tão bom e tolerante com ela. Quem diabos é ela e por que ele nunca mencionou uma mulher que vive aqui?

— O que você quer saber?

— Tudo, — eu exijo.

Ela se ergue e empurra o telefone no bolso. — Tímida. Um pouco nerd. Elise acha que ela está escondendo algum segredo obscuro, mas não vai me dizer o que. Obviamente, eu sei que Elizabeth está em um site de fetiche, mas Elise não sabe que eu sei. Não há muito para contar. Ela odeia esse cara, Jason. Aparentemente, Elise continua tentando fazer com que fiquem juntos, mas Elizabeth continua fugindo.

— Ela é minha, — eu aviso enquanto eu vou até ela.

A cadela não hesita, o que me irrita. Eu quero arrancar o celular dela, mostrar por que ela precisa temer pessoas como eu.

— Seja como for, cara. Só estou lá para saber das fofocas e trazer meu Mestre. — ela encolhe os ombros. — Isso é tudo.

Isso.

Não.

É.

Tudo.

— Eu preciso saber tudo, — repito, minha voz baixa e mortal. — Preciso que você pare de me dar essa versão diluída e me conte toda a coisa sobre ela.

— Isso é tudo, — ela desafia.

Esta cadela...

Agarrando-a pela garganta minúscula, eu a espremo. Estou prestes a golpeá-la contra prateleiras atrás dela, quando seu braço aparece e cai no meu com um poder excepcional, forçando meu braço a cair. Estou tão chocado com esta mudança de eventos que não me preparo quando ela me empurra para trás com as duas mãos contra meus ombros e seu joelho colidindo com meu estômago, me roubando o ar.

Filha da puta.

Uma boa lutadora.

Isso vai ser divertido.

Eu cuspo o ácido que ela forçou em minha garganta no chão e rastejo em sua direção. Um sorriso enfeita seus lábios, destacando o rosto bonito ela tem, teve, já que eu vou acabar com ela. Antes de chegar perto, Tanner me puxa com força, e eu tropeço, perdendo o equilíbrio. Ele me empurra no chão com dificuldade e me aborda como um maldito psicopata.

Tanner é sempre equilibrado, divertido e frio. Às vezes, a escuridão espreita, mas nunca o vejo perder a merda da paciência. Nunca. A raiva que arde em seus olhos é chocante.

— Não. Toque. Em. Minhas. Associadas. — seus punhos puxam minha camisa enquanto ele diz as palavras. — Entendeu, *amigo*? — a veia em seu pescoço pulsa com cada respiração irregular que ele dá.

— Eu entendi, *amigo*, — eu respondo, a minha própria raiva ainda muito perto de explidir. — Agora saia de cima de mim, porra.

Porra, o que foi isso?

Desde quando ele colocou uma coleira sobre mim?

Chamando alguém fora dos limites?

Meus pensamentos incomodam, e eu luto para encontrar o chão uma vez mais. O vermelho sangrento de sua carne, e um sorriso puxa seus lábios. Ele brinca e dá um tapinha no meu rosto antes de me oferecer a mão para me ajudar a ficar de pé. Uma vez que me ergo, olho para Kami. Essa garota tem que desaparecer. Tanner é protetor com ela, e eu não gosto disso. Ele me dominou na frente dela, mostrou poder sobre mim e ficou a favor dela.

Tanner me protege.

E ele é meu.

Meu boneco pessoal colhendo com a mão da morte.

A loira burra com o rosa em seu cabelo é apenas uma distração - uma pedra nos meus planos. Eu trabalhei arduamente para me tornar a coisa favorita de Tanner. Eu não preciso de alguém para me derrubar do pedestal.

E porque eu tenho algo melhor do que o par de tetas na sala, eu me aproximo o suficiente das costas de Tanner, até que meu calor mistura com o calor do corpo dele, descansando minha testa no seu ombro, solto um suspiro dolorido.

— Eu só preciso dela, — eu explico, minhas palavras destinadas somente para ele.

Sua postura rígida relaxa, e fico exaltado com a facilidade com que eu posso trabalhar dentro de Tanner. Isso deixa meu pau duro. Com um pequeno impulso dos meus quadris, eu pressiono minha ereção contra ele, lembrando-lhe que ainda somos uma equipe. Não essa cadela. Tanner e eu. Mestre e Monstro. *Deixe-me matá-la para você*, eu transmito em minhas ações.

— Kami, — ele diz, sua voz firme. — Não seja tímida. Precisamos de detalhes. Todos eles.

Olho por cima do ombro para ela, e as narinas dele acendem. Então, a cadela estava tentando me irritar de propósito. Talvez ela goste de Tanner de uma maneira que ele nunca será capaz de corresponder plenamente. Eu jogo como ela como eu jogo com ele.

— Se eu estou ficando no seu caminho para você chupar o pau dele, então, chupe, — eu digo com um tom despreocupado, insinuando que ela é uma prostituta. — Mas essa merda é importante e eu preciso de respostas. — meu próprio pau ainda está duro, especialmente quando eu imagino ele empurrando seu pau pela garganta dela até ela sufocar. Pressiono contra a bunda de Tanner enquanto mantenho o olhar na cadela. O desafio cintilando em seus olhos azuis é tudo o que preciso saber sobre ela.

Ela o quer tanto.

Entre na fila, puta. Ele é meu, e eu nem tenho que fodê-lo.

— Na verdade, — Tanner rosna quando ele se afasta de mim. — Por que você não chupa meu querido amigo? Ele é o único com pau duro aqui.

Porra.

Às vezes eu esqueço o quão perigoso Tanner é. Superá-lo em seu próprio jogo é difícil - especialmente quando ele sabe que o jogo está rolando. Sua sugestão para ela chupar meu pau é uma prova. Sempre me testando.

E ele também está testando ela.

A dor fica evidente no rosto dela, seus olhos abaixam e suas mãos apertam. — Eu não sou a prostituta de ninguém, Cassian, — ela diz com um tom entediado, a mentira tão falsa quanto seus seios. Ela seria uma prostituta por ele. O fato dela chamá-lo por outro nome - o mesmo nome que Lucy usa - não é novidade, mas eu armazeno em minha memória de qualquer maneira para revisitar mais tarde. — Mas ficaria mais do que feliz em falar sobre Elizabeth.

Rolando os olhos, sento no sofá de couro. — Bem, desde que eu não vou ter meu pau chupado por você esta noite, por favor, continue, — murmuro. — Talvez mais tarde eu possa encontrar alguém para colocar os lábios no meu pau.

Desta vez, o desafio é para Tanner, e para plantar a semente na cabeça dessa menina que seu precioso ‘chefe’ faz isso comigo. Largo as sementes, as vejo crescer e causar caos.

O filho da puta simplesmente ri.

— Hora de diversão, Kami. — ele se senta ao meu lado e relaxa. — E faça bem feito.

Capítulo seis

Distinto

ELIZABETH

Uma batida na porta da frente me desperta do sono. Eu levanto da minha cama e ouço, tentando decifrar se é real ou sonho.

Bang.

Bang.

Bang.

Meu coração dispara enquanto pego meu celular e procuro o contato de Dillon, passando meu polegar sobre o botão de chamada. *Pode ser qualquer coisa. Não seja paranoica.*

Dando passos hesitantes desço as escadas, todas as sombras me perseguem e cada estalar das tábuas do chão deixa meu estômago nervoso.

— Quem está aí? — eu grito, mas não recebo nenhuma resposta. Colocando o celular na mesa lateral, acendo a lâmpada e pego um dos guarda-chuvas com uma ponteira de metal na extremidade da cesta ao lado da porta da frente. Isso vai doer se eu acertar com força suficiente.

Eu espio pelo olho mágico, mas só vejo uma rua distorcida e estranhamente dividida.

Destrancando a porta, balanço o guarda-chuva, levantando-o, pronta para vencer qualquer um com um bastão impermeável coberto de flores cor-de-rosa. Elise sempre compra tudo rosa e florido. Você pode imaginar eu realmente usando isso?

— *Como ele morreu?*

— *Um guarda-chuva florido rosa no peito.*

Estou rindo da minha paranoia, a noite vazia e escura são os únicos que me cumprimentam. Deve ter sido o vento.

— O que você está fazendo?

Um grito escapa, e eu viro, batendo o bastão em uma Elise desorientada.

— Que diabos? — ela grita, meu peito tremendo de choque. Acho que acabei de perder dez anos da minha expectativa de vida.

— O que você está fazendo aqui? — eu pergunto enquanto o vento atravessa a porta aberta, soprando meu cabelo no meu rosto.

Quando minha respiração fica sob controle, eu observo sua aparência. Seu cabelo está desgrenhado e bagunçado por toda sua cabeça, e sua pele está inchada e vermelha sob as manchas negras do rímel que danificam suas bochechas.

— Eu tive que romper com meu namorado. — ela resmunga, esfregando o braço onde eu bati.

— Namorado?

Balançando a cabeça, ela caminha até o sofá e se atira para as almofadas.

— É uma longa história e tudo é uma bagunça.

Eu franzi o cenho. — Você quer falar sobre isso?

— Por quê? Então você pula de alegria ao saber que não sou a pessoa perfeita que você acha que sou? — ela cuspe, estreitando os olhos para mim.

— Ninguém é perfeito, Elise, — eu a informo.

Ela cutuca. — Bem, você certamente não é.

Cruzando meus braços sobre meu peito, eu olho para ela. — O que isso significa?

Ela solta uma risada que certamente não tem humor.

— Oh, qual é, Beth, — ela zomba, uma pequena inclinação em sua voz que me fez perguntar se ela estava bebendo. — O que diabos você estava fazendo mais cedo? Você estava usando essas roupas novamente? Você sabe o quão confuso é a sua obsessão? — meu sangue esfria e eu me arrepio, porque em mais de uma ocasião, minha

irmã atravessou minha porta de repente e me viu em minhas roupas e maquiagem extravagantes. É particular e odeio que ela saiba disso.

— Não é uma obsessão, — eu assobio. — É uma maneira de se sentir conectada a ele. Para a vida. Sentir mais do que o vazio dentro do meu peito. A vida sempre foi fácil para você, mas nem todos têm as mesmas experiências.

Ela se ergue e balança a cabeça. — Então, é minha culpa não ser uma aberração deprimida como você?

— Diga-me como você realmente se sente, — desprezo, — sua cadela hipócrita.

Seus olhos vagam atrás de mim e ela empalidece. — O que diabos é isso? — ela aponta para a porta ainda aberta, e eu me viro, seguindo seu olhar. Um pacote está na calçada, envolto em papel marrom. Eu estreito meus olhos, tentando distinguir as palavras escritas na frente.

Boneca bonita para uma boneca bonita...

Marchando até o pacote, eu o pego, fecho a porta, tranco e corro até meu quarto.

— Elizabeth, o que diabos é isso? — Elise grita, mas eu já tive bastante dela por uma noite.

Eu desenrolo o papel, a excitação e o medo lutando pelo controle dentro de mim. Uma boneca de porcelana olha para mim. Detalhes perfeitos. Cabelo enrolado com um chapéu. O artesanato na roupa é excepcional. Meus olhos voltam para a caixa, procurando por uma nota. Eu não encontro, mas ainda me sinto compelida a agradecer o fornecedor do presente, mesmo por que ele veio até minha casa. O medo não é o vencedor aqui - a apreciação me derruba.

Alguém me vê.

Alguém está prestando atenção.

Eu decido vestir meu vestido e pintar meu rosto com perfeição antes de ligar a câmera. Meu sorriso é amplo e apreciativo.

— Eu quero agradecer quem quer que você seja pelo meu lindo presente. — eu bato meus cílios de uma maneira sedutora. — A boneca agora tem dona e ela é perfeita. — eu dou um beijo na tela e fecho rapidamente.

Eu ainda estou voando alto em adrenalina enquanto esfrego a maquiagem do meu rosto. Uma vez que estou limpa, pego a boneca da cama, deslizo todos os quadros de uma das minhas prateleiras para o compartimento e a coloco na frente e no centro. Voltando para a cama, eu olho para ela me encarando até eu sonhar com um homem que eu não conheço.

* * *

Um golpe na porta do meu quarto é implacável. — Cai fora! — eu grito, jogando um travesseiro nela.

— Vamos, Beth, — Elise geme. — Não fique brava. Desculpe pelo que eu disse na noite passada. Eu estava bêbada e triste.

Oh Deus, eu não me importo. Eu só quero dormir.

— Podemos ir para o café? Eu irei ao café da livraria que você ama tanto. Por minha conta. Você pode escolher qualquer livro.

Ouvindo isso, abro meus olhos. — Qualquer livro?

Ela ri. — Sim, desde que seja inferior a vinte e dois dólares e cinquenta centavos.

Depois de um revirar de olhos, arranco-me da cama e troco minhas roupas. Abrindo a porta, encontro Elise em pé sem um fio de cabelo fora do lugar. Agora ela tem uma fita loira, oposto de como ela estava ontem à noite. Não há nada vermelho na pele. Ela usa creme mágico ou o quê?

— Quando você fez isso com o cabelo?

— Eu fui ao salão esta manhã, — ela me diz enquanto morde o lábio inferior. — Eu precisava de uma mudança.

Esta manhã? Que diabos? — Que horas são?

— Quase meio dia, preguiçosa. Vamos antes da hora do almoço.

* * *

O cheiro de café supera o cheiro do papel, mas o verdadeiro apelo são os antigos livros de segunda mão, os estoques da loja. Adoro as páginas desgastadas, mostrando quantas pessoas adoraram e viveram a história. Antes de encontrar consolo em me tornar uma boneca bonita para os meus espectadores, a leitura era minha fuga. Deixando Elise pedir bebidas, atravesso os corredores, escovo meus dedos sobre as lombadas dos livros e sorrio para mim. Eu quero construir um recanto dentro das estantes e viver aqui por um tempo.

O tempo se afasta de mim enquanto eu passo pelas páginas de um romance antigo de Jane Austen. Meu estômago ronca e percebo quanto tempo deixei Elise. Ao atravessar as pilhas de livros, aparece um homem alto. Suas costas estão para mim enquanto ele espia através de uma lacuna em uma prateleira do lado oposto. Borboletas flutuam no meu estômago. O pensamento de ser observada faz coisas comigo, mesmo quando não sou o interesse do voyeur. Passo silenciosamente atrás dele, e seu aroma invade meu espaço. Minha cabeça gira com seu poder, suor misturado com uma pitada cítrica e algo mais... sabonete, o tipo que você pega nos hospitais. Talvez ele seja um cirurgião? O calor do corpo o envolve como um campo de força. Sigo na direção de sua cabeça e engulo a risada amarga que eu quero sufocar. Claro que é para Elise que ele está olhando.

— Ela teve seu coração partido, então seja gentil com ela, — eu brinco, surpreendendo-o. Ele se vira para mim e seus olhos se alargam quando a boca se abre. Ele tem os olhos castanhos mais intensos que já vi. Magoado. Aflito. Triste. Todas essas emoções desaparecem em um instante à medida que o interesse toma conta. Um calor me inunda. Algo sobre ele é familiar. Eu me pergunto se talvez ele seja um cirurgião onde mamãe trabalha. Eu definitivamente o vi antes. A estrutura de seu rosto é esculpida até a perfeição - uma fascinante dispersão de sardas fracas sobre o nariz. Uma barba castanha escura cobre suas bochechas, acentuando seus lábios cheios cor-de-rosa. Sua cabeça raspada mostra tatuagens em seu pescoço desaparecendo dentro de sua camisa. Minha boca enche de água enquanto meus olhos se movem para seu peito, imaginando se ele também está coberto de tatuagens.

— Oi, — eu digo, erguendo a mão torpemente. — Ela é minha irmã.

Ele apenas olha para mim sem uma única palavra sair de seus lábios. Então, talvez ele seja um estranho. Um belo amante dos livros estranho com um delicioso cheiro.

— Certo. Ok. — eu corro e viro o meu calcanhar para sair, mas ele me alcança. Há algo em suas mãos e corta meu dedo quando sua mão pega a minha. — Ái. — eu recuo, e ele baixa a mão. Meus olhos voam para o objeto cortante. São as suas chaves - há uma chave pontiaguda revestida com uma pequena gota do meu sangue.

— Me desculpe, — ele diz, sua voz profunda e assombrada.

Meu coração flutua obedientemente no meu peito, me lembrando que eu sou uma mulher e ele é um homem. Um homem impressionante, largo e alto.

Se aproximando, ele pega minha mão e o calor do seu toque me deixa hipnotizada. Eu observo com puro fascínio e admiração enquanto ele traz meu dedo em seus lábios e beija o pequeno corte, abrindo a boca levemente para chupar. Sua língua é áspera na parte de baixo do meu dedo e minha mente gira com imagens sujas de sentir essa língua em outros lugares... lugares mais suaves. Estou solidificada no chão, incapaz de me mover. Ele abaixa a minha mão e me pisca um sorriso sexy. — Pronto. Está tudo bem.

— Um... obrigada? — eu murmuro.

— Você é linda, — ele suspira.

Meus sentidos voltam para mim, empurrando meu corpo para acordar de seu sono cheio de luxúria. — É o que diz o homem rastejando nas sombras para observar minha irmã, — eu provoco.

Seu rosto se afasta com aversão. — Não, — ele rebate em um tom firme. — Ela não é natural. Sua presença, seu cabelo loiro, sua atitude, é tudo... errado. — seu sorriso está de volta, seus olhos castanhos brilhando de prazer. — Mas você? Você é perfeita.

Estou formando três 'os' com meus olhos e boca, mas não posso falar.

— Eu prefiro olhar você, — ele declara simplesmente. Uma promessa, não uma pergunta.

Minha cabeça nada enquanto ele passa por mim e se dirige para a saída.

Correndo para Elise, tropeço, deixando escapar um grito quando um corpo colide com o meu. Eu suspiro com a dor fugaz quando o líquido quente se infiltra no meu vestido e no meu peito. Meus olhos arrastam até o corpo de uma loira sexy que está franzindo o nariz com a

bagunça que ela causou. Seu decote está molhado e ela o cobre enquanto ela murmura um breve, — Desculpe. — eu olho para ela enquanto ela se vira para a saída.

Obrigada, cadela Barbie. — Você arruinou meu vestido, — eu grito para ela, embora ela não possa me ouvir.

Vários pares de olhos cintilam sobre mim em julgamento silencioso enquanto olham meu vestido agora sujo. Agora o tom marrom do líquido vai manchar o tecido perfeito. Ignoro os olhares porque não foi minha culpa.

Frustrada, eu vou até minha irmã. — Você viu isso? — eu assobio, pulando como se fosse magicamente desaparecer. — Nós precisamos ir. — eu entrego a pequena pilha de livros que eu havia reunido para comprar. — Agora, Elise, — eu aviso com meu humor azedo.

— Não está tão ruim, — ela tenta me assegurar, mas o desejo de tirar o vestido manchado é forte. Eu coloco mais dinheiro do que o necessário na mão e insisto para que ela pegue nossas bebidas para sairmos.

Quando eu chego até o carro, eu suspiro com outra boneca de porcelana esperando por mim. Esta não é tão elegante quanto a primeira, mas ainda gosto dela. Meu vestido arruinado já não é um problema quando pego a boneca e a abraço, uma parte de mim esperando que fosse do cara lindo da livraria. Uma garota pode sonhar.

Capítulo sete

Inexperiente

BENNY

Tanner está ocupado. Fazendo o quê? Eu não me importo. Isso me dá um tempo. Minha raiva ainda ondula sob a superfície após a mudança de eventos com Kami. Três anos, fiquei ao seu lado, fazendo seu trabalho sujo e sentindo um vínculo com o qual eu não sabia que era capaz, mas ele é mais um enigma do que uma loja Victoria's Secret.

Fiquei morrendo de vontade de ver o que minha Bethany anda fazendo. Na noite passada, foi preciso o máximo controle para não tirá-la diretamente da porta e arrastá-la para o meu carro. Ela estava tão requintada em sua camisola sedosa que quase não cobria sua bunda. Foi surreal ela ter aberto a porta e eu a vi diretamente na minha linha de visão. Eu queria puxar suas calcinhas de renda pelas coxas e esfregar meu pau ao longo da rachadura de seu traseiro. Sentir sua pele pura contra a minha.

Pegar.

Levar.

Foder.

Ela pertence a mim. Predestinada. Uma reencarnação.

Mas eu sou mais sábio, por causa de Tanner.

Eu faço movimentos inteligentes, por causa de Tanner.

Valia a pena esperar. A porra da paciência. Segurando-me quando tudo o que eu queria fazer era pegá-la, pegá-la, e pegá-la.

Ela se empolgou.

Só para mim.

E fez uma aparição ao vivo.

Só para mim.

Recebi a notificação no meu telefone e observei como minha doce Bethany, minha linda bonequinha nova, olhou diretamente para a câmera, na minha maldita alma e falou comigo. Explodiu um beijo na tela que pousou na ponta do meu pau. Com pressa, tirei meu pau para fora e me afastei, reproduzindo seu vídeo uma e outra vez até eu disparar meu sêmen por todo o seu rosto deslumbrante na tela.

E as melhores notícias, de acordo com Tanner, ela tem uma irmã gêmea. Eu a tinha visto, embora silenciada pela escuridão e Bethany bloqueando minha visão completa dela. A menina era uma bagunça de soluços. Observar as duas garotas Bethany brigando, era fascinante. Uma ilusão. Muito perfeito para ser real. A dor que nunca para de latejar no meu peito se intensificou para um rugido que afligia a terra.

Duas.

Duas.

Duas.

Minhas.

Kami, mesmo quando forçada a divulgar detalhes sob o olhar autoritário de Tanner, ainda era retida. Um dia, vou cortar sua língua e pisarei debaixo da minha bota. Se ela não quiser falar, vou me certificar de que ela não possa falar. O que ela me disse, porém, aqueceu minha alma.

Elizabeth é uma nerd que adora livros. Quieta. Tímida. Detalhista e organizada. Infantil. Inocente.

Elise é uma garota popular. Alta. Extrovertida. Volúvel e desorganizada. Mulher. Não tão inocente.

Dois lados de uma única moeda brilhante.

Eu quero ambos os lados.

Eu quero as duas, maldição.

Kami falou. Ela tinha muitas informações sobre Elise. O que ela gosta, não gosta, alimentos favoritos, música - eu cataloguei tudo, mas

quando eu a comparei com a possível lista de Elizabeth, estava faltando. Isso me irritou. Fez-me desejar descobrir essas coisas sozinho.

Quando eu percebi que as duas meninas saíram juntas esta manhã, eu as segui para uma livraria vintage peculiar. Elise saltou com irritantes mechas loiras no cabelo que eu não tinha notado antes, enquanto Elizabeth seguia mansamente atrás dela. Elise usava jeans e um suéter fora do ombro que revelava muita pele. Elizabeth usava um vestido branco simples, modesto e de mangas compridas. Puro. As meias altas era um toque agradável. A faixa de cabeça rosa pálido em seu lindo cabelo escuro era um toque ainda mais agradável. Os sapatos preto sem arranhões em seus pés deixaram meu pau duro.

Escorregar para a loja foi difícil por causa da porra dos sinos na porta, mas finalmente consegui passar por trás uma mulher com três crianças barulhentas. As pessoas estavam tão concentradas na criança que chorava, que elas não me notaram entrar. A mulher saiu da loja rapidamente depois de muitos olhares irritados dos clientes.

Agora, estou à procura de Elizabeth, mas é Elise quem eu encontro primeiro. Eu olho entre a primeira fila de livros em uma prateleira. Seu traseiro se agita enquanto ela se move para o cardápio do menu, flertando com o barista. Eu quero estrangular o idiota pelo olhar aquecido que ele está dando a ela. Meus olhos examinam a área, procurando por Elizabeth.

— Ela acabou de ter seu coração quebrado, então seja gentil com ela. — a voz é doce, familiar e eu me viro para encarar minha obsessão.

Linda Bonequinha Nova.

Bethany.

Minha.

Ela é cativante. Fico de olho nela, não querendo piscar e vê-la desaparecer. Ela morde o lábio inferior gordo que implora para ser sugado, quando o olhar dela viaja até meu pescoço e meu peito. Um rubor aparece em sua garganta enquanto ela inspeciona as novas tatuagens cobrindo velhas cicatrizes. Tanner achava que as tatuagens ajudariam a mudar minha aparência. Eu acho que ele tem uma queda por tatuagens.

Percebendo o seu deslize, ela acena e meus olhos se fixam em seus delgados dedos, as unhas pintadas de rosa. — Oi. Ela é minha irmã. — e eu sou seu irmão.

Eu quero agarrá-la por sua mandíbula e mordê-la na minha boca. Quero inalá-la, sugá-la, lambê-la e fodê-la.

Eu a quero. Eu a quero. Eu a quero, porra.

— Certo. Ok. — o rubor se espalha até suas bochechas, e ela se vira para sair.

Não tão rápido, Linda Bonequinha.

Eu a pego pela mão.

Eu a quero. Eu a quero. Eu a quero, porra.

— Ái. — seu corpo se afasta ao meu toque, e eu a solto, então amaldiçoo silenciosamente quando percebo que ela se machucou com o meu chaveiro. Seu sangue, brilhante e maldito, floresce como uma rosa em sua pele pura.

Eu a quero. Eu a quero. Eu a quero, porra.

— Me desculpe. — minha voz treme, e eu pareço como um maldito idiota, mas não me importo. Meu sonho está diante de mim, uma imagem de inocência e perfeição personificada.

As narinas dela inflam e a boca se abre. Os olhos de avelã cintilam com luxúria. Com curiosidade. Com intriga. Com interesse. Os olhos da minha boneca doce são tão expressivos. Isso me faz pensar em como eles vão parecer quando eu a tiver presa debaixo de mim enquanto conduzo meu pau na sua buceta intocada. Um olhar tímido e aquecido dessa garota e eu sei que ela é virgem. Que ela esperou por mim. Ela quer que eu a tome. Ela quer que eu empurre sua calcinha franzida para o lado e a faça gritar. Seus olhos praticamente imploram por isso. É assim que deveria ter acontecido há tantos anos atrás. Uma nova chuva de ódio se arrasta sobre minha pele até meu pai e minha mãe.

Levantando a mão, pego a sua mão minúscula. Está fria e eu quero beijá-la até que sua carne arda com calor. Como se estivesse sob meu feitiço, ela observa enquanto eu trago seu dedo magro na minha boca. Eu beijo a minúscula gota de sangue e as chamas de fogo dentro de mim inflamam, uma fome como nunca antes floresceu em mim.

Eu a quero. Eu a quero. Eu a quero, porra.

O desejo de devorá-la quase me consome. Quase ignoro cada lição que Tanner me ensinou.

Quase.

Com meus olhos em seus olhos avelãs aquecidos, sugo o doce e metálico sangue de seu dedo. Mas não é o suficiente. Como um vampiro filho da puta, eu quero chupar todo seu corpo e enchê-la com meu pau.

Eu a quero. Eu a quero. Eu a quero, porra.

Sua respiração falha enquanto eu a lambo, suave, mas sugestivo. Essa lambida promete prazer. Isso prometeu muito mais do que o mundo dela pode lhe dar. Minha língua silenciosamente diz: *‘Logo eu vou te salvar, minha Bethany’*. Levo tudo em mim para puxar sua mão da minha boca ávida, mas eu a solto, apesar de querer prender ela para sempre.

Falo para ela. — Pronto. Está melhor.

Suas bochechas coram uma vez mais. Minha doce Bethany ama meus sorrisos. Eu vou sorrir para ela enquanto eu estiver fodendo ela mais e mais e mais.

— Hum... obrigada? — suas palavras estão sem fôlego. Envergonhada até. Tão fofa, adorável.

— Você é linda.

Seus lábios se contraem quando ela tenta esconder um sorriso. Minha bonequinha linda adora atenção. Ela praticamente brilha, maldição. Impressionante. Como um pôr-do-sol.

Ela engole seco e brinca: — É o que diz o homem olhando para minha irmã.

Suas palavras fazem com que meu sangue fique gelado. A outra garota, sua gêmea, não é nada comparada a ela. Nada. Elizabeth é absolutamente perfeita. A outra garota é defeituosa e danificada - usada e quebrada. Ela precisa ser restaurada.

Mas essa?

Este não precisa de nada... só precisa de mim.

— Não. — eu respondo. — Ela não é bonita. Sua presença, seu cabelo loiro, a atitude dela, está tudo... errado. — eu sorrio para ela de novo, amando como ela responde a mim. — Mas você? Você é perfeita.

Seus expressivos olhos cor de avelã estão bem dentro de mim. Por um breve momento, receio que ela veja todas as partes sombrias, sujas

e vergonhosas de mim que eu não quero enfrentar. Minhas falhas. Minhas obsessões infantis. Minhas deficiências.

Mas ela não parece ver nada disso.

Ela me vê.

E eu também a vejo.

— Eu vou estar de olho em você, — eu digo a ela, minha promessa tão espessa, que você pode cortá-la. Eu dou uma última olhada no anjo na livraria antes de escapar. Era suposto ser uma missão de reconhecimento, um momento para espreitar suas vidas e reunir informações reais que a idiota da Kami não poderia fornecer. Em vez disso, esbarrei nela. A pequena inocente me pegou no meio do meu ato impertinente.

Sem julgamento.

Sem raiva.

Ela ficou brilhando.

Meu coração se agita enquanto entro no meu carro. Uma vez dentro, fico irritado. Tanner está explodindo meu telefone.

Tanner: Verifiquei suas celas. Eu acho que você vai gostar delas.

Tanner: Onde você está?

Tanner: Monstro...

Tanner: Maldito, você está atrás delas, não é?

Tanner: Não pegue ninguém.

Tanner: Não fale com elas.

Tanner: Meu Deus, se você arruinar tudo isso porque você não conseguiu ser paciente...

Eu sorrio para tela, exaltado como o inferno. Este dia foi como um tiro de heroína direto na minha veia. Estou zumbindo com a emoção. Meu pau está vivo com a necessidade de possuí-la e consumi-la.

Eu: Não peguei. Eu estou pegando um café. Se acalme, cara.

Tanner: Bom garoto.

Minha euforia desaparece, e eu franzo o cenho. Eu preciso colocar um novo plano no lugar. Quando olho para a livraria, meu sorriso volta. Elise salta da loja, com um livro fortemente apertado em uma mão e um café na outra, enquanto Elizabeth sentada no carro, já a aguardava. Elise entra no carro e a cabeça se move enquanto balbucia, basicamente falando consigo mesma.

Elizabeth, minha boneca bonita e nova, ainda está pensando em mim. Ela olha por cima do ombro e examina os carros como se estivesse me procurando. Seus olhos castanhos procuram por mim. O sol brilha através das janelas, destacando seu rosto pálido e suave. O sorriso em seus lábios cheios é um presente para mim.

Tanto quanto eu quero baixar minha janela e chamá-la para o meu carro para que eu possa pegá-la e levá-la agora, eu me abstenho. Conta minha vontade. Com o meu olhar para frente, eu ligo o motor e me afasto antes de quebrar todas as regras e arruinar tudo.

Vale a pena esperar.

* * *

— Você está escondendo algo de mim. — a voz de Tanner aumenta um pouco enquanto ele bebe seu bourbon. Tudo sobre ele grita calma, mas não passa despercebido as chamas cintilando em seus olhos âmbar ou o jeito que os nódulos ficam brancos com o quão forte ele está segurando o copo.

— Eu não estou, — eu minto, com cuidado para manter minha voz neutra, e meu olhar nele.

Ele não tem moral para falar sobre esconder coisas. Que tal falar sobre Kami? Idiota.

Ele segura meu olhar por um momento antes de chacoalhar o copo e tomar o resto. Seus dedos se juntam, e um momento depois, uma morena curvilínea é empurrada para a sala. Recuperando sua compostura, ela vem até nós. Eu não estou interessado, mas meu pau tem ficado a meio mastro desde que provei a minha Bethany. Ver longos cabelos castanhos e lábios cheios é quase suficiente para eu fingir que é ela.

Se eu apertar bem os olhos...

Aproximando, pego a garrafa de bourbon da mesa entre nós, despejo três dedos no seu copo e trago a garrafa para os meus lábios. A morena senta no colo dele, mas seu olhar ardente está sobre mim.

Mestre só deseja um.

Pressiono meus lábios na garrafa e bebo diretamente dela. Bebo. Bebo. Os olhos de Tanner estão cheios de surpresa enquanto eu engulo o licor. Assim que o álcool arde através de mim, eu me sento, descansando minha cabeça na almofada atrás de mim. Abaixando minhas calças jeans, arranco meu pau dolorido de seus limites, fecho meus olhos e me acaricio. Os olhos de Tanner estão em mim - eu não tenho que olhar pra ele para saber que eles estão. Eles sempre estão. Este pequeno show é para ele. Uma fodida distração. Um lembrete de que somos uma equipe. Que ele precisa de mim tanto quanto eu preciso dele. Faço com que ele precise de mim cada vez mais. Porque foda-se Kami.

— Docinho, o pau do meu amigo precisa de atenção, — ele rosna para a mulher antes de empurrá-la do colo. Nossos olhares se encontram por um breve momento.

Suas pulseiras se arrastam quando ela se aproxima, cautela em seus olhos. Seus instintos estão certos, mas ela sabe por que ela está aqui. O licor está vivo nas minhas veias. E, enquanto mantenho os olhos fechados, posso fingir. Então eu faço. Eu posso continuar acreditando que essa cadela idiota é minha Bethany até que eu tenha a Bethany real debaixo de mim. O pensamento de enfiar meu pau dentro dela e romper seu hímen deixa meu pau cada vez mais duro. Posso ouvir um barulho. Uma embalagem de um preservativo. O que me surpreende é quando uma mão forte cobre a minha para continuar me acariciando. Tanner desliza a borracha no meu eixo.

— Amigos cuidam de amigos, — ele me assegura, sua voz ansiosa.

Forçando meus olhos a abrirem, eu encontro seu olhar. Se o diabo tivesse olhos, eles seriam os de Tanner. Fogo e fúria e ferocidade enrolados em esferas âmbar.

— Obrigado, Mestre, — eu digo a ele, minha língua correndo ao longo do meu lábio inferior de uma maneira sugestiva.

Seu olhar escurece quando o mal se esconde atrás de seus olhos, e eu me pergunto se ele já se sentiu assim sobre um homem antes. A necessidade de tocar em vez de ser tocado. Não há nada submisso sobre

Tanner, e se ele achasse que sim, tenho certeza que ele me curtiria e tentaria me possuir.

Não vai acontecer, meu amigo.

Eu possuo as coisas por aqui.

— De nada, Monstro. — sentado no braço da cadeira, ele aperta os dedos e a morena obedece. Como a boa prostituta que ela é, ela passa pela minha cintura e o álcool entra, rápido e duro. Através da névoa, é mais fácil confundir a morena com a minha Bethany. Mente sobre a matéria. Seus dedos trabalham para puxar minha camisa do meu peito, e eu ajudo, jogando minha camisa contra Tanner, que permanece em silêncio enquanto observa.

Seus olhos se alargam quando ela vê as tatuagens cobrindo todo o lado direito do meu peito e torso. As cicatrizes abaixo elevam a escala do monstro, fazendo com que pareça que ele está se movendo sobre minha pele com cada respiro que eu dou.

— Diga-me que você está me procurando, — eu exijo, minhas mãos nos peitos firmes da morena. Ela cheira doce. Não é perfeita, mas saborosa. Quando ela afunda no meu pau, eu gemo. Essa cadela é uma prostituta. Solta pra caralho. Isso arruína a fantasia e a necessidade de acabar com ela é esmagadora. Quero destruir essa boneca falsa.

— Não pense, Monstro, — a voz suave de Tanner soa enquanto ele enxerga sobre mim como um cobertor quente. — Apenas finja. Não por muito mais tempo. Em breve, ela será toda sua. Você pode chupar e fodê-la e fazê-la sangrar.

Um gemido me escapa quando me lembro do gosto doce e metálico. A maneira como sua respiração engatou quando eu suguei seu pobre dedo ferido. Quando eu finalmente a tiver, eu quero provar seu sangue novamente. Quando eu destruir sua inocência, talvez eu chupe o sangue que escorrerá por sua buceta perfeita, correndo até a rachadura de seu traseiro em forma de maçã.

— É isso, — incentiva Tanner. Ele está atrás de mim agora, seus dedos fortes e capazes massageando os nós em meus ombros, que eu não sabia que existia. Como o diabo, ele sussurra coisas na minha orelha esquerda. Mas, em vez de ter a voz da razão na minha orelha direita, ele sussurra coisas sombrias também. — Tome ela. Use-a.

Meus quadris entraram na boneca falsa enquanto os dentes de Tanner cortam o meu lóbulo da orelha esquerda. Grandes palmas

queimam sobre meus músculos peitorais antes de cobrir minhas mãos sobre seus peitos. Aperto com força, provocando um choro de dor. Com sua respiração quente na minha orelha e as palmas gananciosas para me tocar enquanto eu a toco, eu deixo o álcool tomar conta de mim. Eu deixo a morena ajudar a criar uma fantasia. Eu deixo o prazer assumir.

— Vire-se, — ele brinca dando uma ordem para ela, que sem dúvida, ouviu.

A prostituta gira de modo que seu bunda me enfrenta sem quebrar o contato, deslizando para cima e para baixo no meu eixo. Eu não quero olhar para a bunda dela. Receio que o feitiço seja quebrado se eu abrir os olhos.

— Passe seus dedo no traseiro de sua boneca bonita, — ele instrui, sua respiração quente fazendo meu pau tremer dentro de seu buraco.

Levo dois dedos na boca dele, e ele os passa pelos seus lábios, sua língua ansiosa para me provar. Aposto cinco dólares que se eu pedisse que ele colocasse a boca no meu pau, ele se curvaria diante de mim.

Mestre se curvaria.

Ele chuparia meu pau e adoraria.

Eu o possuiria.

Eu já o possuo.

Eu o possuo porque a promessa de mais é algo que ele quer desesperadamente, mas nunca pedirá. É meu dever provocar e atrair e arrastá-lo lentamente para mim. Eu o quero de joelhos, mas não para chupar meu pau. Quero que ele queira tanto, que se incline para mim. Eu o quero de joelhos - é aí que todas as minhas obsessões pertencem.

Bem.

Na.

Minha.

Frente.

Eu quero acariciá-las e louvá-las e adorá-las de baixo de mim.

Possuir dessa forma me alimenta. Imagine o poder que me daria.

Arrancando meus dedos de sua boca de repente, eu encontro a rachadura do traseiro da morena. Quando eu empurro os dois dedos dentro dela sem aviso, ela choraminga, mas, com a buceta ansiosa que ela tem, pega seu ritmo enquanto ela me fode. Seu traseiro já foi usado antes e afrouxou com meus dedos. Eu acrescento outros dois sem lubrificá-los, forçando-os. Um gemido dolorido derrama de seus lábios enquanto ela inclina mais adiante, me dando mais acesso. Colocando meu polegar na minha palma, enrolo meus dedos em um punho e empurro dentro dela até meu pulso. Os sons vindos dela não são de prazer. São de dor. Ótimo. Eu gosto muito de usá-la como um mestre de marionetes com seu fantoche sem valor.

— Bom garoto, — Tanner suspira contra meu pescoço. — Meu monstro está aprendendo. Tomando. Possuindo.

O Mestre apenas se dobra para uma pessoa.

Inclino minha cabeça para a direita, expondo meu pescoço a ele. Uma oferta. Um pedaço. Um gostinho do que ele mais deseja. Sua hesitação é breve, mas então seus lábios cheios se abrem e se fecham sobre o espaço entre meu ombro e garganta. Espero um beijo e chupão, mas a dor penetra no brilho do álcool e da luxúria. Seus dentes se afundam em mim, mordendo, e o líquido quente corre do meu pescoço sobre meu peito. Ele é uma fera voraz. Abatido por mim. Tal como deveria ser. Mas ele está me marcando. Tomando posse.

Esse é o meu trabalho, filho da puta.

Eu fodo o traseiro da puta com o punho, forçando seu corpo sobre meu pau com as batidas da sua bunda. O sangue misturado com uma pitada de merda se infiltra no meu cotovelo. Minhas bolas estão apertadas com a necessidade de gozar. Seria muito melhor se eu tivesse minha Bethany, mas a espera não será para sempre.

Em breve.

Logo, minha bonequinha nova estará comigo.

Em breve.

A boca gananciosa de Tanner não está satisfeita com apenas meu pescoço. Ele quer mais. Seus dentes se prolongam pela carne do meu maxilar, e ele cava os dedos nas minhas bochechas, virando a cabeça. Por um momento quente, sua respiração se mistura com a minha. Eu arrisco abrir meus olhos, e estou tão feliz por ter aberto. Vejo que sua necessidade ardente é tão desesperada, que me leva ao limite. Adoro o

poder que tenho sobre ele. Tão simples. Tão viciante. Ele quer agarrar seus lábios aos meus e me acariciar com a língua, tocando dentro da minha boca. A intrusão seria forte e exigente, assim como minha pequena boneca em todos os aspectos de sua vida. Ele quer me beijar como se ele fosse meu dono. Mas eu o tenho pelas bolas.

— Porra, — ele geme contra minha boca, nossos lábios quase se tocando. — Porra, Monstro.

A maneira como ele resmunga as palavras, a forma como a boneca falsa esfrega seu buceta no meu pau, me deixa louco. Eu finalmente me perco. Meus olhos se fecham e eu a vejo.

Elizabeth.

Minha Bethany.

Linda bonequinha.

Ela fica uma delícia de branco.

Uma princesa.

Minha rainha.

Eu gozo mais e mais, preenchendo a prostituta com meus desejos por outra. Eu quase nem tinha parado de gozar quando a morena se afasta de mim. Eu volto do devaneio do álcool e da minha fantasia, mas o sangue e a merda cobre meu braço inteiro. Puta nojenta.

Monstro está saciado.

E o Mestre ainda está com fome.

Puxando-a, ele a empurra entre minhas coxas de joelhos. — Retire o preservativo e chupe-o, — ele grunhe, puxando seu cabelo escuro.

O meu pau amolece, mas a maneira como ele a faz chorar me faz endurecer de novo. Ela tira o preservativo desajeitadamente, e ele rapidamente empurra suas calças pelas coxas e coloca um preservativo no seu pau. Seus olhos nos meus, ele a ergue pelos quadris e penetra profundamente na boca dela. Satisfaz-me sabendo que ele quer sentir onde meu pau estava. Os guinchos dela me lembram porcos para abate, e o punho dele está de volta ao cabelo dela, forçando-a no meu pau.

Estou me divertindo e excitado pela forma como ele a brutaliza. Ela não é real. Ela é uma puta. Uma buceta fácil. Um pesadelo quando tudo o que posso focar é no meu sonho.

Tanner a solta com força, ela grita em torno do meu pau duro, a vibração faz minhas bolas apertarem. Fazendo com que os cabelos das minhas costas se arrepiem. Aqueles gritos acordam a fera - a raiva da fera - alimentando a fera .

— Você gosta disso? — ele grunhe, seus olhos selvagens com luxúria enquanto ele me olha. — Você está feliz, Monstro?

Ficarei feliz quando você estiver de joelhos me adorando, Mestre.

— Segure as mãos dela.

Seu comando parece como mais um pedido, e é preciso tudo em mim para não sorrir para ele. Em vez disso, eu obedeço, agarrando os pulsos dela enquanto ele tira sua lâmina do bolso da jaqueta. Acariciando a faca, ele olha diretamente para mim. Tanner se perdeu. Ele está fora de controle, furioso como a besta que muitas vezes me reivindica. A luxúria, a raiva e o ciúme estão brilhando em seus olhos enquanto ele levanta a cabeça dela ligeiramente, de modo que meu pau esteja fora de perigo quando ele enfia a lâmina no lado da garganta dela. Ele corta sua carótida sem remorso antes de puxar a lâmina e ruge quando ele goza simultaneamente. Seus olhos permanecem nos meus quando ela engasga logo acima do meu pau, seu peso a empurra mais para mim. O calor de seu sangue corre em torno de mim como uma cachoeira de luxúria, e eu trabalho meu pau de volta à boca dela agora que ela dificilmente pode lutar contra mim, estando quase morta.

Eu gozo em sua garganta.

Jesus Cristo, eu gozo, e os olhos de Tanner são como as chamas do inferno quando minha porra mancha o sangue que está caindo do buraco que ele criou.

Tanner também goza.

Juntos, rugimos como dois animais selvagens, nossa morte sangrando entre nós.

Seu olhar é de quem está reivindicando. *Meu. Meu. Meu.*

A obsessão de Tanner é perigosa. O suficiente para pôr em perigo a minha nova boneca bonita se ele não a conter. Eu vou ter que

dominar essa situação. Mantê-lo em uma coleira apertada. Ensinando o mestre como não ser um monstro filho da puta.

Leva tempo.

Você deve exercer paciência.

As palavras de Tanner, não as minhas.

Eu sou apenas aquele que obedece a essas regras simples.

Eu vou ganhar.

Vou dominar todas elas.

Minhas bonecas perfeitas e preciosas.

Minha.

Tanner puxa para fora da prostituta e, preguiçosamente a empurra para o chão. O rosto dela desliza pela minha coxa, caindo contra o chão entre minhas pernas. Os olhos maníacos dele encontram meu pau ensopado de sangue, o rio vermelho pingando entre minhas coxas. Como um touro filho da puta, ele se atira, suas mãos vorazes e carentes pulando na bagunça.

Porra.

Sangue.

Saliva.

Seus dedos atravessam o rio como se estivesse pintando as malditas paredes com os dedos. Ele chuta a boneca com uma bota pesada e toma seu lugar. Fica como um dragão fervendo em cima de mim, se perde no sangue, no meu sêmen, em mim. E eu o deixo. Permito que ele se dedique a esse momento caótico, estudando sua respiração, o barulho da sua mandíbula, o cintilar nos olhos.

Obsessão.

Por mim.

O Mestre me reverenciando.

Meu pau se contrai novamente e suas mãos não estão mais curiosas, mas cheias de intenções. Encostando-me no sofá, eu aproveito da maneira como ele adora o sangue, esfregando meus abdominais e no meu peito, depois meu pau, o sangue da boneca falsa ainda vazando. O

intenso prazer que me percorre não tem nada a ver com a necessidade de gozar e tudo a ver com a necessidade de possuir.

Suas mãos me deixam e ele puxa seu próprio pau duro, acariciando-se uma e outra vez, até gozar. Eu estremeço quando cai sobre meu pau.

E sua espinha endurece.

Abrupto. Afiado.

A realidade desaparece enquanto o sangue é absorvido pela almofada abaixo de mim e eu uso minha camisa para remover rapidamente sua marca.

Nenhum de nós diz uma palavra enquanto ele empurra a mão dele longe de seu pau como se estivesse queimado. *Você não pode queimar o diabo, bobo.* Ficando em pé, ele puxa as calças e me olha.

Ele está recuando.

E eu preciso que ele fique.

Então puxo a coleira.

Assim como ele quer puxar meu pau grosso.

Correndo os dedos através do sangue no meu abdômen, trago para os meus lábios e chupo. Seus olhos ardem através de mim enquanto observa. A cor favorita de Tanner é vermelha. A cor favorita de Tanner sou eu.

Vermelho. Vermelho. Vermelho.

Quando eu tiver todas as minhas bonecas em uma fileira, vou me certificar de ter uma gravata borboleta vermelha brilhante para usar.

— Quer ir a Waffle House? Estou com fome, —digo, como se nada tivesse acontecido e ele não tivesse testemunhado minha rejeição dele me possuir.

Os monstros não têm sentimentos.

Os monstros não querem poder.

Monstros não tentam superar seu mestre.

A autoridade é mostrada através de sua postura. *Tudo o que você precisa, mestre, para fazer você se sentir melhor.* Ele força um sorriso

brincalhão, mas eu sei que é difícil quando ele já descobriu as entranhas da fera. Ofereceu sua veia mais gorda para eu afundar meus dentes. Um mestre não é nada mais que um homem controlador de terno, em comparação a uma fera que dita as regras e devora.

— Sua recompensa, idiota, — ele grunhe.

Nós dois rimos, desta vez sem forçar.

Tanner sempre engole.

Capítulo oito

Virgem

DILLON

Não há café suficiente no mundo para me manter alerta hoje.

— Noite dura? — Marcus grita, jogando-se na minha cadeira, me forçando a franzir a testa e sentar na quina da minha mesa. Eu passo o olho rapidamente em seu terno elegante e rolo meus olhos. Ele vai se candidatar ao congresso ou alguma merda assim?

— Jade está num estágio da gravidez que a deixa muito excitada, — eu murmuro, e suas sobrancelhas levantam até quase a sua linha de cabelo.

— Isso é sério?

— Bem, meu pau concorda que é. Estou esfolado depois dela ter me montado a noite toda.

Pegando uma caneta, ele atira em mim e eu pego, segurando-a. — Que diabos?

— Ninguém deveria se queixar disso, — ele resmunga. — Vá, escreva em uma tonelada de papelada e não seja um filho da puta comigo.

Meus olhos voam para seu rosto, notando as olheiras sob seus olhos. — Você esteve aqui a noite toda?

Recostando na cadeira para esticar, ele esfregou as mãos sobre o rosto antes de responder. — Minha noite não foi conforme o planejado, então vim acompanhar algumas dessas entrevistas dos trabalhadores do clube.

— Alguma coisa que você precisa me dizer?

Ele rola os olhos. — Eu pareço uma menina que precisa discutir meus sentimentos?

Eu estico minha perna, batendo no tornozelo dele. — Você soa como uma, e embora eu ame ouvir sobre sua vida social, eu estava me referindo às entrevistas.

Ele se aproxima, sorrindo — Merda, desculpe. Eu só estou cansado.

— Sem problema, — eu entendo. *Junte-se ao clube.*

— Uma dançarina. Ela mencionou algo sobre um homem que reconheceu de um clube diferente que ela entrou e estava em uma discussão acalorada com o Sr. Law. Disse que só o viu porque entrou no escritório dele durante a conversa.

— Ela deu um nome para nós?

Ele agarra uma pasta que ele colocou na minha mesa e passa os polegares através dela. — Sem nome, mas um endereço de um clube chamado The Vault. Ela disse que pediu um emprego lá, mas foi recusada.

Um gemido sai do meu peito. — Você acha que ela está descontente e essa é a maneira de dar o troco?

— De qualquer forma, é a única vantagem que temos, então vale a pena procurar.

— Você foi até o clube?

— Sim. É de propriedade de Cassian Harris.

Levantando, pego meu casaco e as chaves do carro. — Antecedentes?

Marcus segue atrás de mim, combinando meu passo. — Nada. Nem uma multa. Ele está limpo.

— Muito limpo, ou apenas um membro superior da sociedade? — eu ressoo.

— Vamos descobrir.

* * *

The Vault tem uma atmosfera completamente diferente da propriedade de algum assassino enlouquecido. Uma mulher nos cumprimenta na frente, pedindo para ver nosso documento e depois nos deixa entrar, como se estivéssemos em um spa ou alguma merda assim. Quando eu mostro meu distintivo, ela sorri e nos conduz aos sofás de couro situados ao longo das paredes. — Você pode se sentar, informarei a administração que você está aqui. — ela irradia, oferecendo-nos uma bebida enquanto aguardamos.

— Obrigado. — eu respondo, não tendo certeza se há uma razão para ela estar sendo tão educada. Normalmente, os trabalhadores se distanciam quando mostramos nosso crachá. Marcus senta, e eu decido fazer o mesmo. Existem dois conjuntos de portas duplas, uma de cada lado da ‘mesa de boas-vindas’, e me pergunto o que está além delas.

O chão parece que é feito de vidro rachado, e reflete a luz de um lustre gigante pendurado no teto, iluminando o ambiente em uma luz brilhante. Os homens entram em ternos de mil dólares, depois desaparecem atrás de grandes portas pretas. Meus olhos encontram Marcus, que balança a cabeça. Este lugar está em um patamar acima e não deve realmente se preocupar com um clube como Rebel’s Reds. Eu duvido que exista uma rivalidade real entre eles. Uma porta de espelho, bem como a parede e o chão, abre de meu lado. Estava tão camuflada, nem percebi que havia uma porta ali.

— Detetives. — um homem alto e bem vestido para na minha frente, oferecendo sua mão primeiro para mim, depois para Marcus. Seu tom é profundo, autoritário. Não há nervosismo em sua atitude. Ele está sendo legal, recluso, e isso me deixa com o pé atrás.

— Vocês gostariam de ir para o meu escritório?

— Sim, obrigado, — Marcus responde por nós, seguindo-o pela mesma porta de onde ele veio. O revestimento de espelho continua no corredor, e meus olhos varrem o ambiente longo enquanto passamos algumas portas antes de finalmente entrar em uma delas.

É pequeno e sem personalidade. Sem fotos de família. Nenhum computador ou outro item eletrônico. Está vazio, exceto por uma mesa com cadeiras de cada lado.

Ele toma seu lugar, então gesticula para que ocupemos os outros.

Marcus tira o bloco de notas e lápis. — Posso confirmar quem você é?

O sujeito inclina a cabeça para nós. Seus olhos são a cor do mel, mas não há nada de delicado sobre a forma como eles penetram em nós, arrancando as camadas.

— Eu sou dono deste estabelecimento, — ele responde, juntando as mãos e encostando os cotovelos na mesa.

— Então, você é Cassian Harris? — esclareço.

— Sim.

— Sr. Harris, estamos investigando o assassinato de Maximus Law. Você pode me dizer como você o conhece? — Marcus pergunta.

Eu sorrio internamente do modo como Marcus colocou a pergunta. Não se ele o conhecia, mas como ele o conhecia.

— Desculpe, — diz Harris. — Eu me sinto em desvantagem. — ele sorri, mas seus olhos são vagos. Meu sexto sentido envia um arrepio até minha coluna vertebral.

— Desvantagem? — Marcus pergunta.

— Sim, vocês sabem quem eu sou, mas vocês não me informaram quem são vocês.

Idiota.

Puxando meu crachá, coloco-o na mesa na frente dele. Ele examina com um intenso desprezo antes de contrair seu lábio, me fazendo ferver. Ele é um jogador. Ainda bem que sou obstinado e gosto de jogar com os grandes.

Ele ignora Marcus enquanto pisca seu distintivo, apenas tendo olhos para mim.

— Detetive Scott. O que posso fazer por você?

Eu deslizo meu emblema no bolso das minhas calças e me inclino na cadeira para mostrar que seu pequeno show não me abalou. — Você pode responder a pergunta. Como você conhece Maximus Law?

— Quer dizer, você sabe que eu conheço Maximus Law?

Engolindo o grunhido, sorrio. Estou louco para golpear sua cabeça na maldita mesa. — Temos razões para acreditar que você o viu na noite de sua morte.

Inclinando-se para trás, ele bate um dedo em sua testa e depois pergunta: — Naquela noite que ele morreu?

O filho da puta é mais esperto do que eu lhe dei crédito.

— Dia dezenove, — Marcus responde por mim.

— Bem, eu estive aqui todo o dia e noite no dia dezenove.

— Você não precisa verificar sua agenda?

Ele me olha, uma faísca acendendo em seus olhos incomumente coloridos. — Posso acompanhar os dias, detetive. Dia treze foi uma quinta-feira, e às quintas-feiras, vejo as contas e depois passo as noites relaxando dentro de um corpo quente.

Eu me seguro para não rolar meus olhos. — Alguém pode confirmar isso por você?

Um sorriso perverso se espalha sobre seu rosto. — Claro. — puxando seu celular do bolso, ele discar em um número e leva o telefone ao ouvido.

— Kami, escritório B. Agora.

— Enquanto esperamos, você se importaria de nos dizer por que uma testemunha disse que te viu em Rebel's Reds?

— Uma testemunha disse isso, detetive Scott? — ele diz meu nome como uma maldição. — Não é um crime visitar outros estabelecimentos. Eu estava apenas explorando oportunidades de compra. Estou procurando expandir.

— Então, você estava lá para comprar o clube? — eu exijo, minha paciência por um fio.

Ele sacode um dedo e balança a cabeça. — Não, muito pelo contrário. O lugar não valia a pena o meu tempo, então agradei o Sr. Law e fui embora.

— Você sabia do envolvimento do Sr. Law no tráfico de mulheres?

Uma pergunta direta, um pouco cedo nessa fase da investigação, mas eu quero ver o olhar em seu rosto. Ele não me dá vestígios de saber se ele sabe ou não.

A porta se abre e uma jovem em um par de calças e um top entra. Ela é pequena com cabelos cor-de-rosa, seus olhos enormes e expressivos. Ela imediatamente se aproxima de onde Harris está sentado e se arrasta no colo, de frente para nós.

Assustadora pra caralho.

— Você pode confirmar onde estava seu patrão quinta-feira, dia dezanove? — Marcus pergunta, na esperança de pegar Harris, sem perguntar diretamente se ela estava com ele.

— Quem diabos você é? — ela bate em sua testa, e sua atitude faz uma bolha de riso se formar no meu peito. Ela me faz lembrar Jade quando começamos a trabalhar juntos.

Marcus recua, lançando o olhar em minha direção. Ele não gosta de mulheres impetuosas. Ele prefere que uma garota aja como uma.

Harris envolve uma mão em torno da cintura dela, seus dedos cruzando a cintura e desaparecendo por sua pelve. Ela engasga quando ele toca sua buceta, e Marcus se desloca em seu assento, ficando desconfortável. Harris é um jogador, poderoso. Ele acha que isso vai nos incomodar e nos fazer querer sair, mas ele é um imbecil se ele acha que eu não conheço essas táticas. — Onde eu estava, Kami? Não seja tímida, — ele provoca.

— Ele estava comigo.

Tirando a mão de suas calças, ele a empurra de seu colo antes de golpear seu traseiro e gesticular para que ela saia.

— Nós precisamos de seu nome e um testemunho confirmando seu álibi no registro. Apenas uma formalidade, — Marcus o informa, seus olhos se estreitando ainda mais.

— Espero que você tenha mais do que isso para garantir que você esteja aqui, — Harris afirma com um tom entediado.

— Estamos apenas seguindo todas as pistas e descartando possíveis suspeitos, — rosno com um sorriso no meu rosto.

— Bem, detetive Scott, sou um empresário, não um assassino. Se Sr. Law estivesse traficando mulheres, é mais do que provável que um acordo acontecesse. Em negócios complicados eu não entro.

Fico em pé e Marcus segue o exemplo, oferecendo a mão para Harris. — Obrigado pelo seu tempo.

— É um prazer ajudá-lo de qualquer maneira que eu possa.

Ao sairmos, Marcus tira um lenço do bolso e começa a esfregar a mão sobre ele, com uma careta no rosto. Eu quero fazer uma piada, mas ele está tendo um colapso.

— Eu não pensei quando dei o aperto de mão... — ele estremece, balançando a cabeça.

— É apenas uma buceta, Marcus. Não é um vírus.

— Como diabos eu sei o que ela está carregando? — ele rebate. — Ela claramente trabalha aqui. Só Deus sabe quantos homens ela deixa enfiar o pau lá.

Enquanto voltamos para o carro, eu aceno com a cabeça para o pano que ele limpou a mão. — Você não vai levar isso para o carro.

— É do meu avô, — ele resmunga. — Ele tem oitenta e oito anos. Eu não posso jogar fora. — ele franze o cenho, colocando-o no bolso.

Eu sorrio. — Isso é o mais próximo de uma buceta que ele teve nos últimos tempos.

— Porra, cara. — ele aperta o cinto de segurança e olha para mim. — Isso foi um fracasso.

Meus olhos examinam a enorme estrutura do clube. É enorme, e nem sequer conseguimos olhar por dentro. Algo com certeza tem a ver com aquele filho da puta. A riqueza e possuir esse tipo de negócio pode deixar um homem muito seguro de si, e espero que seja tudo o que é. Minha intuição, no entanto, me diz que há muito mais nisso e que não é a última vez que vamos vê-lo.

* * *

Tem sido um dia longo e ainda não temos nada para continuar. Passei toda a tarde pesquisando sobre Cassian Harris e para quem ele está associado. Quanto mais eu cavava, mais desconfiado eu ficava por não ter nada sobre esse cara. Sem passado. Sem vínculos com ninguém. Seu nome está em documentos em algumas propriedades, mas é isso. Mesmo perguntando aos informantes e pessoas naquela cena, o nome de Cassian era desconhecido. Ele tinha

um império, mas ninguém o conhecia. As pessoas davam nomes diferentes para quem eles pensavam ser dono do clube, mas ninguém poderia ou queria confirmar se este era o mesmo cara com quem falamos. Alguém que permanece anônimo e usa nomes diferentes sempre tem algo a esconder. E aquele filho da puta não vai sair do meu radar com facilidade.

Meu celular vibra contra minha perna e uma mensagem de Jade acende a tela.

Jade: MJ deixou a boneca na Beth e ela está gritando por ela, mas estou fazendo o jantar. Você poderia pegá-la no caminho de casa?

Ligando o carro, envio uma resposta rápida e vou à casa das gêmeas.

O sol está se pondo. Eu amo essa hora do dia, à beira da noite. Meus pensamentos estão em Scarlet, a moça que trabalhava no Rebel's Reds e reconheceu o dono de The Vault. Ele parece ser mais um fantasma reconhecido pelo depoimento dela, então por que ela se lembraria dele?

Amanhã vou tirar uma foto de Cassian Harris para ver se ele é de quem ela estava falando. Talvez fosse outra pessoa de seu clube. Talvez não seja nada.

Seja o que for, eu vou descobrir essa merda.

Capítulo nove

Não usado

BENNY

Tanner entra no escritório que ele me deixa usar, vapor quase saindo de suas orelhas. É tão raro vê-lo perder a calma habitual dele.

— Estou aguardando uma ligação, então vou ter um trabalho para você esta noite, — ele ladra.

Meus pensamentos vão para Dillon no monitor de vídeo no lobby. Quando o vi pela primeira vez, minha frequência cardíaca acelerou, quase fugindo no meu peito. Minha mão foi diretamente para minha faca, e eu tive que fazer meus pensamentos erráticos se acalmarem, para eu não marchar até lá e transformar o lobby de Tanner em um banho de sangue.

Ver Dillon trouxe a realidade de que, meus pensamentos não se desviaram para minha boneca suja. Nem uma vez ela veio em minha mente nos últimos tempos. Em vez disso, Bethany ocupou todo o espaço. Ela se abriu debaixo da minha pele e me limpou - lavou o impulso de ir buscar minha boneca suja. Ela sempre me pertencerá. Eu ainda a amo e a pegarei um dia, mas ela não está onde o pensamento de todos os meus pensamentos reside mais. Meu coração se sente livre do aperto que ela já teve sobre mim. Ela era tão especial e perfeita, mas ela me machucou quando fugiu e me afastou muitas vezes. Eu não acho que serei capaz de perdoar a dívida que ela tem comigo. Sua traição vem com um preço, e ela terá que pagar. Mas por enquanto... por enquanto, não vou tirar a vida dela. Vou deixá-la viver até o momento certo. Vou pegar minha doce Bethany e vou nos isolar do mundo lá fora.

— Benjamin? Você ouviu uma palavra que eu disse?

Não.

— Sim. Você tem um trabalho para mim.

— Seu pai sempre foi ótimo para ter como aliado, mas ele não era meu único homem. Meu informante me avisou de que alguém me viu no Rebel's Reds e vomitou o que sabia para os detetives. Ele vai me dizer o nome e o endereço da filha da puta que falou demais e trouxe os detetives até mim. Essa fodido vai pagar. — sua mandíbula aperta e as narinas acendem. — E, Benjamin? — eu dou a minha atenção, curtindo a fúria me levantando. — Eu quero a língua dela. Faça doer. Isso não é por prazer.

— Anotado.

* * *

Aguardo a agitação de ver minha boneca suja.

Raiva.

Emoção.

Necessidade e desejo.

Em vez disso, meu coração está corroído com o ácido do que ela era e o que ela fez comigo. Meu foco facilmente a deixa e fixa na minha esplêndida Bethany. Ela está dando adeus à boneca suja e fazendo uma pausa, olhando para o entorno. Ela envolve seus braços ao redor de sua cintura, e em vez de entrar, ela começa a caminhar pela rua.

Eu ligo o motor e a sigo lentamente. O material do vestido roxo fluído que ela usa acaricia seu corpo com cada passo enquanto o vento pega as mechas soltas de seus cabelos escuros, soprando-os ao redor de seus ombros e em seu rosto.

Ela caminha por um bom vinte minutos antes de entrar na pequena cidade parando na frente de uma sala de cinema. Uma multidão se juntou lá fora, e eu reconheço a Bethany falsa entre a multidão. Um garoto magro com um sorriso malicioso avança para cumprimentar minha nova boneca perfeita e seu corpo se retrai. Ela saiu de seu alcance, com as sobrelanceiras franzidas. O olhar dele voa para a irmã, que apenas encolhe os ombros e a boca, — Vamos, Beth.

Bethany está visivelmente abalada ao ver o menino feio. Toda a sua atitude muda como uma rápida mudança de interruptor.

— Vá se foder, Elise! — Bethany grita, virando o calcanhar e abandonando seus planos.

Saindo do carro, ando pelo caminho oposto, enquanto ela atravessa a rua e se dirige para mim. Sua cabeça está baixa olhando para seus pés. Eu sei que ela não me viu quando quase toca em mim, eu me esquivo no último minuto sem levantar o olhar. Minha respiração permanece calma enquanto debato a respeito dela, mas, como se me sentisse, ela deixa de se mover e olha por cima do ombro. Seus olhos de avelã penetram diretamente nos meus. É como se o mundo inteiro parasse e o momento fosse suspenso no tempo, duas almas procurando, surgindo, conectando.

— Você é o cara da livraria? — ela questiona com espanto, e um grande sorriso - apenas para mim - toca seus lábios. O mundo parece parar e meu menino interno reflete em seu sorriso.

— Oi garota que sangrou na livraria, — eu respondo, então me encolerizo quando seu rosto empalidece. Um momento depois, ela explode um riso cheio de música, e é deslumbrante.

— Olá, pode-se dizer que sim.

Ela olha de volta para a multidão do outro lado da rua, depois para mim novamente. O sol está começando a descer, e a mulher que eu deveria matar vem à mente, juntamente com o endereço e o horário de trabalho. A ordem de Tanner era cuidar dela agora, mas o agora pode esperar. Eu tenho algo mais importante para resolver.

— Onde você está indo? — pergunto.

Mordendo o lábio inferior, ela agarra as mãos. — Para casa. — os ombros dela se encolhem enquanto ela olha para mim através de seus espessos cílios. — Eu acho.

Olho para seus lábios por um longo momento. — Posso andar com você?

— Hum... claro, — ela respira, corando um vermelho perfeito que atravessa a pele pálida de porcelana e pelo pescoço dela.

Eu ofereço minha mão para ela, e quando sua mão pequena e flexível desliza na minha, meu peito se expande com um contentamento que eu não sentia há muito tempo. Seu perfume passa sobre mim com cada movimento que fazemos, e quase posso provar.

Doce e maduro.

— Eu amo a cor da sua pele, — eu digo a ela, segurando nossas mãos juntas e trazendo a dela para os meus lábios. Os olhos dela se alargam enquanto ela olha para mim.

— Minha irmã diz que eu deveria me bronzear. — ela dá um meio sorriso.

— Não. Nunca faça isso. — meu tom é mais severo do que o pretendido, e eu me preocupo em assustá-la, mas, em vez disso, encontro-a me estudando com carinho.

— Eu não vou. Eu prometo, — ela me assegura, seu tom suave e sem fôlego.

Aperto sua mão mais forte. — Sua irmã tenta muito ser como eles.

— Como quem? — suas sobrancelhas se erguem em confusão.

— Todos os outros. Ela poderia se perder em um mar de pessoas e ninguém seria capaz de achá-la, mas você... — eu estudo Bethany com atenção, — você... sua beleza é um forte contraste. Perfeita em todos os sentidos. Você é como uma nova boneca de porcelana, nunca tirada de sua embalagem.

O seu suspiro faz seus pés pararem, e ela tira a mão da minha, depois dobra os braços sobre o peito, oferecendo-me um sorriso tímido. As perguntas ficam na ponta da língua, mas ela se abstém de fazer. Seus olhos estão estreitos quando ela me estuda, e eu me pergunto se ela descobriu que eu sou a pessoa que lhe deu a boneca.

— Eu disse algo errado?

Balançando a cabeça, ela me diz: — Não, é só... esta é a minha casa. — ela acena com a cabeça, gesticulando para a casa atrás dela. Eu estava tão perdido nela que eu não tinha percebido o quão rápido caminhamos.

— Oh, — eu digo, oferecendo um sorriso apertado. Eu não quero que ela entre. Quero ficar na sua presença para sempre.

Ela será minha.

Minha.

Minha.

— Eu podia te convidar para um café, mas minha mãe está em casa.

Eu olho para a casa escura, sabendo muito bem que não tem ninguém lá dentro agora. Ela não quer que eu entre. Eu a assustei? O comentário da boneca de porcelana certamente a deixou com a pulga atrás da orelha, e agora, eu a assustei. Decepção me inunda.

— Talvez outra vez? — declaro.

Definitivamente haverá uma próxima vez Boneca Bonita.

— Você tem telefone? — ela pergunta de repente quando eu estou virando para sair.

Meu coração dança no meu peito. — Sim. — puxando-o do meu bolso, dando para ela, espero que ela não mexa nele demais e apenas acrescente seu número. Ela enfia os polegares sobre a tela e me entrega de volta. Olhando para o contato, meu interior queima. Por um lado, quero ficar aqui com ela para sempre. Mas, por outro lado, quero levá-la e mantê-la longe de todos.

Boneca

1-555-433-5212

Ela sabe. Bethany tem que saber que eu lhe dei a boneca. Empurrando o celular para dentro do meu bolso, minha alegria corre pelas minhas veias e as minhas mãos se estendem para passar por suas bochechas. Sua respiração falha quando eu abaixo a cabeça para encontrar seus lábios carnudos. Suas mãos se encaixam em meus pulsos, e seus lábios se separam, enchendo minha boca com sua respiração frutada. Um suspiro a escapa quando ela fecha os olhos. Eu a provo, sacudindo minha língua na sua boca saborosa, necessitada, devorando e explorando cada centímetro. Ela é calorosa e convidativa, e meu pau se anima sabendo que sua buceta deve estar molhada, tão quente, tão perfeita como ela.

Seus pequenos peitos empurram contra meus antebraços, me deixando querer arrancar o vestido dela e reivindicá-la na porra do gramado. O gramado do meu pai. Pretendo escrever uma carta quando eu voltar para casa esta noite. *Hora de uma atualização, Querido papai.*

Uma porta do carro batendo tira Bethany dos meus braços. Olhando além de mim, ela endurece. — Oh, ei, Dillon, — ela chia.

Todo músculo no meu corpo retrocede.

Porra.

Porra.

Porra.

Sabendo que isso não me deixará sem outra escolha senão ter que matá-lo e levar Bethany agora, sem nenhum plano totalmente disponível para ela ainda, eu não me viro. — Eu ligo para você, — eu sussurro contra sua orelha antes de sumir para onde eu deixei meu carro.

— Você não vai se apresentar? — ele grita por trás da minha cabeça, mas eu continuo caminhando, esperando que ele não me siga. — Ei! — ele grita para minha forma em retirada. — O que aconteceu? — eu o ouço dizer, mas não ouço resposta na distância que estou. Ele não está seguindo, e eu não fodi tudo mudando o plano. As regras. As regras de Tanner.

* * *

Eu vigio o Rebel's Reds. Esta noite é a reabertura depois de ser fechado pelos policiais. Alguma coisa sobre uma investigação sobre o proprietário, sobre tráfico sexual. Não tenho certeza. Não sei e não me importa. Eu nunca pergunto a Tanner por detalhes das pessoas que ele precisa que eu cuide. E o mesmo com a gerente deste lugar. Tanner me disse para matar Law, então eu matei.

Verifiquei as câmeras, ou, mais importante, a falta delas. Tanner queria que eu fizesse doer tanto quanto possível para essa mulher. Ele afirma que ela é a única pessoa que nos levou para os policiais, mas a vontade de ficar com a minha nova boneca me faz querer fazer isso e terminar logo, para que eu possa ir para casa e cuidar do pau duro que ainda não me abandonou.

O que Tanner não sabe não pode machucá-lo. Eu digo a ele que eu a sufoquei com meu pau antes de cortar sua língua da sua maldita boca e fazê-la se afogar em seu próprio sangue.

Rastejando pelo quarteirão, eu espremo meu corpo contra o prédio e escorrego atrás de uma porta aberta na parte de trás do

clube. Ao verificar meu relógio, espero que ela saia. Um homem sai antes falando em seu telefone sobre o novo cara que assumiu a casa ser um idiota. Ele fuma dois cigarros enquanto geme, e penso em matá-lo apenas para evitar que eu tenha que inalar a fumaça nociva. Assim quando estou prestes a avisá-lo da minha presença, ele volta para dentro.

— Tchau, Jack, — diz uma voz de mulher enquanto ela entra na noite.

É ela... a mulher da fotografia que Tanner me deu.

Eu esgueiro atrás dela, segurando cada lado de sua cabeça torcendo o seu pescoço antes que ela possa terminar seu grito assustado. Puxando minha faca do bolso, inclino sobre o corpo caído e puxo sua língua cortando-a e colocando em uma pequena sacola de plástico. Abrindo um dos latões de lixo, eu a atiro para dentro. A tampa se recusa a fechar de primeira, então eu tenho que forçar, colocando-a mais para dentro. Assim quando estou prestes a fazer minha fuga, Jack retorna. Ele me olha, seus traços caindo de confusão antes que seu olhar caia no sangue na minha camisa, depois na sacola na minha mão.

Porra.

O cigarro cai de seus lábios enquanto eu me movo rápido, puxando a faca do bolso, passando em sua garganta. Os olhos dele se alargam e as mãos dele se dirigem para o corte. Afastando as mãos, ele olha o sangue com incredulidade antes de cair como um bloco de concreto no chão. Jogá-lo no lixo vai ser uma tarefa mais difícil, uma que não estou achando graça. Ele pode ficar lá.

Volto ao meu carro e logo saio.

* * *

— Lucy, — eu toco no monitor, entrando no The Vault pelos fundos e tirando minhas roupas na sala pequena, de azulejos. A luz pisca acima da porta, e um faxineiro entra, arrumando minha merda. Atravesso a porta e passo pelo corredor para o escritório de trás, que eu só soube que existia quando Tanner me levou lá para encontrar sua Kami. Mesmo pensar em seu nome deixa um mau gosto na minha boca.

— Benjamin, você não deveria entrar aí, — Lucy grita, perseguindo-me. Eu paro, e suas pisadas cessam atrás de mim. Olhando por cima do meu ombro, dou a ela um olhar de advertência. Seus olhos azuis brilhantes cintilam com o desejo de me parar - como se ela pudesse - mas algo no meu olhar a fez dar uma pausa. Segurando as mãos em derrota, ela murmura: — Eu avisei.

Eu explodo pela porta e solto a sacola que contém a língua da menina morta.

Dentro da sala de vidro estranha está Kami, seu corpo todo despido. Ela está coberta de hematomas e cortes, sua carne uma tela de sangue e dor. Seus peitos estão contra o vidro enquanto Tanner come sua buceta, e... ele está nu. Nunca o vi sem as suas roupas antes. Seu corpo tenso demonstra poder. A pele bronzeada natural se estende sobre músculos duros, seus antebraços envoltos em torno do pescoço dela, segurando-a em uma espécie de mata leão. E, apesar de muitos ferimentos, ela grita com prazer.

Os olhos dela pousam sobre mim através do vidro, e um sorriso diabólico levanta os lábios inchados.

— Você é uma puta. Eu odeio fodê-la. Você me enoja, sua prostituta suja! — ele grita enquanto entra nela, quase a levantando do chão. Ele está tão dedicado ao seu desejo, que ele nem sequer me vê na sala. Meu coração se encolhe, todo o poder que uma vez pensei que eu achei que tivesse, estava fugindo de mim, rindo de mim. Eu não o possuo. Ela possui.

Afastando-se dela, ele gira o corpo para encará-la e estapeia seu rosto. Ela cuspe sangue enquanto a cabeça gira para o lado. A mão dela aparece em retaliação, mas falta impulso. Ela está cansada e mais fraca do que ele. Seus olhos se acendem quando ele a observa. Envolvendo a mão em torno de seu pescoço pequeno, ele a ergue do chão e a puxa contra o vidro, a cabeça atingindo uma altura bem acima da dele. Eu percebo marcas sobre o corpo dele - hematomas, marcas de garras. O chão de sua cela está cheio de armas, facas, batons e brinquedos sexuais.

— Eu ganhei, — ele diz a ela quando o corpo dela perde as forças e começa a ficar mole. — Não se canse de mim ainda, minha puta preciosa. — ele libera seu corpo, e ela cai no chão com um tremor. Seu corpo vibra enquanto ela tosse e cospe mais sangue.

— Você quebrou um dente, — ela choraminga.

Ele sorri para ela. — Eu vou marcar uma consulta no dentista. Agora, pare de reclamar e abra essa boca suja. — os lábios dela se abrem, e ele enfia seu pau espesso e duro. Eu nunca o vi tão duro antes, tão esticado, as veias saltando. Suas pálpebras diminuem quando ele a observa se acariciando. — Foda o seu buraco para mim, Kami. Deixe-me ver.

A mão dela passa sobre o chão, puxando um pau falso e roxo em sua direção. Ela cospe sangue na ponta, e depois abaixa o brinquedo entre as pernas. Ela estremece primeiro, depois seu ritmo pesado combina com o dele. O som da pele escorregando sobre a pele e sua buceta molhada absorve cada impulso que percorre a sala, saltando pelas paredes.

Porra, eu a odeio.

Eles arruinaram tudo.

Eu estava tão alegre.

O sêmen pulsa de Tanner diretamente na boca de Kami. Ele torce seu pau até parar, então segura sua mão sobre a boca dela. — Engula como uma boa garota. Deixe-me possuir você dentro e fora.

Porra.

Porra.

Eu saio da sala.

Deixe-os.

Deixe-o.

Capítulo dez

Não-contaminado

ELIZABETH

Estou zumbindo.

Voando em uma nuvem.

Esse beijo. Oh. Meu. Deus. Foi tudo. Nunca fui beijada tão intensamente antes, como se eu fosse a pessoa mais importante do planeta. Seus olhos castanhos brilharam com vontade - desejo que queria lamber e queimar minha carne. Dillon, Deus o abençoe, mas ele realmente arruinou meu momento mágico.

Meu bate-papo com Dillon foi um borrão. Eu nem me lembro do que ele disse. Alguma coisa sobre impedir Jade de se preocupar comigo em casa sozinha novamente. Por sorte, mamãe não demorou muito para chegar. Ele conversou com ela um pouco enquanto eu fingia escutar. Na realidade, não ouvi uma palavra. Fiquei atordoada. Desesperadamente verificava meu telefone a cada três segundos, e Dillon me observou com olhos estreitos. Eu sabia que ele estava curioso sobre o meu novo namorado, mas eu não ia falar nada. Uma garota nunca beija e sai por aí contando para todos. E isso foi muito especial. Eu queria manter isso apenas para mim. Como se eu falasse sobre isso, as pessoas julgariam e jogariam água fria nessa euforia turbulenta percorrendo minhas terminações nervosas. Eu li sobre as pessoas que têm uma conexão e esse amor imediato em livros. Eu sempre estive ciente de que era ficção - apenas rumores de ser possível. Mas se os arrepios correndo pela minha espinha e zumbido deslizando através de todo o meu sistema nervoso não é a prova de tais conexões, eu não sei o que é.

Depois de um banho longo e quente, onde meus pensamentos repetiram o beijo uma e outra vez, eu me tranco no meu quarto. Não tenho ligações ou mensagens perdidas. A decepção surge através de mim. Com um suspiro, abro a janela do meu quarto e me inclino. O ar

quente passa em torno de mim, e meu robe se abre, mostrando meus seios para as árvores escuras que flanqueiam nossa propriedade. Mordendo o lábio, eu puxo meu robe de volta ao meu redor. Ainda estou procurando a escuridão quando o meu telefone toca. Apressando-me, sento na cama.

Elise: Você realmente machucou os sentimentos de Jason fugindo daquele jeito. Ele é um bom cara que realmente gosta de você. Queria que você lhe desse uma chance.

A decepção seguida de irritação extrema me inunda enquanto eu digito minha resposta.

Eu: Não é meu tipo.

Elise: Qual é o seu tipo?

Fecho meus olhos, lembrando meu beijo de antes. A maneira como ele me consumiu de uma maneira que Jason jamais seria capaz.

Eu: Alto, cabelo escuro. Musculoso. Tatuagens. Bonito. Maduro. Alguém que me beija como se eu fosse tudo.

Os três pontinhos se movem enquanto ela digita. Eu quase posso senti-la rolando os olhos.

Elise: Boa sorte. Caras assim não existem.

Eu quero dizer a ela que eles existem, que eu beije um esta noite, mas eu decido não ir contra ela. Elise apenas insistiria. Ela estragará meu momento com o conselho da 'irmã mais velha' e 'sabe tudo'.

Eu: Ainda não estou interessada em Jason. Nunca estarei, então esqueça. Boa noite.

Meu olhar se aproxima da minha mesa e meus olhos quase pulam da minha cabeça quando vejo uma nova boneca ao lado das outras duas. Ele esteve no meu quarto. Dillon ficaria puto se soubesse... e é exatamente por isso que ele nunca poderá saber. O calor inunda através de mim. A nova boneca que está no meu quarto deveria me assustar, mas, em vez disso, acho doce. Três bonecas do meu perseguidor. Do perseguidor da livraria. Pelo menos, espero que seja ele.

Ela não responde de volta. Quando o meu telefone zumba novamente, espero ver a mensagem de Elise, mas é um número que não

reconheço. Meu coração vibra como uma borboleta sobre uma flor que tão desesperadamente quer pousar.

Desconhecido: Eu queria que nosso beijo não tivesse acabado.

Calor queima em minha pele como se eu tivesse pisado em cima de um fogo ardente. Eu ando de volta para a janela e olho para as árvores. Meus olhos se esforçam enquanto busco algum movimento. Acho que vejo algo branco, mas minha mente provavelmente está me pregando uma peça. Derrotada, eu me sento em minha cama.

Eu: Eu gostei demais. Qual o seu nome?

Desconhecido: Meus amigos me chamam de Monstro.

Eu franzo o cenho. Ele está longe de ser um monstro. Ele é como um daqueles anjos guardiões gostosos que você lê em romances. Alfa e gigante e forte. Bonito. Sua proteção se espalha dele em ondas. Talvez seja uma brincadeira com seu nome, ou talvez ele era uma criança feia que ficou perfeito, dando um grande foda-se para os que não lhe deram crédito por ser diferente. Eu acho beleza no diferente.

Eu: Como eu posso chamá-lo?

Quero ser diferente dos que ele chama de amigos. Eu quero meu próprio nome especial para ele, um apenas para nós.

Desconhecido: Não somos amigos?

Eu: Esperava mais...

Desconhecido: Na próxima vez que nos encontrarmos, vou te dizer para saber como me chamar quando você choramingar meu nome.

Se eu não estava com vergonha antes, eu certamente estou agora. Imagens de nós nus, rodando em uma cama, faz um gemido baixo escapar de mim. Eu não quero que ele saiba o quão inexperiente eu sou ou o efeito que a mensagem teve sobre mim, então eu tento jogar.

Eu: Você está me observando?

Desconhecido: Eu queria estar. Infelizmente, estou sozinho com minha imaginação.

Eu franzo a testa porque o clarão branco que eu vi foi definitivamente mais um fruto da minha imaginação.

Eu: Você pode me imaginar gemendo, Mestre?

Enviei. Oh Deus.

Eu: Mestre*

Droga.

Eu: Monstro! Monstro! Oh Deus, o corretor acabou de me matar de vergonha.

Quero me enrolar em uma bola e esconder-me no meu edredom. Meu coração martela como um cavalo selvagem tentando ser domesticado dentro do meu peito.

Desconhecido: Eu quero falar com você.

Acabei de salvar seu número no meu telefone quando ele toca na minha mão. ‘Monstro’ pisca na tela, e quase deixo cair na pressa de pegar.

— Olá? — eu grito, minha voz ligeiramente instável.

— Olá, boneca. — sua voz é profunda, quase rouca. Faz coisas no meu interior. Ilumina em chamas. Vira-me de cabeça para baixo. Transmite correntes de eletricidade através dela.

Ainda tenho vergonha de pensar que eu digitei ‘Boneca’ quando adicionei meu número em vez do meu nome, mas não posso evitar e me pergunto, com base em seus comentários, se ele é o que me deu as bonecas. Eu também dei o nome de boneca, porque eu não estava exatamente preparada para dizer a ele meu nome e gostei da ideia de me esconder sob a personalidade da minha boneca. Parecia adequado no momento. Agora... eu não tenho tanta certeza. Me faz sentir como uma criança. Ele é muito mais velho do que eu, e agora me pergunto se ele me vê como essa menina idiota. A decepção em mim me faz estremecer.

— Olá, Monstro.

Ambos ficamos quietos por um momento, e me sinto estranha. Minhas inseguranças estão piscando como um sinal de néon.

— Hum, eu... — eu fico quieta.

— Me chame de Mestre, boneca. Eu gosto dos sons da sua respiração.

Meu coração pula uma batida. — Sua voz soa mais profunda no telefone. É como se houvesse um ruído através de mim. Como se estivesse dentro de mim. — eu quero me bater por parecer tão estúpida. Um estrondo de constrangimento me escapa.

— Mmmm, boneca bonita, — ele murmura. — Eu gosto da ideia de *eu* estar dentro de *você*.

Eu engasgo com minhas palavras enquanto um pulsar de excitação quente inunda meu corpo. Ele é tão ousado. Estive em torno de Jason, que também é ousado, mas de uma maneira totalmente diferente. Com Monstro, er... Mestre, eu quero que ele me diga coisas sujas. Que me beije e me toque. — Eu... eu nem conheço você... — eu respiro, meus músculos apertando e formigando enquanto sensações estranhas dançam no meu estômago.

— Eu acho que você conhece, — ele diz em um tom que me faz pensar que ele está insinuando sobre a boneca. Ele ri, e meu corpo queima com desejo. — Você vai me conhecer bem e muito em breve. Isso, eu posso te prometer.

Eu mordo meu lábio. — Vamos sair em um encontro?

— Nós iremos a todos os encontros que você quiser. Eu vou te beijar novamente, boneca. Eu vou passar mais de três segundos explorando sua doce boca. Desejei você desde o momento em que falamos na livraria. Eu sei que você sente o mesmo. — seu tom é tão presunçoso. Tão certo. E ele está absolutamente correto. O que é isso?

Minhas emoções transbordam, atravessando meu corpo como uma tempestade sobre o oceano. O impulso e a atração são caóticos e incontrolláveis. Não posso lutar contra isso. Não vou lutar contra isso. Eu simplesmente não quero.

— Eu quero isso, — eu murmuro, minhas palavras mais uma vez soando infantis da minha língua.

— Eu sei.

Eu rio de alguma tensão que sai do meu corpo. — Você é tão seguro de si mesmo.

— Eu sou. Às vezes, você só tem uma sensação de paixão, boneca. Você é esse sentimento irresistível. Infiltrou profundamente em meus poros. Tomado conta das minhas terminações nervosas. Sacudiu meu espírito solitário de volta à vida. — seu tom escurece. — Eu quero você como nunca quis nada em toda a minha vida.

Ele fala comigo da mesma forma que os heróis nos meus livros. Machos alfas, como eles os chamam. Mandão e com certeza sensual. Dominador. Enquanto Elise está lidando com meninos idiotas, eu tenho um homem de verdade na outra linha. Um homem que quer me devorar.

— E se eu não for suficiente? — eu pergunto a ele, minha voz é um mero sussurro.

— Você é tudo, — ele rosna.

Nunca fui reivindicada de forma tão possessiva. Isso avança sobre meu cérebro e me faz ter pensamentos irracionais.

— Eu quero ver você agora, — eu exijo, meu olhar flutuando na janela. Talvez esteja lá fora. É o que eu desejo.

Outro rosnado. — Em breve. Eu prometo.

Eu não entendo a crescente necessidade surgindo através de mim. Isso me consome. Me viola. Me perturba. Me provoca.

— Quando? — oh, Deus, eu pareço tão carente.

— Amanhã, — ele promete.

— Ok. — minha voz racha, e eu odeio isso. Não é de admirar que eu não me dê bem no departamento de namorado, como minha irmã. Eu quase não consigo falar com um em potencial no telefone sem me transformar em uma psicótica.

— Bonequinha, — ele geme, sua voz rouca. — Me mande uma foto sua.

Calor surge através de mim. — Eu acabei de tomar banho. Meu cabelo está uma bagunça. Eu não estou usando maquiagem.

Ele está silencioso além da respiração. E por um momento, temo que o tenha assustado. — Por favor. — seu tom é triste. Suplicando. Tão carente quanto como eu sinto. Emoção que ele mostra apenas para mim.

Eu engulo. — Ok.

Colocando o telefone no viva voz, eu o viro e me encolho quando vejo meu reflexo. Meu cabelo está molhado e emaranhado. Meu rosto está pálido e inchado. Mas é então que eu vejo o meu mamilo pela abertura do meu robe. Alinhando a câmera onde é mal visível, sorrio

antes de tirar a foto. Parece travesso, tirar uma foto do meu mamilo. Eu quero que ele pense que é um acidente.

Antes que eu possa mudar de ideia, eu envio, e ouço o zumbido no final.

— Eu lhe disse que eu estou uma bagunça, — eu sussurro.

Outro rugido ressoa através da linha. Ele alcança dentro de mim, possuindo uma parte de mim que eu nunca soube que existia. — Coloque naquela coisa, Facetime que esses telefones tem. — seu pedido é caloroso e não deixa espaço para discussão. E não quero argumentar. Eu quero vê-lo. Com entusiasmo, seguro o botão, e em segundos, seu rosto bonito está olhando para mim.

Mas ele está com raiva.

Carrancudo.

Enfurecido.

Eu franzo o cenho. — Você está bravo.

Ele morde no interior do lábio, e não posso deixar de lambe-lo meu em resposta.

— Eu não estou bravo, — ele me assegura, sua mandíbula apertando de forma irritada. — Mostre-me o resto.

Eu fico assustada. — O-o quê?

Seu olhar se torna suave e ele sorri. O sorriso que ilumina seu rosto lhe dá uma qualidade juvenil que aquece meu coração. — Eu sou como um viciado, boneca. Você não pode me dar um pouco e não esperar que eu implore por mais. Eu quero uma overdose de você. Eu preciso disso. Me leve às alturas, linda.

Estou perdida no jeito que ele implora por essas coisas sujas. Eu me encontro puxando meu robe, expondo meu peito. Não posso, no entanto, achar coragem para mostrá-lo.

E se ele não gostar do que vê?

E se meus peitos forem muito pequenos?

E se ele desligar?

— Por favor. — novamente com o pedido que coloca meu coração em chamas.

Ao fechar os olhos, arrasto o telefone mais para baixo, revelando meus seios. O engate de sua respiração me diz que ele gosta do que vê. Minha própria respiração é irregular e desigual.

— Mais, boneca.

Encontro seu olhar mais uma vez na tela. A fome e a escuridão cintilam nos seus olhos. Isso me excita tanto, dificilmente posso suportar isso. — M-me mostre *você*, — eu desafio, minha voz rouca de desejo. Eu ouvi histórias de horror de meninas fazendo coisas assim e sendo mortas, mas o olhar em seu rosto, a necessidade em sua voz, a dor avassaladora consome todo o meu ser, me diz que isso é mais. São duas almas que se aproximam. Como a gravidade, estamos sendo puxados um para o outro.

Ele ri. — Estamos negociando?

Eu lambo meus lábios e aceno com a cabeça. — Sim. É justo.

— Eu te mostro meu pau, e você me mostrará sua buceta perfeita?

Um suspiro sonoro escapa de meus lábios antes que eu possa controlá-lo. Minhas palavras permanecem alojadas na minha garganta enquanto eu considero, chocada. Eu quis dizer como seu peito ou algo assim. Mas agora que ele está oferecendo seu pau, estou curiosa. É longo? Grosso? Cheio de veias? Com piercing? Nós não falamos sobre sua idade, mas é óbvio que ele é muito mais velho do que eu, e ele provavelmente esteve com muitas mulheres. Eu não quero que ele pense que eu sou uma menina ingênua. Eu quero que ele me veja como um ser sexual, capaz de acompanhá-lo.

— Tudo bem, — eu digo a ele, com os nervos dançando ao redor do meu interior.

Um rosnado. — Você é uma garota tão boa, boneca.

Seu louvor me lava como a luz do sol. Quente. Brilhante. Revigorante. Eu quero absorvê-lo e me deitar debaixo dele durante todo o dia. Ele solta o telefone, e me aproximo para olhar o ventilador do teto no seu quarto enquanto ele se ajeita. Então, eu ouço o ressaltado do colchão. Quando ele pega o telefone novamente, eu tenho uma visão de seu peito e pescoço tatuados. Um calor aquece minhas partes baixas e eu solto um miado. A tatuagem em seu pescoço desce por seu ombro, e atravessa seu mamilo, onde as garras da besta cavam na área da costela. É por isso que eles o chamam de Monstro? Por causa da

tatuagem, uma besta raivosa que se move com ele? A brutalidade misturada com sua beleza é um contraste impressionante.

— Estou pronta, — eu sussurro.

— Ótimo, — ele pronuncia, — porque agora que comecei com você, não posso parar.

Não consigo mesmo processar suas palavras. Eu simplesmente estou perdida nesse momento impertinente com ele. Quando a tela começa a descer em seu peito lindamente esculpido, eu não posso evitar engasgar. Nunca vi um homem tão esculpido à perfeição na vida real. Ele era musculoso como um modelo. Esculpido e sem falhas. Mas há algo sombrio sobre ele. Como um modelo criminoso bonito. Algo familiar também, como se nossas almas se conhecessem. Ainda estou cobiçando o abdômen quando percebo a ponta de seu pau.

Grosso e cheio de veias, tal como eu imaginava. O cabelo escuro ao seu redor está cortado. Minha boca enche de água. Eu sei que meus olhos estão largos com admiração. Eu deveria temê-lo, estar intimidada talvez, mas o poder que eu tenho de deixá-lo duro - acessível e ganancioso para me ver - me deixa selvagem. Ele está disposto a compartilhar essa imagem comigo. Tão vulnerável. Tão impressionante. Tão meu.

— Mais, — eu gemo, querendo ver tudo.

Seu rosto volta na tela, e por mais lindo que seu rosto seja, eu quero ver seu pau. — Mostre-me sua buceta. Está molhada?

Eu solto um som sufocado. — Eu não sei.

— Mostre-me. — seu tom é feroz e exigente.

Eu cedo ao seu pedido. Jesus, eu cedo para ele.

A minha tela se arrasta ao longo do meu corpo, e quando chego à minha buceta nua, mantenho a câmera imóvel. Os gemidos dele fazem meu coração palpitar.

— Você está molhada? — ele pergunta novamente, sua voz rouca.

— Mostre-me o que eu quero ver, — negocio, — e eu vou te mostrar.

Inclino a tela para que eu possa vê-lo, e o que eu vejo me faz choramingar. Sua mão forte tem todo o seu pau grosso em seu poder. Está duro como pedra. A cabeça brilha com pré-goço. Ele se

acaricia lentamente, e me encontro encarando as veias no antebraço com o movimento.

— Você é tão grande, — eu sussurro.

— Mostre-me sua doce buceta, boneca.

Suas palavras são como a gasolina nas chamas cintilando dentro de mim. Arrastando a tela mais para baixo, mostro como ele me pediu.

— Mais. Abra as pernas e me mostre o quanto você está molhada, — ele rosna. Sua respiração é barulhenta, enquanto ele continua a atacar.

Deixo minhas coxas abrirem, me sentindo completamente consciente de mim mesma, mas também impertinente, sexy, feminina. Obedeço-o. Estou prestes a recuperar o telefone para que eu possa ver seu pau novamente quando ele ladra um pedido.

— Dedos. Dentro. Agora, boneca.

A maneira como ele diz as palavras me fazem parar. Isso é sujo e errado. Eu mal o conheço. Diabos, eu nem sei o nome dele. No entanto, aqui estou, mostrando a ele partes de mim que nenhum outro já viu antes, que nunca foram tocadas. Deslizando minha mão livre para baixo, empurro meu dedo para dentro da minha abertura lisa.

— Mais. Coloque mais dedos dentro da minha buceta bonita. Eu quero você saturada de necessidade. — ele está praticamente gritando suas palavras, perdendo o controle. Quando os próprios segmentos que o sustentam estão prestes a cair. Pop! Pop! Pop! Eu me sinto excitada sabendo que eu tenho tanto controle sobre um homem. Este homem.

Empurro outro dedo para dentro.

— Um terceiro, — ele assobia.

— É muito apertado, — eu sussurro. — Queima.

— Coloque três dedos no seu buraco, boneca. Faça isso agora. Meu pau vai realmente queimar quando eu empurrá-lo dentro de você, então eu preciso que você fique bem e pronta.

Eu gemo em suas palavras. Ele quer me foder. Monstro quer me foder. Estou zumbindo com necessidade e entusiasmo. Perder minha virgindade com o homem mais gostoso que já conheci parece um sonho. Uma fantasia que ganhou vida.

Empurrando o terceiro dedo, eu grito. Isso dói. Eu não entendo como seu pau gigante vai caber lá.

— Porra, — ele grunhe. — Maldita seja, você é tão perfeita.

Falo sob seus elogios. — Obrigada.

— Pegue seus dedos escorregadios e toque seu clitóris. Quero ouvi-la gemer, boneca, enquanto eu olho dentro de seu buraco aberto e tremendo, — ele diz. Sua voz está quebrada e desesperada. Mais uma vez, o poder surge através de mim.

Deslizando meus dedos do meu ferido sexo, começo a massagear meu clitóris. É difícil segurar o telefone em uma mão enquanto eu me masturbo com a outra, mas eu faço o meu melhor por ele. Meus olhos se fecham, e eu me perco no momento, imaginando ele em cima de mim. Dominando-me. Mergulhando na minha garganta enquanto ele entra em mim. Não demora muito antes de eu perder a cabeça para um orgasmo por causa dele. Meus orgasmos nunca foram tão bons. Eles não agarram minha alma pela garganta, agitando-a.

— Mestre, — eu grito, meu corpo todo tremendo de prazer. Minha buceta se contrai, pulsando com meu coração disparado.

— Deixe-me ver o seu rosto, — ele ladra.

Eu empurro a tela até onde eu estou olhando seu pau de novo, olhando diretamente para a ponta enquanto ele se afasta. Logo, ele grunhe, e sêmen brota contra a tela. É a coisa mais erótica que já vi na minha vida.

Meus olhos se fecham enquanto ele limpa seu telefone. Agora que estou saciada, coloco o telefone contra o travesseiro e enrolo de lado. O sono envolve as garras ao meu redor, ameaçando me arrastar para baixo.

— Você é tão bonita. Cante uma canção, boneca.

Canto uma das minhas rimas infantis favoritas. A da Srta. Polly. Meus olhos estão fechados, mas eu consigo ouvir sua respiração pesada, pois parece me encobrir, me possuindo. Ele é tão intenso. Nunca conheci ninguém assim antes. Ele é diferente. Especial. Meu.

Meus olhos piscam com esse pensamento.

Ele está me observando com olhos suaves. O olhar em seu rosto derrete meu coração.

— Você acredita no destino? — pergunto, um suspiro nos meus lábios.

Ele assente com a cabeça, algo parecido com tristeza flutua brevemente em seus olhos. — O destino te trouxe de volta para mim.

— O que você quer dizer?

Balançando a cabeça, ele sorri. — O destino nos fez colidir um com o outro na livraria.

— O destino sabe o que está fazendo. — eu bocejo.

— Mantenha seus dedos sujos para mim, boneca, — ele murmura. — Mas eu quero que você vá dormir agora. Você precisa do seu descanso.

— Por quê? — eu bocejo novamente, mal conseguindo manter meus olhos abertos.

— Porque eu vou até você.

Eu tremo e abro meus olhos. — Você vem?

— Eu vou para você muito em breve. Vamos ser tão bons juntos. Sem pressa.

A ferocidade em sua voz indica algo muito mais sombrio do que um simples encontro ou sexo de uma noite. Mas eu li nas entrelinhas. Minha mente já aceitou a ideia de que o Mestre e sua boneca são namorado e namorada. Eu penso em nossos três filhos. Já comecei a assinar seu sobrenome, que nem conheço em minha mente.

— Não consigo esperar, — asseguro a ele. Tudo o que ele quiser, eu vou dar. Qualquer coisa para ele olhar para mim com tanta posse cintilando em seu olhar.

— Você não precisará esperar por muito tempo.

Capítulo onze

Única

BENNY

— Vista-se, — Tanner ordena. — vamos sair em dez minutos.

Esfrego meus olhos e cerro meus dentes. Meu plano era levantar e descobrir uma maneira de ver Bethany. Estou irritado. Tanner me arrumou uma missão qualquer no início do amanhecer, antes mesmo de eu ter tido a chance de falar com ela.

Enquanto tomo um banho rápido e escovo os dentes, não posso deixar de lembrar todas as curvas suaves e pálidas de seu corpo. Nunca vi nada tão bonito antes. Perdi a cabeça um pouco na noite passada. Eu exigi coisas dela antes que eu pudesse até mesmo me controlar.

Mas minha nova boneca bonita obedeceu meus comandos.

Ela me mostrou sua carne perfeita e se fez gozar.

Nunca esperei que ela fosse tão flexível. É como se ela fosse feita apenas para mim - um encontro que finalmente nos uniu.

Estou obcecado por ela.

Eu me visto com um jeans escuro, e uma camisa preta do Metallica antes de enfiar os pés nas minhas botas. Ao sair do meu quarto, encontro Tanner encostado na parede perto da porta, dois cafés da Starbucks nas mãos. Seus olhos âmbar estão tranquilos e relaxados. A tensão que senti por ele ultimamente diminuiu.

Isso me irrita.

A dinâmica entre Tanner e eu mudou. Kami é a culpada, eu sei disso. Se eu pudesse descobrir como cortar a garganta dela e esconder seu corpo sem que Tanner descobrisse, eu faria. Ainda posso. Eu vou pensar sobre isso.

Estamos em silêncio enquanto caminhamos para o seu Escalade preto. Ele dirige por dez minutos antes de falar.

— Eu acho que a missão foi bem, — ele diz, seus olhos permanecendo na estrada.

Tanta coisa aconteceu que leva um momento para a minha mente entender. — Sim. A puta gritou como um porco preso quando eu arranquei sua língua. — eu olho para a janela lateral para que ele não veja a mentira escrita no meu rosto.

— Hmmm. E o outro cara era apenas uma vítima?

— Eliminei as testemunhas. Primeira regra do Clube de Tanner.

Ele ressoa e eu sorrio.

— Eu tenho um presente para você, Benjamin. Algo que você trabalhou duro para merecer, — diz ele, orgulho em seu tom.

Meus ombros relaxam e me encosto no couro. — Se é outra boneca, não estou interessado.

— Melhor, — ele me assegura. — Muito melhor.

Nós andamos um pouco mais. Perco a noção do tempo, mas estamos há uma hora fora da cidade quando ele entra em uma estrada de terra alinhada com árvores grossas em ambos os lados. Os nervos se iluminam dentro de mim.

Ele está me levando para me matar aqui?

Ele pode tentar. Outros tentaram e falharam.

Nah, se Tanner quisesse me matar, ele teria tentado cortar a minha garganta na cama enquanto eu dormia e feito com que seus limpadores cuidassem do meu corpo.

A estrada de terra continua por algum tempo. Antecipação se constrói dentro de mim. Estou zumbindo e não posso dizer se é o café, o que está por vir, ou ambos. Ele nos leva para um trailer. É velho. A decepção escorre através de mim. Eu esperava algo melhor.

— Não se decepcione, Benjamin. Essa não é sua surpresa.

Cerro meus dentes, mas aceno com a cabeça. Ele estaciona o Escalade e sai. Em seu terno, parece exagerado ali. Sigo-o ao redor do trailer para a parte de trás. Quando vejo uma superfície elevada de

concreto com uma porta reforçada, minha excitação troveja por mim novamente.

— O que é? — eu pergunto.

Ele me lança uma chave num chaveiro de crânio. — Confira, Monstro. É tudo seu. — seu sorriso é de um lobo, mas não sinto falta do pequeno cintilar de incerteza em seus olhos. Ele quer que eu goste do que quer que seja. Eu já gosto.

Destrancando o cadeado, tiro-o da porta, jogando-o na grama, abrindo a porta enferrujada. Ela range, e estou impressionado por encontrar escadas que descem para dentro da terra.

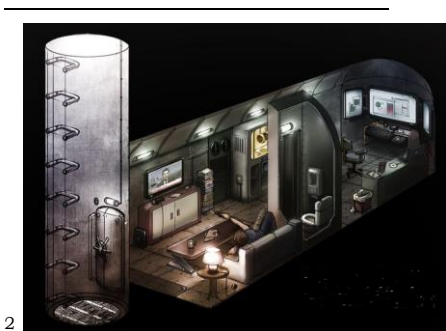
— O que diabos é isso? — eu me maravilho em voz alta.

— Um bunker². Comprei essa propriedade de um cara que estava certo de que o apocalipse estava chegando. O velho estava preparado como uma merda, — ele me diz. Como meu pai era. — Ele morreu, e agora, é meu. Só seu. É o meu presente pra você.

Eu sorrio para ele por cima do meu ombro antes de descer os degraus que passam pelo menos seis metros na terra. Ele segue atrás de mim, batendo em um interruptor na parede. O bunker se acende, e assim que estou dentro, estou deslumbrado. Não é um abrigo de tempestade ou um lugar para armazenar porcarias. É uma casa. Alguém tinha planos de morar aqui se a merda chegasse. Há quartos. Uma sala de estar e uma cozinha de verdade, é o que vejo primeiro. Sofá reclinável. Geladeira. Mesa. Como uma criança no Natal, eu exploro o espaço gigante. Os produtos enlatados, a água e outros suprimentos alinham as prateleiras em cada sentido. Eu descubro um quarto com uma cama de casal. O quarto é espaçoso, e meu pau se anima, enquanto penso em Bethany esticada nua na colcha.

— Eu adorei, — eu rosno. — É tão fantástico.

— Nós não chegamos na melhor parte, — ele me diz. — Por aqui.



Ele se vira atrás de mim, então, atravessa um longo corredor. No final, ele atravessa uma porta. Quando entro, sorrio. Não é exatamente do jeito que eu teria feito, mas certamente funciona. Uma ao lado da outra, há três celas resistentes, bem como as que ele estava fodendo Kami. Elas são feitas de vidro ou algo grosso e aparentemente impenetrável. Cada cela está equipada com um cadeado pesado e pequenos círculos são cortados no topo para circulação de ar. Dentro de cada uma há um cobertor dobrado, uma tigela de cachorro e um balde para mijar. A sala ao redor das celas é de azulejo do chão ao teto e a luz halógena cintila e zumba. No centro da sala grande está um ralo. Se as coisas ficarem bagunçadas, uma mangueira presa na parede seria útil para limpar tudo.

— O que você acha? — ele pergunta, um grande sorriso no rosto.
— Esta é a parte que mandei fazer pra você.

Eu quero perguntar se ele acha que vai gostar de cela *dele*, mas eu não pergunto. Um dia, quando ele estiver dentro de uma delas, e eu estiver com Kami na frente dele, eu perguntarei.

— Está perfeito. Eu vou buscá-la agora, — eu digo quando eu passo por ele.

Ele agarra meu bíceps e balança a cabeça. — Calma, assassino. Você não pode simplesmente abordar a menina. Precisamos de um plano. Esse não é o plano.

— Eu tenho um plano, — eu aviso. — Eu vou levá-la para um encontro. Então, eu a trarei aqui. Ela virá de bom grado. Bethany me quer.

Seus olhos de âmbar se estreitam enquanto ele me estuda. — Desde quando?

Eu congelo e aperto meu maxilar. — Talvez se você não estivesse tão ocupado com Kami, eu teria tido a oportunidade de te contar.

Nossos olhos se encontram em um desafio aquecido.

— Diga-me o que eu perdi. — seu tom é suave, mas frio.

— Eu a beijei. Fui até ela e a beijei. — um sorriso puxa meus lábios. Eu não disse a ele que fizemos sexo por telefone ou que eu a persegui até a livraria. Eu não falo sobre a boneca de presente, ou o fato de sentir que ela sabe que é parte de mim. Eu certamente não digo a ele que quase tive meu traseiro apanhado por Dillon Fodido Scott.

— Estranho.

Levanto uma sobrancelha. — Por que isso é tão estranho?

— Parece vago.

Encontrando seu olhar, eu o vejo desconfiança. — Eu fui até ela ontem. Quando ela olhou para cima, havia atração lá. Perguntei se podia andar com ela para casa. Ela sentiu a conexão, Tanner. Eu vi isso em seus olhos. Então, andei até sua casa com ela, beijei sua bela boca e peguei seu número.

Sua boca dele se levanta em um sorriso. — Que adorável.

Dou a ele um empurrão. — Vá se ferrar. Ela é diferente. O momento foi intenso.

— Eu aposto que sim.

Ignorando-o, continuo rondando o espaço e explorando. É tão perfeito, nem consigo acreditar.

Ele finalmente sai do bunker, e eu demoro um pouco, ligando para Bethany.

— Olá? — seu tom é suave e sexy.

— Bom dia, linda.

Ela suspira, e o som desperta meu pau. — Bom dia. Eu não esperava uma ligação de bom dia. — há um sorriso na voz dela, um sorriso que eu quero beijar.

— Você vai ouvir minha voz todas as manhãs, — eu digo a ela. Logo vou acordá-la com meu pau no fundo dela e meus dentes raspando sua garganta.

Ela ri, e isso me faz pensar como meu pau ficaria em sua garganta. Poderia vibrar? Eu poderia gozar com sua risada doce?

— Minha mãe saiu por três dias para um seminário que acabou de surgir. Tivemos que cancelar nossa pedicure e tudo. De qualquer forma, Elise sempre sai nas noites de sexta-feira. Eu pensei... — ela se afasta, sua voz ficando insegura. — Eu pensei que talvez você pudesse vir. Sou uma boa cozinheira. Eu poderia fazer um jantar e...

Eu poderia te dar meu pau para a sobremesa.

— Sim? — minha voz está rouca de necessidade.

— Podemos ver o que acontece depois disso. Assistimos a um filme ou...

— Fodermos?

Ela chia. — Mestre.

— Sim, minha boneca bonita?

Um suspiro.

Os seus suspiros falam diretamente para meu pau.

— Eu sou virgem. Eu não tenho certeza se... quero dizer... eu quero...

Eu achei que sim, mas ouvi-la confirmar que ela se guardou para mim, é música para meus ouvidos. Ela esperou e só conhecerá meu pau e meu amor. E isso mexe comigo.

— Que eu vá devagar? — eu quase engasgo.

Sobre o meu maldito cadáver.

— Talvez.

Ela nem sequer pode dizer a palavra sem mentir. Minha boneca quer isso tanto quanto eu. Ela quer que eu fique com ela. Para fodê-la e amá-la.

— Eu vou fazer o meu melhor, — eu minto. — E eu não como comida caseira há tempos. — não é uma mentira. — Mas só quero ver você. — verdade.

— Eu quero ver você também. As sete está ok? — ela pergunta. — Eu queria ter tempo suficiente para comprar algo bonito para vestir.

Não quero que ela use nada novo. Eu quero que ela use algo que ela fez.

— Tenho certeza de que você tem algo adorável em seu armário. Não compre nada. Surpreenda-me com algo simples. Minha cor favorita é branca. — pura, como a neve. Intacta, como a buceta virgem da minha Bethany. E quando sua inocência escorrer de seus lábios entre as coxas, arruinaremos o vestido perfeito, e será lindo.

— Você tem certeza?

— Absolutamente, — asseguro-lhe. — Você irá gozar de qualquer maneira.

— Mestre! — ela grita, então ri. — Devagar. Lembra?

Oh, eu lembro, eu simplesmente não me importo.

— Claro, boneca.

Nós finalmente desligamos, e encontro Tanner me observando, com as sobrancelhas levantadas de surpresa.

— Você precisará da minha ajuda para trazê-la até aqui? — ele pergunta.

Dou a ele um sorriso torto. — Não, mas eu preciso de uma corda. Você consegue isso por mim?

— Eu pensei que você iria atraí-la para cá? Ela quer você, certo? — ele desafia.

— Eu preciso a corda para mantê-la aqui. Na minha cama. Minha doce Bethany não vai a lugar algum.

Ele ri, e isso parece diabólico. — Esse é meu Monstro. Vou pegar sua corda.

* * *

O dia se arrasta. Para passar o tempo, uma vez que Tanner me deixou em casa, caminhei até uma caixa postal e mandei para o meu pai uma carta fodida com uma foto da minha nova boneca como um bônus, apenas para insultar o velho idiota, e deixá-lo saber que eu a tenho e não há nada que ele possa fazer sobre isso. É engraçado como tudo tem volta.

Eu entro em uma velha loja de antiguidades perto do clube, encontrando todos os tipos de besteira. A loja está vazia além a não ser uma pessoa revirando na parte de trás. Bonecas antigas. Mobiliário antigo. Livros empoeirados. No canto de trás, descubro uma penteadeira envelhecida. Pequena, como se fosse projetado para uma menina. Perfeito para a minha boneca colocar sua boneca. O espelho que ainda está intacta, possui bordas são esculpidas ornamente, e tem uma única gaveta abaixo, mas cabe no meu orçamento. Provavelmente

eu poderia pedir a Tanner o dinheiro, mas então ele saberia que eu estava comprando um presente para minha nova boneca bonita. Eu vou ter que me virar com isso sozinho. Ainda estou admirando a peça quando uma velha me grita de uma escada.

— Precisa de ajuda, jovem?

— Por quanto você me faria essa penteadeira? Eu não tenho trezentos dólares, — admito.

Ela endireita alguns livros na prateleira e tira o pó deles com o pano. — Estou no negócio para ganhar dinheiro, não devolver.

Sim, puta, bem, eu estou no negócio de me certificar de ter dinheiro suficiente para sustentar minha boneca bonita, e não gastar em sua loja excessivamente cara.

Eu ranjo meus dentes. — Eu posso te dar duzentos. Isso é tudo o que tenho comigo.

Mentira. Mas ela terá sorte se conseguir isso.

— Trezentos. — ela arruma o pano em seu cinto. — Se você não pode pagar esta loja, vá até o Walmart.

Sua atitude irritada me incomoda. Aproximando a escada, eu olho para ela.

— Duzentos.

Ela sacode a cabeça para baixo e franze a testa, seus lábios enrugados estão pressionados juntos. — Trezentos.

Putá obstinada.

Pego a base da escada. — Duzentos.

— Três, ahhh!

Em um único momento de fúria, eu balanço a escada com dificuldade. Perdendo o pé, ela cai no chão de concreto, sua cabeça atingindo a superfície com um barulho alto. Eu olho com fascínio enquanto o sangue se reúne ao redor dela. Nunca deixa de ter graça.

Eu me recupero das minhas emoções. Bem... porra. Não queria fazer isso. Tirando o pano de limpeza do cinto, eu limpo a escada onde eu toquei, então coloco-o no meu bolso. Eu seguro a penteadeira e escorrego pela parte de trás do prédio. Leva mais tempo sair por trás do prédio, porque eu tenho que passar a penteadeira pelas lixeiras, mas,

logo levo para casa. Mais tarde, eu vou levá-la para sua casa permanente.

Por um momento, eu me preocupo em atrair a polícia para perto do The Vault, mas acho que eles vão ver isso como um acidente. A loja de antiguidades nem sequer tinha uma caixa registradora com computador. Tudo era velho, tenho certeza de que não tinham câmeras de segurança. A velha caiu da escada e polcou a cabeça. Vão abrir e fechar o caso. Eles não suspeitarão de nada.

* * *

Eu: Estou morrendo de fome.

Boneca: Fome de mim ou do meu famoso espaguete?

Eu: Me faz parecer um idiota se eu disser os dois?

Boneca: Na verdade, é doce você querer que eu cozinhe para você.

Eu: Nada doce está passando pela minha cabeça agora. Já são sete horas?

Boneca: Tão impaciente. Estou comprando os ingredientes enquanto conversamos.

Eu quero dizer a ela que eu sei disso porque eu estou logo atrás, dela, mas eu me abstenho.

Eu: Comprei um presente para você.

Eu ouço um grito de excitação no mercado, e isso me faz sorrir como um maldito idiota.

Boneca: Sério?! Isso é tão fofo. O que é?

Eu: É surpresa.

Boneca: Eu odeio surpresas.

Eu quase posso imaginar seus lábios se mexendo. Em breve, vou ter aqueles lábios enrolados em torno do meu pau. Ela aprenderá a amar surpresas... eu tenho algumas.

Eu: Você vai adorar.

Espreitando ao virar da esquina, fico feliz por vê-la olhando para o telefone dela, as bochechas brilhantes de vermelho. O vestido que ela colocou para mim é branco. Inocente, mas curto. Os joelhos são sexy pra caralho. Parece uma menina no corpo de uma mulher. Meu pau está dolorosamente duro em meu jeans.

Boneca: O que você acha de bolo de chocolate? O meu é de morrer.

Eu: Estou com água na boca...

Boneca: Mestre malvado.

Ela está sorrindo quando começa a empurrar o carrinho pelo corredor. Eu olho para aquele corredor enquanto um filho da puta magro grita seu nome.

— Elizabeth? É você? Eu quase não te reconheci. Porra, essa roupa é sexy, — ele geme. Ele passa os dedos pelos cabelos loiros e mostra a ela um sorriso idiota. Ele não está sozinho. Um par de outros rapazes mexem as sobrancelhas atrás dele antes de tirar uma caixa de cerveja ao balcão, gritando que mais tarde eles se encontram no Randy's.

Um grunhido possessivo ressoa da minha garganta.

— Jason, — ela diz com um tom frio enquanto pega uma lata de leite condensado. — É bom vê-lo, mas estou com pressa. Eu tenho um encontro.

Meu peito corre com suas palavras, mas o filho da puta não desiste.

— Eu poderia te fazer companhia até seu encontro. Fiquei chateado porque você não ficou para ver o filme na noite passada, — ele diz, seu tom falsamente triste. O garoto idiota ostenta uma ereção fraca em seus jeans. Um tesão pela minha boneca.

— Não me interessava, — ela corta. — Agora, me desculpe, mas estou com pressa. — ela passa por ele, mas ele segura o cotovelo com força suficiente para fazê-la gritar.

Meus dentes se fecham, e aperto meu telefone com tanta força que receio que ele possa quebrar. Eu quero afastá-lo dela, mas não posso interferir onde eu sei que há câmeras. O boné na minha cabeça me esconde agora, mas se eu matar esse filho da puta agora nesse corredor, isso pode levantar alguma suspeita.

— Nós poderíamos ir no meu carro depois disso. Você. Eu. Este vestido, — ele murmura enquanto levanta a parte de trás.

Esse merdinha precisa morrer. Eu ando pelo corredor, não estou mais preocupado em ser pego quando eu ouço um gemido de dor.

Jason grunhe e tropeça enquanto ela corre para o corredor longe dele. Quando nossos olhos se encontram, ele me olha com confusão enquanto afasta o sangue de sua testa. O leite condensado pode ter caído em seus pés.

Minha doce e forte boneca acabou de chutar a bunda do filho da puta.

Nunca fiquei tão orgulhoso na minha vida.

Com um sorriso malicioso, eu o abandono e deslizo para onde ela está saindo. Uma vez que estou no meu carro, observo enquanto ela sai com dois sacos em seus braços. Quero seguir atrás dela. Garantir que ela chegue em casa com segurança. Quero dizer, porra, esse vestido vai parar o trânsito ou vão sequestra-la ou alguma merda, e ninguém vai pegar minha boneca, ninguém além de mim.

Mas tenho assuntos mais urgentes para atender.

Meu pau reclama.

Ignoro esse assunto também.

Voltando o olhar para a loja, espero que Jason apareça. Dando a volta no seu Mustang vermelho brilhante, ele entra, e eu o sigo até um apartamento. Ele está alheio a sua volta enquanto tenta parar o sangramento em sua cabeça.

Oh, filho, você vai sangrar muito mais do que isso por tocar minha boneca.

Eu passo por trás dele quando ele sobe as escadas e destrava a porta de um apartamento, entro antes que a porta possa se fechar atrás dele. O filho da puta está com tanta pressa para chegar ao banheiro que ele nem sequer percebe que eu estou atrás dele. Eu sou cauteloso caso este não seja seu apartamento e outras pessoas estejam lá dentro, mas está tudo em silêncio até eu o ouvir resmungar. Então, o chuveiro liga. Entro em um quarto e me sento numa mesa. Com um movimento rápido do mouse, o computador liga, e o que eu vejo me irrita.

Ela.

Minha Bethany.

As fotos.

Tantas fotos.

Este deve ser seu apartamento.

A maioria é dela e Elise, provavelmente roubada do Facebook, mas outras são as que ele tirou sem que ela percebesse. No escuro no cinema. Ela estava olhando a tela com uma careta no rosto. Fotos de sua mão em sua coxa. Muitas imagens escuras e granuladas de suas coxas. Filho da puta.

Eu excluí todas. Eu não quero que ele tenha fotos dela para que os outros vejam quando estiverem aqui. Uma vez que eu tiver certeza de que ela foi excluída de sua vida, eu invadirei seu banheiro. A cortina do chuveiro faz um barulho, e o filho da puta está segurando o seu pau medíocre, sem dúvida lembrando de Bethany em seu vestido bonito. Uma fúria surge através de mim.

— Ela é minha, — eu grito enquanto puxo a cortina.

Os olhos do palhaço estão arregalados quando ele grita de surpresa. Agarrando-o por sua mandíbula, eu o tiro do banho, e ele escorrega, mas eu evito dele cair de bunda.

— Você acha que pode tocar o que é meu e não ser punido? — aviso, com cuidado para manter minha voz baixa, sabendo que os vizinhos estão em toda parte.

— N-não. Não tenho ideia do que você está falando, — ele diz.

Eu dou uma joelhada em suas bolas, e ele chora como uma pequena puta, depois grita quando eu o empurro para o quarto dele.

— Coloque suas malditas roupas antes que eu arranque seu pau e o grampeie em sua testa.

— Você não vai me estuprar e me matar? — ele pergunta com espanto.

Que anormal.

— Te estuprar? — eu uivo, rindo. — Em seus sonhos, idiota fodido.

Ele me encara, e isso me irrita.

— A menos que seja o que você quer, garoto bonito, — eu murmuro quando eu salto sobre ele. Ele luta, mas eu consigo prendê-lo.
— Quer meu pau grande assustador no seu traseiro?

Ele ressoa, seu corpo estremecendo embaixo de mim. — N-não. P-por favor.

Eu rio, frio e sombrio. — Eu não sou gay, idiota. Estou apaixonado pela mulher que você achou que poderia tocar.

— Elizabeth? Você é o namorado dela?

— Eu sou o Mestre dela.

— Me desculpe, — ele chora. — Ela nunca mencionou você.

Meu telefone zumba com um telefonema, e eu arranco uma camisa do chão, então coloco em sua boca enquanto eu atendo. Uma vez que eu tenho certeza que ele ficará quieto, eu respondo o telefone.

— Más notícias, — Bethany diz com um tom triste. — Eu esqueci os ovos. Parece que o bolo de chocolate não vai acontecer. — ela parece positivamente perturbada por esse fato.

— Faça para mim outra vez, boneca. Vou levar a *sua* sobremesa mais tarde, certo?

Ela ri, parecendo relaxar. — Eu pensei que eu disse em ir devagar.

— Eu vou comer a minha sobremesa bem devagar, linda. Tão devagar que você vai me implorar para ir mais rápido.

Sua respiração falha. — Você pode ser demais para mim.

— E nunca vou ter o suficiente de você.

Grunhidos soam debaixo de mim, então eu uso meu cotovelo para dar-lhe um golpe na cabeça, derrubando ele sem deixar um hematoma.

— Vejo você em duas horas, — ela diz, sua voz feliz. — Nós veremos onde a noite nos leva. — a noite vai nos levar direto para o meu bunker, onde eu vou passar a noite fodendo ela até o esquecimento.

— Até logo, boneca.

Nós desligamos, e eu me apresso. Eu tenho tempo suficiente para cuidar desse filho da puta e voltar para minha boneca.

Eu rapidamente digito um recado em seu computador: **Me desculpe, mas eu simplesmente não posso mais fazer isso.**

Uma vez que eu acabo e eu tiro minhas impressões do teclado, eu o arrasto para a janela. Com um olhar apressado, eu me asseguro de que este apartamento seja alto o suficiente, então o empurro pela cabeça primeiro. Seu corpo aterrissa com um barulho estridente.

Eu vou para você, bonequinha...

Capítulo doze

Puro

DILLON

— O mesmo cara? — Marcus pergunta, olhando para o cara morto com um corte de uns cinco centímetros em sua garganta. Estamos de volta a Rebel's Reds, onde recebemos a ligação sobre um homicídio nas primeiras horas da manhã. Ainda estou chateado por este lugar ser reaberto tão cedo. Aparentemente, o Sr. Law não era dono do prédio. Ele apenas gerenciava o clube, e seus negócios com o tráfico não eram administrados pelas contas comerciais. Então, legalmente, não conseguimos evitar que o proprietário contatasse um novo gerente e mantivesse o lugar como antes.

Inacreditável.

Agora são sete da manhã e nos resta uma cena de crime que, de acordo com o tempo estimado de morte, foi há cerca de dez horas. — Coincidência? — acrescenta Marcus.

Não acredito em coincidências na nossa linha de trabalho. Este lugar seria a minha primeira parada hoje para questionar Scarlet, a testemunha ocular que colocou Harris aqui no dia do assassinato de Law. Não esperava estar aqui para outro homicídio. Este é diferente. Um corte, morte rápida, nenhum outro ferimento. Há pegadas na poça de sangue em torno de sua cabeça, que poderia ser da pessoa que o encontrou ou do assassino.

Se é do assassino, não há como ser o mesmo cara que cometeu o assassinato de Law. Ele não teria tido tanto cuidado em uma cena e seria tão imprudente em outra.

— Eu já sei o que você está pensando, mas talvez tenha sido um acidente. Talvez ele estivesse aqui para outra pessoa, ou trabalhasse aqui e esse cara descobriu ou ameaçou ele? — Marcus derruba teorias.

— Eu quero que o lixo seja vasculhado caso o assassino tenha se desfeito da arma do crime, — eu lanço minhas ordens. — Eu quero tudo o que há para saber sobre a vítima, e ninguém sai até que tenhamos todas as declarações dos funcionários. Quero uma lista de todos os funcionários que trabalharam na noite passada.

Meus olhos nunca deixam o corpo enquanto busco e analiso cada centímetro dele e a cena que o rodeia. A primeira impressão é muito importante. As cenas do crime são tão facilmente negligenciadas, e algo pequeno que pode escapar no início da investigação pode ser uma virada de jogo quando se trata de encontrar as pistas que nos levam ao suspeito. À direita da vítima há um pequeno agrupamento de sangue com alguns pingos à sua volta. Os gotejamentos não combinam para onde a vítima caiu. — Marcus, — eu chamo, distraíndo-o de conversar com um dos funcionários.

Eu aponto para o sangue separado. Os seus olhos cinza escaneiam a pequena poça de sangue e o padrão do spray.

— Segunda vítima? — ele murmura, falando meus pensamentos em voz alta enquanto um grito assustado soa por trás de nós. A tampa de uma das lixeiras se fecha e uma Josey pálida, segura uma mão sobre a boca, balançando a cabeça. Ela é amiga da família de Marcus e está treinando para ser detetive. Marcus insistiu que ela viesse conosco, mas a avisou de não tocar em nada. Como ela fosse ouvir. Esta é a terceira vez que ela sai com a gente, e a última, se eu estiver junto.

Ela continua a balançar a cabeça, apontando para o lixo.

É claro que ela não vai poder falar, então um obstinado Marcus se move para o lixo e puxa a tampa.

— Merda, — ele resmunga, afastando-se. Ele inclina seu nariz no braço para bloquear o cheiro. Meu parceiro usa palavrões como se ele fosse um personagem em Mad Men ou alguma merda, mas agora, ele não parece tão elegante.

Com os poucos passos e a respiração profunda, eu me preparo para o que poderia estar lá. As moscas voam e zumbem, e misturadas entre os sacos de lixo e os restos de alimentos que as pessoas levaram, há uma mulher de cabelos ruivos.

Scarlet.

Porra.

Vinte e três anos. Sua língua arrancada e foi levada como... o quê? Uma lembrança? Trata-se de assassinatos pessoais, conectados pelo clube, que aponta para a rivalidade comercial ou interna.

Por que arrancar a língua?

Ela falou com a gente e nos deu Cassian.

Isso foi ele buscando vingança?

Calar a boca de testemunhas?

Como ele saberia que ela nos contou?

Uma xícara fumegante é colocada na minha frente, e é só então que eu lembro que o recinto está cheio e eu perdi meu pensamento na minha mesa. Josey sorri de onde ela tomou um assento do outro lado da minha mesa.

— Então, alguma pista? — ela pergunta, e minha sobrancelha se espalha.

Como se eu fosse compartilhar essa informação com ela.

Ela é aguerrida, mas jovem e ingênua. Isso nem sempre é bom para uma detetive mulher. — Eu trouxe café, — ela diz, olhando o copo que eu a vi colocando na mesa momentos antes.

— O quê? Você quer troco? — eu retruco, alcançando uma nota de dinheiro e jogo para ela.

— Não jogue dinheiro em mim, — ela ladra. — Eu não sou uma stripper. — ela tenta parecer ofendida, mas há um desafio em seu tom.

— Você está dizendo que você gostaria que jogassem moedas para você se você fosse? — eu ressoo, e seu rosto empalidece, humilhado. Ela precisa ser mais casca dura para trabalhar em uma carreira predominantemente masculina. Antes de Jade, antes de MJ, eu apenas a ajudaria a aprender. Só porque ela é feminina não a isenta da mesma merda que damos a todos os outros novatos por aqui.

O leve tremor em sua mandíbula enquanto ela tenta manter a compostura, me faz sentir como um idiota. Se Jade estivesse aqui, eu sabia que, de fato, ela teria me dado um soco por não ter sido bom com ela.

— Josey, estou apenas te enchendo o saco. Obrigado pelo café, mas não posso divulgar qualquer informação com você. Agora, se você quiser ser útil, pode escrever algumas dessas merdas para mim.

Entrego a papelada, e um pequeno sorriso aparece em seu rosto.

Perfeito. Agora ela vai ficar ao meu redor como um urubu.

Os novatos sempre têm muito entusiasmo. Eu gosto de meus colegas quebrados, silenciosos, que esteja lá para mim para tomar uma bebida e conversar depois de um dia difícil, se eu precisar.

O zumbido do aparelho de ar condicionado está me deixando louco, e meu estômago resmunga, implorando-me para alimentá-lo. Eu me levanto e arrasto minha mesa, mas meus pés param quando minha mulher grávida atravessa as portas. Ela está vestida com um terninho, e se você não soubesse, você não notaria a barriga escondida no blazer. Sua pele está brilhando, e ela ganhou a quantidade perfeita de peso que faz sua bunda empinar enquanto ela caminha. Porra, ela me deixa duro todas as malditas vezes que eu a vejo, mesmo que só tenham passado horas desde que a vi pela última vez. As pessoas a saúdam com carinho e respeito. O pessoal sente falta dela por aqui. Houve um tempo em que ela não deixaria este lugar, e eu costumava ridicularizá-la praticamente por morar aqui.

— A gravidez faz bem a ela, — diz Josey sem fôlego atrás de mim.

Por que diabos ela deixou a cadeira para admirar minha esposa?

Eu olho por cima do meu ombro para ela vê-la olhando enquanto Jade conversa com o detetive Roberts sobre MJ começar uma aula de artes marciais para crianças na semana que vem. Será bom quando estiverem prontos para começar artes marciais, como Jade insiste. Acho que ela é um pouco jovem demais, mas Jade não, e não discuto com a mamãe urso. Eu tentei uma vez e sofri com as minhas bolas ficando azuis por uma semana porque ela me privou de sexo. Foi uma tortura.

— Ela se parece com Gal Gadot, — Josey diz.

— Quem? — eu murmuro.

Josey bate no meu braço, me forçando a olhar para ela. Sua boca se fecha e ela aperta os olhos. *Que diabos?*

— Mulher Maravilha? Deus, em que ano você vive, seu velho? — ela resmunga.

— Não é o ano em que estou vivendo, espertinha, é realidade. Os únicos super-heróis que importam são os que estão trabalhando aqui prendendo essa gente ruim.

Rolando os olhos, ela resmunga para mim.

— Ei, querido. — Jade sorri enquanto ela se aproxima. Abro meus braços e arrasto-a para dentro deles.

— Eu não esperava vê-la aqui hoje, — eu sussurro em sua orelha, mordiscando logo abaixo dela, fazendo seu corpo suavizar e curvar-se mais em mim. Ela se afasta e me cutuca, seus olhos virando para Josey ainda de pé ao meu lado, invadindo nosso espaço como um cachorrinho.

— Ei. — Jade sorri para ela, e Josey quase se derrete em uma poça aos seus pés.

Mas que diabos? Josey tem uma queda pela minha esposa?

— Você se lembra da Josey, de Marcus? — grunho.

Josey dá um passo adiante e abraça uma Jade desavisada, cujos braços levantam, depois recuam torpemente.

— Claro, — ela murmura, me dando um olhar que diz ‘quem?’ com os olhos arregalados sobre o ombro de Josey.

— Não sou Josey de Marcus, a propósito. Sou só Josey. Solteira, — Josey cora.

Dando a ela um olhar estreito, engato no braço de Jade e a levo para um escritório, falando pelo meu ombro. — Bem, ela é Jade de Dillon. Casada.

Fecho a porta do escritório e olho novamente no vidro para Josey, que sorri para mim e volta a fazer minha papelada.

— Eu vim por um motivo, — Jade me diz, trazendo uma bolsa, ainda não estou acostumado a vê-la carregar. Antes de ter MJ, ela odiava bolsas, mas sendo mãe, ela está sempre as enchendo de toalhetes de bebê, chupetas e lanches - até mesmo quando ela não trás MJ com ela.

— Isso, — ela sussurrou, prendendo seu lábio com os dentes superiores.

Desdobro o pedaço de papel e franzo a testa. É o endereço da Web que Elise me deu um tempo atrás, mas não tive tempo de analisar.

— Eu sabia que algo estava errado com ela, Dillon.

Eu levanto a sobrancelha. — O que é? — eu não tenho certeza de que eu realmente quero descobrir.

— É um site de fetiche.

Oh Deus. A última coisa que eu preciso ver é uma garota que ainda me lembro andar de tranças e aparelho nos dentes se mostrando nua ou o que diabos se faz em um site desse.

— É pior do que você está pensando. — os olhos de Jade baixam para o chão.

Eu duvido disso.

— Vá em frente, — exijo, irritação deixando meu tom arenoso. — Diga-me porque tenho certeza de que não vou olhar.

Suspirando, Jade tira uma cadeira e senta-se nela. Suas mãos tiram um fio imaginário nas pernas da calça.

— Jade, porra, pelo amor de Deus, mulher.

Os olhos dela se levantam para os meus, e o terror pisca neles. — Bonecas, Dillon.

A palavra bonecas faz o meu sangue esfriar. Minhas mãos apertam em punhos.

— O quê?

Ela morde no lábio enquanto franze a testa. — Ela se veste como uma boneca.

Puta que pariu.

Porra.

Jesus Cristo.

Droga.

— Ela não faz atos sexuais. Apenas age como uma boneca. — sua voz estremece. — É assustador e tão parecido...

— Não diga o nome dele, — eu ladro.

Ela se inclina na cadeira.

— Vou falar com ela, — asseguro a ela, esfregando a tensão do meu pescoço. — Eu vou ver de onde vem essa merda.

Ela coloca a mão sobre a minha. — Há alguém que comenta lá. Dollkeeper é o nome de usuário.

— E?

— Ele menciona ser seu ‘irmão’ como se ele soubesse quem ela é, e, mais importante ainda, quem é o irmão dela. Ele glamuriza os crimes de Ben...

— Não diga o nome dele, — eu interrompo, com um tom de advertência. — Não merece estar em seus lábios, amor.

Ela envolve seu braço livre sobre meu estômago. — Eu me preocupo que se ele descobriu quem ela é, então ele poderia descobrir onde ela mora e as coisas poderiam sair de controle. Imprimi todos os seus comentários. Está na fronteira da obsessão da maneira como ele comenta todas as fotos dela e outras coisas.

Eu acaricio minha mão pela sua bochecha, empurrando seu cabelo atrás de sua orelha. — Eu examinarei o que você me mostrou.

— Mesmo da sepultura, esse bastardo ainda persiste, — ela exala, uma mistura de fúria e medo em sua voz.

Não importa quanto avancemos, ele sempre vai nos rodear. Como um vírus filho da puta esperando até que seu sistema imunológico esteja prestes a atacar.

* * *

Jade foi embora para levar MJ para ver a minha sobrinha, Jasmine, há mais de uma hora e levou meu apetite com ela. Eu ainda não consigo me conectar ao site, então pulo essa parte e vou diretamente para a fonte.

— D, — Marcus grita, fazendo-me derrubar minha xícara de café frio na minha camisa. Perfeito. Ele anda em direção a mim, um olhar de determinação em seu rosto duro. A barba está crescendo em seu rosto, tornando-o um pouco mais áspero do que o habitual. Eu quero tirar

uma com sua cara porque ele normalmente é um garoto bonito, mas eu sei que ele está passando pelo inferno agora. Eu mordi minha língua apenas uma vez. — Então, eu tive uma ideia.

— Parabéns, — eu resmungo, esfregando um papel na mancha marrom espalhando como fogo sobre o tecido da minha camisa branca.

Rolando os olhos, ele me entrega a declaração tirada de Scarlet, também conhecida como Jinan Anderson.

— Ela disse que o dono de The Vault foi aquele que a entrevistou para o trabalho, que, depois de encontrá-lo, parecia bem fora do comum. Essa tarefa geralmente é feita por um gerente do bar.

— Concordo. Aonde você quer chegar?

Ele me entrega outro pedaço de papel.

— O que é isso?

— É um formulário de inscrição, — ele diz com um sorriso.

Eu levanto uma sobrancelha, esperando que ele elabore.

— É para The Vault. Eu acho que podemos enviar alguém. Um desconhecido para saber os detalhes.

Ele joga os olhos para Josey, que está tirando a sujeira das unhas com um clipe.

— Porra, não.

— Vamos. É um plano perfeito.

— Não.

— D. — ele tenta, seus olhos de cachorro que funcionam com mulheres, mas ele deveria me conhecer melhor do que isso. Eu não me apaixono por suas táticas estúpidas.

— Ela nem é um detetive, — lanço.

— Exatamente. É perfeito.

Meu telefone da mesa toca, e Marcus se inclina para pegar o aparelho. — Ok. Sim. Não espere por nós, — ele diz, então desliga a ligação. Sua atenção se vira para mim. — Um corpo no centro da cidade. Um garoto caiu, saltou, ou foi empurrado da janela do segundo andar.

— E?

— E Mills disse que você gostaria de estar lá.

O que diabos isso significa?

— Tudo bem, mas você fica com Josey. Eu não preciso dela atrapalhando outra cena de crime. E, Marcus, — eu aviso, — não coloque mais ideias não-brilhantes em prática até eu voltar.

Capítulo treze

Romance

ELIZABETH

Um sorriso se espalha em meus lábios com o aroma que eu sinto no ar. Coloco a tampa sobre a vasilha depois de dar um último toque na salada. Levou tempo pra eu me preparar. Mesmo que o Mestre quisesse que eu não me preocupasse, senti a necessidade de me arrumar, ser quem eu sou... o que ele me chama. Eu coloquei minha melhor maquiagem de boneca e um vestido bem branco, combinando as calcinhas. Minhas meias cobrem meus joelhos, e meus sapatos são de boneca.

Meus pés me levaram de volta ao novo presente que estava esperando por mim na varanda quando voltei das compras. Outra boneca preciosa. Embora nenhuma deles seja tão incrível como a primeira que ele me deu. É a minha favorita. O meu estômago se revira na ideia de perguntar ao Mestre se ele é mesmo aquele que me escreve sob o nome de usuário Dollkeeper e me envia os presentes. Isso faz mais sentido - o motivo pelo qual as coisas se moveram tão rapidamente. Realmente, isso demora um tempo para acontecer. Mas então, isso significa que ele me procurou. Procurou e me encontrou. Entrou na minha vida. Uma emoção de apreciação brota por mim.

Um alerta de mensagem brilha no meu celular no balcão, chamando minha atenção.

Mestre: Eu estarei aí logo. Esteja pronta.

Meu coração salta, e eu me olho novamente no espelho. A maçaneta da porta gira, e minha excitação é palpável no ar ao meu redor. À medida que a porta de madeira se abre, meu coração afunda. Elise entra, acompanhada de amigos - muitos deles. Ela me

olha de cima abaixo, então agarra meu cotovelo antes de me levar para o quarto de trás, fora da vista das pessoas ainda em casa.

Liberando-me, ela olha para cima e para baixo do meu corpo mais uma vez. — Isso tem que parar! Olhe para você. Você parece uma criança pornô, — ela grita.

O que diabos é uma criança pornô?

— Eu sou uma boneca, — esclareço.

— Não, Beth, você é uma pessoa, uma pessoa danificada depois de descobrir que nosso irmão doente e psicopata tinha como fetiche bonecas.

— Não é por isso, — eu minto. Na verdade, é exatamente aí que esta fixação profundamente enraizada começou.

— Você não tem respeito pelas pessoas que ele matou? As mulheres que ele roubou? Jade, por amor de Deus? — ela grita, e a vergonha me envolve.

Não é assim. Elas não tiveram escolha. Isso não é pelo nosso irmão morto. Isso... é por mim.

E meu Mestre.

— Por que você está aqui? Você não deveria estar nos dormitórios da faculdade? — eu digo, irritada.

Ela pisca com a força do meu tom. — Você sabe que estou tentando evitar o cara que eu estava vendo. Ele vai lá procurando por mim, eu só preciso de algum tempo.

— Bem, você poderia ter perguntado, — eu sei. Ela vai arruinar tudo, como sempre.

— Esta é a minha casa também, — argumenta ela. — Eu simplesmente gosto de ficar nos dormitórios. E, na verdade, pedi pra mamãe.

É claro que a pequena e perfeita Elise perguntou a mamãe.

— Quem são todas essas pessoas?

— Vou fazer uma pequena festa. Mamãe não vai estar em casa até domingo. Ela disse que estava bem. Preciso disso, Beth. Não seja infantil.

Eu? Eu não preciso ser infantil? Quero gritar com ela no topo dos meus pulmões.

— E, Beth, — ela chama, parando na entrada, — Jason está convidado, então se comporte.

— Comporte-se você, Elise, — eu grito, raiva, frustração e dor colidindo dentro de mim. Como minha própria irmã pode me empurrar para as mãos estúpidas, feias e malditas de Jason?

Sua boca se abre como uma boneca inflável esperando pelo pau de um velho estranho. Diversão escorrega dos meus lábios com o pensamento, e eu corro por ela para pegar meu celular. Preciso pedir ao Mestre que me tire daqui. Tirar-me de perto dela. De todos.

Quando a porta da frente se abre de novo e Dillon entra parecendo sério, meu coração afunda, meu estomago retorce com a ideia do que deve ter causado a expressão em seu rosto geralmente perfeito.

— O que é? — eu suspiro, esperando notícias ruins.

Ele franze a testa e fecha a porta, seus olhos contornando a cozinha agora movimentada. — Você vai dar um jantar?

O meu jantar especial. Arruinado. *Porra, Elise.*

Elise sacode a cabeça e o guia até a sala dos fundos. Eu sigo atrás deles e fecho a porta. — O que é, D? Você está me assustando.

— Eu acabei de chegar do centro da cidade, — ele diz, sua voz quase sussurrada. — Nós acreditamos que é um suicídio.

Oh Deus. Quem? Por que você está aqui, caramba?

— Desculpe, Elise, — diz ele. — É um garoto que eu já vi com você antes. Jason Bronson.

Seu suspiro ecoa no silêncio. Dillon olha para mim, mas não tenho nada para lhe oferecer. Eu odiava Jason. Não queria a morte dele, mas não sinto nada diferente porque ele está morto. Estou entorpecida com as notícias. Eu não sinto nada.

— Por quê? — ela pergunta, o choque fazendo sua voz tremer.

— Quem sabe, querida. Geralmente são muitas coisas que poderiam ter sido facilmente corrigidas se a pessoa tivesse obtido a ajuda que eles precisavam claramente. Ninguém é o culpado aqui, — ele

afirma, seus olhos se concentrando em mim, fixando-me no local em que estou em pé.

— Isso é tudo? — eu pergunto, desesperada para sair para que eu possa ligar para o Mestre.

— Elizabeth, — Elise sibila, seus olhos me julgando.

— Ele era seu amigo, não meu, — eu a informo.

— Você é tão cruel! Quem é você? — ela grita, vindo até mim com a mão esticada. O golpe acontece rápido, ardendo como chamas na minha bochecha, fazendo meu rosto virar com o impacto.

Cadela!

A raiva rugue dentro da minha cabeça como um leão violentamente faminto, implorando-me para soltar e arrancar a garganta. Estou cansada dela, tão cansada. Meu temperamento acendeu uma intensidade inconcebível e o desejo de arrancar seus estúpidos cabelos falsos me consome, mas Dillon envolve-a nos braços largos antes que eu possa reagir. Ele acha que está me protegendo dela. A verdade é, ela precisa de proteção contra mim.

— Olhe para ela, — Elise grita com nojo em seu tom. — Esta coisa de boneca assustadora. Está fora de controle. Alguém estava tirando fotos de mim no outro dia, e é porque eles acham que eu sou isso... isso...

— Isso o quê? — eu grito de volta para sua explosão mimada.

— Essa aberração de boneca assassina, — ela grita.

— Isso é o suficiente, — Dillon ladra, e ela para de se retorcer em seu braço enquanto ela chora no peito dele. Quem é infantil, na verdade?

— Eu quero falar com você, Beth, sobre tudo isso. Mas não esta noite. Eu acho que talvez uma de vocês vai para casa comigo para dar o espaço que a outra precisa essa noite.

Tenho dezenove anos, pelo amor de Deus, e tanto quanto eu agradeço que ele cuide de mim - de nós - ele não é nosso pai.

— Não, — declaro, amargura no meu tom. Tenho um lugar onde posso ir. Agarrando meu celular, vou até as escadas.

Capítulo quatorze

Ultra-moderno

BENNY

Estaciono o carro um quarteirão antes, e ando em direção à sua casa. Estou perto da sua casa quando vejo um grupo de pessoas subindo pela entrada.

Que diabos?

Ela não disse nada sobre haver mais do que apenas ela e eu.

Envio a ela uma mensagem, mas não tenho resposta. Raiva queima até minha coluna vertebral.

Ela está brincando? Não, ela não faria isso.

Uma luz inunda minhas pernas e me cega enquanto o barulho alto do motor quase me assusta. Segurando minha mão para cobrir meus olhos da luz, saio da rua para que o carro possa passar e me escondo ao lado de uma árvore alta. Meus olhos permanecem na casa, observando, esperando que ela responda, então eu não preciso entrar e fazer uma cena. O carro que quase me atropelou para na frente da casa, e então reconheço a quem pertence.

Fodido Dillon.

O que diabos ele está fazendo aqui? Ele quase me viu e fez meu coração acelerar.

Exasperação corre sobre mim. Por que ele está aqui? Ele tem que estar sempre no caminho das minhas bonecas? Por que eu não matei esse maldito filho da puta ainda?

Ele não fica muito tempo e, logo, sai sozinho. Uma sombra se move da sala para o quarto e ela vem para a janela, empurrando-a para

respirar. Ela segura sua mão em sua orelha e meu celular se acende com o número dela um segundo depois.

— Boneca? — eu respiro.

— Mestre, minha irmã arruinou tudo. Eu a odeio. Eu odeio isso aqui. Desculpe-me, mas posso ir até você? — ela está assustada, e minha alma dói para segurá-la. Onde diabos posso levá-la que seria discreto e seguro? A surpresa de Tanner cintila em minha mente, e suspiro. — Eu estou esperando por você. Faça uma mala. Venha e ande um quarteirão. Você verá um Mustang preto esperando. Mantenha a cabeça baixa, — eu aviso.

Meu corpo zumbe em antecipação. Eu quase não posso ficar quieto enquanto espero por ela. Quando eu a vejo correr pela rua, sem ser minimamente discreta com a mochila dela pendurada em seu ombro, tenho o desejo de agarrá-la e colocá-la no banco de trás para que ela não faça uma cena. Mas no momento em que eu vejo seu rosto, destacado pelos faróis, meu peito dói. Sua maquiagem bonita está arruinada. O rímel preto escorreu pelas suas bochechas rosadas, o nariz está vermelho brilhante e seus sutis lábios cor-de-rosa estão separados enquanto ela soluça. Seu vestido branco salta quando ela corre, revelando suas coxas leitosas acima de seus joelhos. Ela tem peitos pequenos, mas mesmo assim são atraentes enquanto ela corre.

Corra, corra, corra, Boneca, venha logo para meus braços.

Assim que ela se aproxima, ela cai em mim, seu corpo minúsculo quase me derrubando. Nunca vieram até mim com tal necessidade e emoção esmagadora. Meu coração corre no meu peito enquanto pego sua leve forma em meus braços. Eu beijo o topo de sua cabeça e inspiro seu cheiro doce. Muito parecido com uma criança, ela chora contra o meu peito, apertando-me como se estivesse assustada, que eu a fosse soltar.

Eu nunca mais vou soltar você.

— Shhh, — eu tento fazer ela se acalmar acariciando seus cabelos. Meu pau está vivo e duro enquanto pressiona contra seu estômago. Ela não parece ligada nisso, no entanto. Ela me segura apertado. — Vamos entrar no carro, e você pode me dizer o que aconteceu.

Eu a guio para o lado do passageiro, porque eu sou cavalheiro fodido quando se trata de Bethany, e abro a porta. Tão linda como ela seria se ficasse no banco de trás, eu empurro seus quadris, e a ajudo

entrar na frente jogando sua mochila no chão entre as pernas. Quando eu fecho seu cinto de segurança, seus olhos cintilantes encontram os meus.

Adoração.

Necessidade.

Alívio.

Calor.

O olhar em seus olhos é um livro de emoções - todas as páginas girando em torno de seu desejo por mim. Deslizo a mão por o rostinho borrado e beijo o nariz antes de fechar a porta e pular no lado do motorista. O motor é ruidoso, disparando enquanto eu saio pela rua. Eu deveria ser mais discreto, mas não posso evitar. Eu perco a minha cabeça de merda quando Bethany está no meu espaço.

Seu cheiro.

Os sons tristes que vêm de seus lábios.

A maneira como sua mente parece estar enchendo o carro com palavras não ditas que quase posso provar.

Esticando o braço, eu aperto sua coxa antes de tomar sua mão. Ela a aperta com força, desesperadamente, fazendo meu pau se pressionar contra meu jeans. Eu quero sua mão enrolada em torno do meu pau, mas isso deve ser suficiente - por enquanto.

— Eu odeio minha irmã, — ela fala. — Ela é uma cadela egoísta, julgadora e bruta.

— Vá em frente, boneca. Deixe sair. — eu olho para ela.

Seu sorriso é tímido, mas reservado apenas para mim. — Ela nunca se importa com o que eu quero. Esta noite, tudo o que queria era ter um jantar perfeito com você.

Levo a sua mão na minha boca e beijo os nódulos. Como não posso?

— Eu lhe darei tudo o que quiser e mais, — asseguro, mordendo o nó antes de aliviar a mordida com os meus lábios. Desta vez, mantenho as mãos juntas no meu colo.

Ela fala sobre o quanto ela odeia sua irmã, e isso me faz odiar ela também. Se ela quisesse, cortaria a garganta da garota aos pés de

Bethany. Ela pode mergulhar os pés na poça de sangue, sujar os sapatos brilhantes, e meu pau fica duro com o choro da sua irmã.

No tempo devido.

Por enquanto, o assunto mais urgente é levar Bethany para casa - onde ela pertence. Segura de olhos curiosos e irmãs malcriadas. Longe de Dillon, que se mete demais na vida dela.

O caminho é longo, e depois de algum tempo, ela adormece. Esse drama todo a esgotou. Ela vai precisar de seu descanso para mais tarde.

Estou feliz por ela ter dormido durante a última etapa da jornada. Ela continua adormecida mesmo depois que eu desligo o carro. Seus olhos vibram quando eu abro a porta e a puxo para dentro de meus braços, mas eu beijo seu nariz e ela relaxa. Abrir a porta do bunker faz barulho, mas nada que eu não possa lidar. Quando eu saí mais cedo, me assegurei de deixar o ar condicionado ligado. O espaço esfriou, e eu me preocupo que ela possa estar com frio com esse vestido. Quando eu a deito na cama, ela finalmente acorda. Seu estômago resmunga e eu rio.

— Por que você não relaxa e eu vou te fazer algo para comer? — sugiro.

Sua sobrancelha se junta. — Eu fiz um jantar delicioso para você. Estou tão decepcionada.

Sentado ao lado dela, passo a mão na sua bochecha. — Eu vou comprar todos os ingredientes que você precisa para fazê-lo novamente amanhã à noite. Eu prometo. Agora, esqueça isso.

Ela assente com a cabeça, seus olhos assumindo um aspecto de sonho - o mesmo olhar que ela me deu depois de termos feito sexo por telefone. Meu pau se anima no meu jeans, mas eu ignoro por agora. Minha boneca nova e preciosa está com fome. Saindo do quarto, entro na cozinha, surpreso ao encontrar a geladeira cheia de coisas que Tanner sabe que eu gosto. Se ele estivesse aqui, eu lhe daria minha aprovação. Eu vou ter que me lembrar disso mais tarde.

Eu não sou muito bom cozinheiro, mas eu consigo pensar num jantar rápido - ovos mexidos, batatas fritas acompanhadas de purê de maçã. Sirvo um copo gigante de leite quase derramando. Espero que as coisas permaneçam assim e nunca mais terei que morrer de fome.

Não, esta é Bethany. Ela não tentará fugir.

Corre.

Corre.

Corre.

Ela quer ficar.

Minha.

Minha.

Minha.

Agarrando uma das duas bandejas dobradas entre a prateleira e o armário, coloco o jantar encima e vejo como ficou. Decidindo que algo está faltando, meus olhos vagam para o vaso de rosas negras que Tanner deixou na mesa da cozinha como um presente de boas-vindas para casa, e eu o pego, escolhendo a maior rosa do vaso. Dor penetra minha palma quando os espinhos me cortam, mas tudo o que posso fazer é sorrir.

Eu vou fazer isso ser bom para ela.

Muito bom.

Colocando a rosa na bandeja, carrego-a para o nosso quarto. Bethany fica sentada na cama, usando um espelho pequeno para terminar de limpar a maquiagem manchada. Quando nossos olhos se encontram, ela me pisca um sorriso. Assim que ela vê a bandeja, coloco na cama, o sorriso dela se alarga.

— Oh, obrigada, — ela brinca, suas bochechas ficam coradas. — Isso é tão bom.

Sento-me ao lado dela e pego sua mão. Um suspiro escapa dela quando meu sangue esfrega contra a palma da mão.

— Você está sangrando, — ela diz. Levando a minha mão aos lábios dela, ela pressiona beijos na pele perfurada, e estou hipnotizado pela forma como seus lábios volumosos se tornam vermelhos com meu sangue. Quero pintar todo o seu corpo com ele, depois fodê-la até eu morrer.

— Está bem. — minha voz é ronca e meu pau lateja contra meu jeans.

Ela franze a testa enquanto eu relutantemente puxo minha mão de seu aperto e pego a colher. Pego um pouco de ovo e gesticulo para ela com um aceno de cabeça.

— Abra a boca, boneca.

Ela abre a boca sem discussão. Ela é perfeita. Malditamente minha. Eu a alimento com os ovos. Mordida após mordida. Então as batatas fritas. Nossos olhos nunca se abandonam.

— Estou com sede, — ela respira e ofereço o copo de leite. Ela o bebe com avidez, uma pequena gota escorre no canto de sua boca e para em sua mandíbula. Inclinando para frente, eu aponto para ela * como um gato em uma tigela de leite morno. Quando eu me afasto, ela me entrega o copo meio vazio, seus olhos cintilando com chamadas de desejo. Colocando-o de volta na bandeja, eu começo a lhe alimentar com o purê de maçã. Cai um pouco de purê em seus seios acima do topo do vestido e eu jogo a colher no prato, deslizando minhas mãos em suas costelas. No momento em que me inclino, a respiração dela atrapalha.

Ela está excitada.

Tão malditamente excitada.

Como se eu estivesse prestes a dar a ela tudo o que ela sempre quis nesta vida.

Eu posso sentir seu coração pulsar, trovejando, dançando em cadência com o meu.

Sua necessidade - seu desejo por mim - é irresistível.

Eu lambo o doce de maçã, mas no momento em que eu sinto o gosto dela, não posso me afastar. Chupo sua pele até que uma respiração suplicante escapa dela.

— Você ainda está com fome?

— N-não, — ela diz rapidamente, e eu me afasto dela, mostrando-lhe um sorriso ardente.

— Fique confortável. Eu voltarei em um minuto.

Jogando fora os restos, entro na cozinha com propósito, deposito a bandeja e pego a corda que Tanner trouxe antes de voltar para minha Bethany. Quando eu entro no espaço, ela já arrancou seus sapatos e está mexendo com os joelhos quando ela fica ao lado da cama.

— Deixe-os, — ordeno, deixando a corda em uma pilha aos meus pés.

Suas bochechas são brilhantes e ela acena com a cabeça. — E agora?

Eu ando até ela, admirando a maneira como seu vestido branco está manchado com meu sangue de um lado de suas costelas. — Tire sua calcinha.

Ela afasta seus olhos castanhos dos meus. Tão tímida, minha boneca perfeita. Mas ela também é obediente. Suas mãos deslizam sob seu vestido e ela começa a empurrar o tecido pelas coxas dela. Antes que ela possa chegar muito longe, eu me ajoelho na frente dela e assumo o controle.

No momento em que faço, sinto o cheiro de sua excitação e começo a entrar no clima. Os flashes da minha Bethany de todos os anos atrás cintilam em minha mente. Quando ficamos curiosos e apaixonados. Antes que tudo fosse arruinado pela minha mãe.

A Bethany que está diante de mim é alguém mais bonita. Mais perfeita. Ela não é manipuladora ou muito forte para o seu próprio bem. Esta boneca é suave, flexível, minha.

— Você quer que eu tire meu vestido? — sua voz é um sussurro tremido.

Olho para cima, um sorriso aparece nos meus lábios. — Eu gosto muito deste vestido, boneca. Quando eu fodê-la, eu quero poder segurá-lo.

Suas bochechas estão vermelhas e ela solta um som sufocado. — Isso é real. Está acontecendo.

Ficando de pé, eu me sobreponho a ela. Ela é jovem, tão jovem, mas não sou pervertido. Eu sei que ela é uma mulher apesar de seus vestidos infantis e calcinha com laço.

— Estou nervosa, — ela murmura.

Coloco meus dedos em seus sedosos cabelos castanhos escuros e inclino a cabeça para trás, então ela está olhando para mim com grandes olhos castanhos.

— Você quer que eu coloque a peruca?

O quê?

— Eu trouxe isso comigo na minha mochila. — ela gesticula para a mochila no chão.

— Então você sabe que eu vi o site? — eu pergunto, minha voz rouca com necessidade.

Seus ombros se encolhem. — Eu achei que tinha uma grande probabilidade.

Incerteza cintila em seu olhar. Eu vou ter que arrumar isso.

— Nunca use essa peruca novamente. Queime, — eu rosno antes de pressionar meus lábios contra os dela. No momento em que ela solta um gemido, eu devoro a sua boca inchada. Ela puxa minha camiseta, suas respirações saem afiadas e pesadas enquanto eu a consumo. Deslizando minha mão entre nós, eu movo sob seu vestido e deslizo para sua buceta.

Ela praticamente goteja com necessidade.

Bethany me quer.

Arrastando meu dedo ao longo de sua fenda, eu deixo que ele permaneça em seu clitóris. Ela solta um gemido carente, e seus quadris avançam, procurando o meu toque. Eu descanso o pé no lado da cama, depois puxo a perna para cima da minha, abrindo-a para mim, expondo-a debaixo do vestido. Então, eu estou mergulhando sob o tecido, em uma caçada por seu centro escorregadio. Sua buceta intocada não é frouxa como das putas que eu costumo foder. Mesmo aberta para mim, ela ainda é tão apertada, e eu confirmo isso quando eu empurro um dedo dentro dela.

— Oh Deus, — ela ofega.

— Shhh, — eu murmuro contra seus lábios. — Eu só preciso sentir você, toda você.

Seus gemidos cantam para o meu pau, e ele puxa para ela, implorando atenção. Eu esfrego meu polegar através de seu clitóris, curtindo a maneira como ela balança os quadris em um movimento circular para perseguir meu toque. Estou tão concentrado em agradá-la que eu grunho quando sua mão toca meu pau através do meu jeans.

Eu lanço um olhar para ela, meu olhar endurecido encontrando seus olhos curiosos e inseguros. Tímido, até. Ela não é nada como as prostitutas. Bethany quer me agradar, mas ela não parece saber como...

ou talvez ela tenha medo de não gostar. Eu gemo, meu olhar queimando-a, deixando-a saber que eu realmente gosto.

Eu quero ser grosseiro. Acredito que ela reclamaria. Sigo meus instintos. Solto o monstro que há por dentro. Mas eu sei que tenho que ser diferente com ela. Ela é diferente de qualquer uma antes dela.

— Você é minha, boneca, — eu lembro a ela, não querendo que ela se esqueça.

— Sua, — ela concorda, sua voz soprando. — Eu quero que seja você. Quero perder minha virgindade com você.

— Você não está perdendo nada, — eu rosno, adicionando outro dedo em seu corpo apertado. — Eu vou tirar isso de você. Isso pertence a mim.

Sua buceta fica ainda mais molhada com excitação, minhas palavras enigmáticas girando ainda mais. Com cada impulso de meus dedos dentro dela, eu círculo meu polegar sobre o clitóris, ela começa a perder o controle. Ela se agarra na minha camisa com uma mão e esfrega desajeitadamente o meu pau através do jeans com a outra. Não é o suficiente. Eu quero estar dentro dela.

— Goze, boneca. Eu preciso tanto de você, e não posso esperar para sempre.

Ela geme e inclina a cabeça para o lado, mostrando sua garganta pálida e delgada para mim. Como um vampiro que procura o jantar, eu mergulho, mordendo a porra da sua carne. Ela grita e o gosto de sangue metálico vem na minha língua. Em vez de chorar ou gritar comigo, ela goza.

Putá merda, ela goza.

Seu corpo treme violentamente, sua pequena buceta aperta meus dedos. Eu continuo esfregando-a mesmo quando seu orgasmo diminui. Seu joelho, a única perna em que ela está apoiada, se solta, mas eu a pego. Abaixando minha perna, dou a ela um pequeno impulso, e ela cai de volta na cama, olhando para mim com admiração.

— Você me mordeu.

— Você é malditamente bonita.

Com isso, ela irradia. Maldita seja, ela é perfeita.

Chegando atrás do meu pescoço, agarro minha camiseta e puxo-a pela minha cabeça em um movimento rápido. O olhar dela atravessa minha carne tatuada e ela morde o lábio inferior. Desde o encontro com Tanner, ele me apresentou ao mundo dos exercícios e eu mantenho meu corpo em forma. Sempre fui naturalmente magro e musculoso, mas agora estou trincado. Todo músculo está mais forte do que antes. Eu posso esmagar uma garganta com apenas meu punho.

— Isso é muito melhor pessoalmente, — ela suspira.

Enquanto vejo o sangue escorrer da pequena mordida que eu dei, não posso deixar de concordar. Pessoalmente, posso sentir o cheiro dela. Prová-la. Todo o meu corpo treme com as mesmas sensações que sinto quando quero matar alguém. Consumir alguém. Intoxicante. Fora de controle. Exceto, que não é sua vida que eu quero destruir, é sua buceta. Eu quero arrancá-la de dentro e deixar minha marca em todas as partes dela. Olhando para trás, eu me sinto estúpido quando considero meu nível de dedicação a Jade. Eu quase não consigo pensar nela atualmente sem meu próprio monstro zombar de mim. Eu era jovem e cego. Eu pensei que ela era a melhor substituta para Bethany, o mais próximo que eu já tinha visto - mas eu estava tão malditamente errado. Eu deveria saber que o destino traria minha verdadeira Bethany. Minha boneca perfeita.

Agora, tudo o que posso ver é Bethany.

Ela é tão perfeita, todas as tentativas passadas foram um erro.

Eu salto com um grunhido, e nossos dentes se chocam dolorosamente. Eu estou rasgando seu vestido, mas eu não quero que ela o retire. Minha mente luta com mil cenários. Há tanto que quero fazer com ela, está me enlouquecendo.

— Mestre, — ela suspira, suas palmas agarrando minhas bochechas. — Fique comigo. Eu quero sua atenção em mim. — seu pedido é mais um pedido desesperado. Ela quer ser amada por mim, ela não consegue esperar. Meus olhos se enfiam nos dela enquanto eu empurro seu vestido em seus quadris.

— Você está me deixando louco, — admito, minhas palavras são um sussurro chocado.

Seu sorriso ilumina todo o maldito quarto. Tiro meu cinto e abaixo meu jeans. No momento em que meu pau está no meu controle, eu olho para ela.

— Eu não posso ir devagar ou ser suave ou gentil. Eu quero te ferir. — meu maxilar aperta, e eu odeio minha natureza brutalmente honesta.

Seus olhos castanhos escurecem. — Eu gostei quando você me mordeu. Não sou uma boneca de porcelana, Mestre. Eu sou sua boneca. Você não pode me quebrar. — o desafio em sua voz faz com que pingue do meu pau o pré-goço. Com um rugido, eu provoço sua abertura que está lisa de desejo.

Tantas bonecas que eu quebrei. Arruinei. Matei. Mas não essa. Essa é superior a todas elas. Eu vou mantê-la comigo para sempre.

Minha.

Minha.

Minha.

— Você não sabe o que você está pedindo. — meu tom é mortal.

— Você. Não pode. Me. Machucaaaarr! — ela grita a última palavra quando eu entro em seu buraco apertado com um forte impulso. Suas unhas fincam em meus ombros e lágrimas escapam de seus olhos. Meus dedos encontram sua mandíbula, e eu a aperto até o ponto em que eu aprecio sua pele perfeita. Seus olhos se fecham, e ela treme.

— Olhe para mim, — respiro contra seus lábios bamboleantes.

Seus olhos se abrem ao comando.

— Você é linda e nunca estive com uma mulher tão boa quanto você. — suas características se suavizam com minhas palavras. Minha doce Boneca Bethany. Ela ama os elogios. — Sua buceta está molhada e tão apertada em torno do meu pau latejante. Você se guardou apenas para mim, não é? Você me sentiu. Observando e esperando. Eu estava vindo para você... era apenas uma questão de tempo antes de encontrá-la.

— Beije-me, — ela implora um soluço. — Por favor.

Afrouxando meu aperto na sua mandíbula, coloco minha palma no peito sobre o vestido. Nossas bocas se encontram, e eu nem posso beijá-la suavemente. Preciso saborear mais dela. Ela choraminga quando meus dentes perfuram seu lábio inferior, mas ela não se queixa. Seus dedos deslizam para minha cabeça, e ela arranha suas

unhas através dela. Eu sinto que ela teve muito tempo para se ajustar ao tamanho do meu pau, então eu empurro forte dentro dela enquanto nos beijamos freneticamente.

Eu fodo ela, porque ela é minha.

Eu foda ela com força porque ela é minha.

Eu fodo ela até o ponto de dor porque ela é minha.

Seu corpo está tenso abaixo de mim, então eu procuro seu clitóris. Eu gosto quando seu corpo goteja com necessidade para mim. Quando ela fica escorregadia entre os lábios doces de sua buceta.

— Oh Deus, — ela grita. — Isso parece... melhor, — ela confirma.

Não, boneca, é fantástico.

Logo seu corpo está tremendo de forma incontrolável e sua buceta goza no meu pau enquanto ela luta entre a dor e o prazer. Eu me perco dentro da minha Bethany. Meu próprio orgasmo vem com um rugido, minha semente brotando no fundo da minha boneca. Eu a castigo com minha essência masculina e a possuo.

— Meu nome é Beth, — ela sussurra contra minha orelha.

Lambo seu pescoço sangrando e sorrio. — Eu sei.

Capítulo quinze

Neotérico

ELIZABETH

Meu corpo inteiro está ardendo. Músculos gritando em protesto. Carne queima de mordidas e fricção. Meu cérebro gira tão rápido, a fumaça me afasta disso. É ele. Mestre ou Monstro ou qual seja realmente seu nome. Ele é intenso, e acho que ele está obcecado por mim. O pensamento faz com que meus lábios se excitam.

Afastando-me, ele me examina com um olhar curioso. É como se estivesse procurando algo em meus olhos. Hesitação, talvez? Arrependimento? Bem, ele não encontrará essas coisas. Estou consumida por ele. Nunca me senti tão bem e desejada e reverenciada em toda a minha vida. Claro, tenho seguidores, se você quiser, no meu site fetiche, mas isso é diferente.

Mas isso, eu posso sentir até meus dedos.

Meu coração está triste e meu cérebro sangra.

O que está agitando as minhas veias é perigoso. Para ele ou para mim, não tenho certeza.

— Agora que eu estive dentro de você e provei seus lábios, não poderei parar. Eu não vou parar. — seu tom é frio quase uma ameaça envolvida em um aviso sombrio. Eu tremo.

— Ninguém está pedindo que você pare, — eu digo a ele bravamente.

Seus olhos castanhos se estreitaram pra mim. — Eu quero tirar o vestido e ver toda você.

Eu mordo meu lábio dolorido e aceno com a cabeça. Tudo parece machucado, mas já estou ansiosa por ele me tomar de novo. Seu sêmen

vaza de mim, e eu gosto da maneira como isso me faz sentir. Meu coração bate no meu peito. Nós não usamos preservativo. Isso me faz querer não estar usando pílula. Apenas para ter a possibilidade de estarmos vinculados por mais do que apenas essa conexão esmagadora. Eu agito o pensamento estúpido da minha cabeça assim que se manifesta.

Elise está certa, sou doente.

Estes não são pensamentos lógicos.

No entanto... não posso impedi-los de zumbir no meu cérebro. Eu certamente não posso parar de dizer isso.

— Eu quero estar com você assim sempre, — eu sussurro, com minha voz envergonhada.

Ele franze a testa, e eu sei que arruinei. Estou ansiosa demais. Muito obcecada. Muito feliz com a atenção dele. Bêbada em sua possessividade.

— Você quer ficar aqui? — sua sobancelha escura arqueia, e faz minhas coxas tremerem de necessidade.

— Eu quero.

Eu quero ficar com ele. Para sempre. Para nunca mais me sentir sozinha de novo.

Ambos endurecemos com a minha escolha de palavras, mas não posso deixar de sentir uma fantasia feminina que não tem lugar em uma situação em que acabei de dormir com um homem que nem conheço. *Você o conhece.*

Estou confusa, mas tudo parece tão claro quando olho para ele. É como se estivesse vendo pela primeira vez na minha vida.

Ele se senta, depois desliza pela cama. De perto, percebo que suas belas tatuagens cobrem cicatrizes. O que causou tal dano? Um acidente de carro, talvez? Eu quero perguntar a ele, mas decido que podemos conversar mais tarde. Agora, eu quero mais dele me tocando e me provando.

Elise me falou sobre sexo uma vez. Ela disse que a primeira vez é horrível e dói. Ela estava certa sobre a última parte, mas não achei horrível essa dor. Isso faz você se sentir viva. Faz você lembrar desse momento para que você possa revivê-lo repetidamente.

Ele tira o resto de suas roupas enquanto me devora com o olhar. Levanto minhas mãos no ar, esperando que ele me dispa. O grunhido na sua garganta é de aprovação. Uma vez que o vestido desaparece, ele bebe nos meus seios nus. Bonecas não usam sutiãs.

— Você não vai a lugar algum, — ele me diz simplesmente, sua mandíbula apertada de uma maneira quase furiosa.

Eu aceno com a cabeça e olho a corda no chão. — Você vai me amarrar?

Meu sexo inunda mais uma vez. Ele deve gostar dessa ideia. Seu pau ainda molhado e mole volta à vida, e não posso acreditar que essa coisa grande esteve dentro de mim. Estou em chamas de onde ele me levou, mas anseio por mais.

— Deite-se de costas. Feche seus olhos. Cante-me uma música, — ele ladra.

Eu faço como ele diz, cantando a rima infantil que parece tão gostosa. Minha voz não é a melhor, mas canto muito com cuidado, para acertar as notas e minha voz não desafinar muito. Eu quero que ele goste da música. O forte batido de seus pés descalços me faz prestar atenção. Levantando meus cílios um pouco para esgueirar um olhar através deles, meu coração corre. Ele está puxando seu cabelo, olhando a bagunça na parte interna da minha coxa.

Levantando, ele agarra seu cinto antes de praticamente ir dançando até cama. — Abra mais suas pernas mais, — ele ladra. — Não pare de cantar.

Meu corpo treme com antecipação. Posso lidar com o que ele vai fazer?

Um golpe.

Oh Deus.

Ái.

Outro golpe.

Dor. Uma dor quente e abrasadora se acende sobre o meu sexo exposto.

— Me desculpe. — ele quase soluça enquanto me atinge de novo.

Um pequeno grito sai do meu peito, e é preciso toda a força de vontade do mundo para não fechar minhas pernas completamente e me esconder dele. Dizer não.

Eu não vou, no entanto. Não posso.

O baque dele caindo de joelhos e batendo na sua própria cabeça faz minha alma doer. Meus pensamentos voam para as cicatrizes escondidas debaixo do monstro tatuado em sua pele. Talvez ele tenha sido abusado e danificado. Fomos todos danificados em algum lugar ao longo da vida. Não é ruim.

— Deixe sua escuridão me inundar, Mestre, — eu digo, encorajando-o. — Vou mergulhar nela. Afogar-me nela. Eu posso aceitar isso.

Minhas palavras são a faísca para acender a chama. Meus olhos se espremem enquanto ele continua com a respiração pesada. Suas mãos parecem adorar minha pele enquanto ele passa a corda em meus tornozelos e as amarra em cada extremidade da cama. Não tenho ideia onde que ele está amarrando - talvez no quadro da cama abaixo? - mas eu não ligo. Eu adoro o fato de que minha buceta ainda está molhada de seu clímax e surra com o cinto.

Eu não me assusto. Eu não fujo. Eu não digo não para ele.

Ele vai me manter aqui. Ele realmente vai me manter.

Em seguida, ele une meus pulsos, mas ele não os amarra a nada. Eu os repouso acima da minha cabeça no travesseiro, esperando que meus peitos estejam a mostra para ele. Não ousa abrir meus olhos para olhar. Eu volto a cantar sua música, as palavras morrem na minha garganta.

Sua boca está em mim.

Oh. Meu. Deus.

Meus olhos abrem, e eu olho em estado de choque quando ele volta ao meu sexo, lambendo a dor com sua língua suave e poderosa. Seus olhos escuros se elevam aos meus, fixando-me com apenas um olhar. Possuindo-me. Fazendo promessas que eu não entendo, mas quero. A magia que ele cria com a língua é fora deste mundo, aliviando a queimação de momentos antes. Me curando. Eu me entrego e imploro, suspirando com sensações que nunca alcancei antes. Ele me faz sentir arrepios em minha espinha e o buraco que ele violou com o seu pau e seu toque se contrai. Tão facilmente. Eu nem

entendo isso. Eu não quero entender isso. Tudo o que sei é que eu adoro. Eu amo tudo sobre esse homem misterioso na minha vida.

A dor.

O prazer.

O pequeno lampejo da luz em sua crescente escuridão.

Ainda estou tremendo do meu orgasmo quando ele sai da cama e desaparece. Momentos depois, ele volta a empunhando uma grande faca.

— O que é isso? — eu sussurro. Eu deveria estar preocupada com ele me cortando em pedaços e me comendo ou algo assim, não sobre o quão delicioso ele parece com um brilho maligno em seus olhos. Eu não deveria estar me perguntando se ele vai me foder novamente.

— Eu quero o seu sangue. — seus olhos castanhos são chocolate derretido, quente e delicioso.

— Todo o meu sangue?

Ele ri, surpreendentemente juvenil, e meu sexo se contrai. — Não, boneca. Eu só quero um pouco. Um pouco de você. Em mim. Eu quero isso de você. Para possuir você por inteira. Eu tornarei tudo de ruim, bom novamente.

Suas palavras me fazem derreter. — Você vai me cortar?

— Eu vou marcar você para que todos saibam que você é minha, — ele afirma, sua voz possessiva.

Um gemido me escapa. — Eu quero que eles saibam que eu sou sua. — eu nem mesmo sei quem eles são, mas é verdade.

— Feche os olhos, — ele murmura quando ele sobe na cama entre minhas pernas abertas.

Ao fechá-los, sou recompensada com uma carícia no meu estômago. Estou esperando a lâmina da faca, mas, em vez disso, ele empurra seu pau de volta para dentro de mim. Ele é cuidadoso e gentil, e faz com que as lágrimas nascem sob minhas pálpebras fechadas. O que há de errado comigo? Como posso me apaixonar tão forte e rápido por alguém que nem me disse seu nome?

Nada, eu decido. Nada está errado comigo. Estou feliz, e isso é tudo o que importa. Tenho procurado a felicidade pelo tempo que me

lembro, e esta é a primeira vez que sinto como se eu pertencesse a este mundo.

— Meu pau pertence a você. Eu vou te foder o tempo todo, — ele me diz, suas palavras picadas e corajosas. Ele está de joelhos, erguendo minha bunda para descansar na parte superior de suas coxas. Cada parte de mim dói e pede misericórdia, mas não quero que ele me recompense com isso. Eu quero estar machucada. Senti-lo. Para ele me deixar com a dor duradoura, para então eu saber a quem pertenço.

— Eu vou possuir todos os seus buracos. Seu traseiro apertado e sua boca perfeita.

Eu gemo e sorrio. — Eu quero isso. Eu gosto da maneira como você me possui até o ponto que dói.

Ele esfrega a palma da mão contra meu clitóris, e eu gemo, não tenho certeza se é prazer ou agonia. — Fique quieta, mantenha seus belos olhos fechados e deixe-me fazer você sangrar.

O primeiro corte me choca, é doloroso como o inferno - uma pequena queimação lambe a minha pele. Eu engasgo algumas lágrimas quando seu ataque começa acima do meu umbigo. Os movimentos lentos são torturantes. Um riacho de sangue desliza pelas minhas costelas e me faz cócegas. Lágrimas brotam dos meus olhos, e eu mordo o lábio para não chorar.

Ele está me marcando.

Não quero que ele pare.

Eu quero que ele me faça dele.

Elise certamente pensaria que eu estou louca agora.

Eu estou?

Sou de repente distraída dos meus pensamentos e da dor. Com seu pau duro dentro de mim e sua mão me dando prazer, é fácil ignorar os efeitos da dor aumentando em meu estômago. Ele é cuidadoso e faz isso com muita sabedoria, posso dizer. Não muito profundo e com movimentos constantes.

— Você é minha boneca. Toda minha. Minha Bethany, — ele murmura.

Fico tonta com suas palavras e seu ataque contra mim. Meu coração balança com a decepção de ser chamada pelo nome errado. Por

um momento breve sinto ciúme, isso me faz pensar se ele faz isso com outras garotas, ou simplesmente ele não entendeu quando eu disse a ele meu nome verdadeiro.

— Minha, — ele grunhe, a palavra falada tão viciosamente, é tão afiada quanto sua faca.

Seu corpo cobre o meu e nossa pele desliza uma contra a outra. Meu sangue é escorregadio entre nós. Eu gemo quando ele mancha sua mão no meu estômago ferido e volta a massagear meu clitóris, desta vez com os dedos. Tudo é muito intenso, mas não o suficiente. Ele está me fodendo e ele me machuca e eu preciso de mais.

— Mestre, — eu imploro. — Eu preciso...

A ponta da lâmina passa na minha garganta onde ele me mordeu. Arde, mas nada como meu estômago. Eu gosto de como isso me queima. Eu me encontro procurando pela dor.

— Não, Boneca, — ele respira contra minha boca quando para de repente, — isso é demais. Isso não é para formar cicatriz em sua carne perfeita e pálida.

Ele puxa a faca, e eu gemo, mas então sua boca está sobre mim, substituindo a lâmina, sua língua sondando o corte na minha carne enquanto ele procura meu sangue. Estou tonta e assustada e apaixonada. Ele puxa meu clitóris e, então, torce-o com tanta força, que quase desmaio de dor, uma dor agradável. Isso dói. Isso é bom. Não é o suficiente.

Com um grito de meus lábios, ele se enterra tão profundamente dentro de mim, que não sei se ele é parte de mim. Meu corpo treme embaixo dele, entorpecida pela endorfina que circula em mim. Isso sinaliza seu próprio orgasmo, e ele goza dentro de mim. Desejo que a porta da saída emperre e que eu fique presa aqui com ele. Para ele me encher de seu feitiço até nos sufocarmos de amor. Se eu não tomar minhas pílulas, ficaremos ligados pela criação do amor. Estou perdendo o senso de realidade, mas não me importo. Ele está me puxando para a escuridão, e eu estou deixando. Engolindo tudo que posso, me afogando nele.

Escuridão. Um belo abismo escuro.

Ao acordar, olho em volta, mas ele não está mais no quarto. Uma gaze branca está enrolada em volta do meu estômago e eu não estou mais presa por meus tornozelos ou pulsos. Em vez disso, a corda está

em minha garganta. Eu toco meu pescoço dolorido, notando que eu também estou enfaixada. A cama é uma bagunça vermelha, com sangue seco e sêmen. Devo ter dormido por horas. O pensamento me faz sorrir. Eu saio da cama e me admiro pelo fato de que uma extremidade da corda está amarrada a uma perna da cama. Parece haver muita folga para me permitir explorar o lugar. Com pernas trêmulas, eu vago para fora do quarto e entro no corredor, encontrando-o sentado na mesa da cozinha olhando para um laptop.

— Ei, — eu digo.

Seu olhar sombrio de vira para mim e ele me olha com apreciação. Isso excitação me percorrer. — Ei.

— Por que você saiu? — meu tom tem uma pontada de mágoa.

De pé, ele avança para mim, seu delicioso corpo está nu, exceto um par de jeans. Minha boca se enche d'água. Sou atraída para seus braços fortes, e ele me embala, enchendo de beijos o topo da minha cabeça.

— Você é a coisa mais linda que já tive o prazer de ver. E agora eu unido com você em mais maneiras do que eu posso contar. Só me deixa com fome por mais, — ele rosna. Suas palmas vagam até meu corpo nu, e ele me agarra. — Como você está se sentindo? Você perdeu um pouco de sangue.

— Eu estou um pouco tonta, — admito, baixando minha voz.

Ele ri, e vibra no meu peito. — Não fique chateada, Bethany. Eu tenho uma coisa doce para você.

Ele é tão adorável sobre isso, nem o corrijo. A verdade é que o nome é parecido com o meu. Eu gosto desse nome. Ele me ajuda a sentar em uma cadeira e depois começa a mexer na cozinha. Admiro sua bunda enquanto ele se move em torno do espaço. Minha pele está fria e eu tremo, mas eu gosto de me exhibir para ele. Ele finalmente acha um refrigerante e o serve em um copo. Uma vez que ele coloca na minha frente, ele abre um pacote de biscoitos de aveia.

— Estes são meus favoritos, — eu digo a ele com um sorriso largo. — Obrigada.

Seus olhos castanhos brilham com uma emoção que quero ver mais. Adoração. Amor. Desejo. Querer. Um olhar cintilante e quente. Quero todos eles apontados para mim, sempre.

— Qual o seu nome? — pergunto.

Suas características escurecem, e imediatamente me castigo por arruinar o momento. — Com o tempo, boneca.

Eu mordo meu lábio inferior, decepcionada quando ele volta ao laptop. Ele desvia a atenção de mim, e isso me magoa. Eu quero de volta.

— Eu gosto quando você me chama de Bethany.

Seus olhos voltam para os meus. — Eu gosto quando você usa essa corda em torno de sua garganta como um colar. Tão bonita.

Eu derreto sob seus elogios. — Isso deixa seu pau duro?

Seus olhos castanhos me queimam enquanto ele olha para mim. — Porra sim, sim.

— Ótimo.

Quando ele começa a se voltar para a tela, eu tenho um impulso irresistível de distraí-lo. Eu me levanto do meu assento e pego sua mão.

— Eu preciso que você me machuque um pouco mais. Eu gosto disso. — eu sei que esse tipo de palavra o provoca, e é exatamente isso que desejo fazer.

Agarrando a corda, ele a torce em torno de seu pulso, então puxa tão forte que eu quase caio em seu colo. — Quer que eu te machuque onde?

— Em toda parte.

— Com o tempo, — ele rosna, seus olhos absorvendo cada corte e hematoma marcado na minha pele pela sua mão. — Eu gosto de você nua, mas eu prefiro que minhas bonecas fiquem lindas em seus vestidos.

— Bonecas, no plural? — eu sussurro, minhas sobrancelhas estremecendo.

— Só você, Bethany, — ele me assegura. — Só existe você.

Capítulo dezesseis

Jovem

BENNY

— Bonecas, no plural? — ela geme, seu rosto se desintegra.

— Só você, Bethany. Só existe você.

Por agora. Eu ainda não falo sobre meu boneco irritado chamado Tanner. Ainda não decidi o que fazer com ele.

— Eu tenho algo para você.

Os olhos dela se alargam, e ela morde o lábio inferior, estremecendo quando um pequeno corte reabre e uma gota de sangue floresce. Eu a ataco como um animal sanguinário, desesperado por sugá-la. Eu penso em incliná-la sobre a mesa e enchê-la com meu pau, mas meu celular começa zumbir sem parar no meu bolso, e ela está sentada no meu colo. Isso é perturbador e irritante e me deixa louco.

— Atenda seu telefone, — diz ela, rindo contra meus lábios, — mas primeiro, diga-me onde está o meu presente.

Eu sorrio e aceno em direção à penteadeira que eu roubei. Ela pula do meu colo, e corre para olhar o presente. Dentro da gaveta, ela encontra algumas calcinhas feitas a mão só para ela.

Eu me atento para sua perfeição, descaradamente, meu pau endurece com a perspectiva de ter uma tela em branco para decorar. Quando ela começou a cantar no quarto horas atrás, minha mente troçou em memórias caóticas do passado.

Os sucos entre suas coxas gritavam para mim, para repreender e punir a boneca suja.

Ela não discutiu, manteve-se aberta para a disciplina, aceitando quem eu sou, que me trouxe de volta o velho eu.

Meu telefone começa a zumbir novamente, e eu arranco-o do bolso. — O quê?

— Monstro, — Tanner cumprimenta, sua voz suave e imperturbável. — Eu pensei que depois de sua noite ativa você estaria melhor. Como estão funcionando as coisas para você? Bem... pelo que estou vendo, *Mestre*.

Thud.

Thud.

Thud.

Eu não posso falar. Pensar. Respirar.

Meus olhos examinam a sala, olhando em cada canto para as câmeras que devem estar instaladas aqui.

Filho da puta.

Maldito observador filho da puta.

A raiva vem como uma entidade furiosa, todos os meus demônios gritam sob minha pele, que se sente esticada demais sobre os ossos embaixo.

Sua risada sombria penetra na minha orelha. — Pare de olhar, Monstro. As câmeras estão em toda parte para sua própria segurança.

Para seus olhos curiosos, porra.

— Sua nova boneca é bastante requintada, — ele elogia. — Eu gostei de te observar com ela. Me diverte que você gosta que ela te chame pelo meu nome quando você está dentro dela. ‘Oh, mestre...’

Eu atiro o celular na parede, surpreendendo Bethany quando explode e cai no chão como uma chuva de vidro quebrado.

— Quem era? — ela grita em minha direção, segurando a mão no peito dela.

Correndo para ela, eu cubro seu corpo com o meu. — Não importa. Vista-se. — eu aponto para o vestido rasgado, o meu peito tremendo de raiva. — Agora.

— Por quê?

— Nós vamos embora. Vou levar você para casa. Eu tenho coisas para fazer.

— Mas eu não quero... — lágrimas se reúnem em seus amplos olhos castanhos.

Levanto minha mão com raiva. — Você precisa saber que o que eu digo a você não deve ser discutido. Sou seu mestre, e você fará o que eu lhe disser.

Ela assente com a cabeça, mas lágrimas transbordam de seus cílios livremente.

— Eu vou voltar para você, — eu prometo, minha voz suavizando. Esta boneca precisa de uma garantia extra. — Eu só preciso resolver algumas coisas primeiro, ok?

— Ok.

* * *

A volta para deixar minha Bethany em casa é silenciosa. Todos os meus planos terão que mudar. Essa intrusão não pode ser tolerada. Não serei como um animal de estimação para seus jogos e prazer. Isso não vai acontecer.

São quatro horas quando chego à sua casa. As luzes estão apagadas, uma manta de escuridão envolve a casa.

— Você quer entrar? — sua voz é mansa e suave.

— Eu não posso, boneca.

Ela mexe seus dedos, abaixando os olhos para o colo. — Eu fiz algo errado?

Um suspiro empurra meus lábios. — Não, — eu aplaco, esticando minha mão sob seu braço e puxando-a através do assento no meu colo. Ela se enrola contra mim como um coelho e suspira com contentamento. Ao fechar os olhos, eu apenas a seguro.

Calor me sufoca, e o pânico se agarra ao meu peito quando eu acordo, atordoado. A luz do sol irradia através das janelas, cegando-me. Suor cobre cada centímetro do meu corpo, pingando como se estivesse mergulhado completamente numa banheira. O ar é grosso e

espesso como em uma sauna, e estou ofegante enquanto eu tento respirar. Explorando ao redor, percebo onde eu estou. No meu maldito carro. Minha frequência cardíaca dispara. Droga. Adormecemos a plena vista. Qualquer um poderia nos ter visto. Tão estúpido. Bethany se mexe no meu colo e abre os olhos com preguiça.

Abaixando todas as janelas, ligo o ar condicionado e verifico a hora.

Nove e meia.

Porra. Porra. Porra.

Minha mente gira sobre o quão descuidado eu fui. Se alguém nos viu e chamou a polícia... eu não consigo terminar de pensar nisso sem querer enlouquecer.

— Você precisa ir agora, — eu digo a ela, afastando seu corpo suado do meu.

Seus olhos examinam a área e um bocejo passa pelos lábios. — Ok. Obrigada pelo meu novo presente. Aquela penteadeira é bonita. Eu vou levar seus outros presentes comigo na próxima vez para colocá-los nela. — ela não tem certeza de suas palavras, me testando para ver se eu pretendo levá-la de volta lá novamente.

— A boneca?

Ela procura meu rosto confuso. — Todas elas, — afirma com hesitação.

Que diabos ela está falando sobre todas elas? Eu dei apenas uma ela. Foi uma que encontrei on-line - uma que eu vendi no passado.

— Eu te dei uma. Uma feita a mão muito especial com cabelo castanho e sedoso como o seu. — eu sei porque eu fiz. — A peruca foi costurada à mão com cabelos humanos doados. — bem, não exatamente doados, mas as pessoas mortas não precisam mais de seus cabelos, então eu gosto de pensar nisso como uma doação. — Você tem mais bonecas?

Suas sobrancelhas sobem e o lábio inferior se torce. — As outras não foi você quem me deu?

Ela está irritando minha paciência já desgastada. — Boneca, de que diabos você está falando? O que você quer dizer com as outras?

Ela se desloca no assento antes de responder. — Alguém me deixou presentes. Eu pensei que todas as bonecas eram presentes seu.

— Como você não sabe quem está dando a você? — meu tom é duro, acusatório.

— Porque elas simplesmente apareceram em casa. — assim como a boneca que dei.

Filho da puta. Se essa merda for de Tanner, eu vou perder todo controle com ele. Ele está me provocando para matá-lo.

— Tem um cara no site de fetiche que está sempre conectado e comentando, — diz ela. — Talvez seja ele.

— Não faça mais essa merda, — eu digo a ela, meu tom grave. — Você é *minha* boneca. — espero por qualquer atitude, mas não há nenhuma. Apenas um aceno em conformidade. — Você se lembra do nome do usuário?

Suas mãos mergulharam na mochila e ela tira o telefone. Com os polegares movimentando rápido, ela traz o site e depois me entrega o telefone. Ela ampliou a tela, no usuário.

Dollkeeper

A poucos metros de distância, a porta da frente de sua casa se abre. Porra, Kami sai e corre para um mini Cooper Pink brilhante.

— Essa é a melhor amiga de Elise, — ela sussurra, caindo no assento.

Oh, eu sei quem ela é.

Seu carro feminino estúpido se afasta, e eu mentalmente me castigo por perder a oportunidade de ter uma boa conversa com ela.

Todos terão retorno no devido tempo.

— Eu deveria estar preocupada com a pessoa que me enviou essas coisas? Ele sabe onde moro. Ele esteve no meu quarto.

Minha atenção é trazida de volta para minha boneca preciosa e eu seguro sua bochecha. — Eu vou lidar com ele.

Ela não pergunta em que isso irá implicar, e isso me faz querer mais dela.

— Vá descansar um pouco. Eu voltarei para você mais tarde.

* * *

Quando chego a The Vault, Tanner já está preparado para mim. Eu o encontro sentado no escritório que me foi atribuído com as mãos em rendição.

— Lamba suas feridas, Monstro. Eu não vou lidar com você estufando seu peito por algo tão pequeno quanto eu ter instalado as câmeras de vigilância. Você precisa se mudar para o século XXI, — ele vomita em mim suas merdas, deixando claro sua posição.

Tão explicativo. Tão defensivo. Tão patético.

Ele sacudiu a gaiola do monstro e cagou quando a corrente quebrou em sua coleira.

Eu sorrio para ele, mantendo minha mão perto do meu peito. Confundindo o pobre bastardo.

— Fico feliz que você tenha gostado do show. — eu encolho os ombros, me movendo em direção a ele e empurrando seus pés apoiados na minha mesa no chão.

Sua feição fria cai, e há um brilho cauteloso em seus olhos. Ele está de pé, e eu me sento - ele manteve a cadeira quente para mim. Ele está sentado aqui esperando por algum tempo.

Poder. Eu tenho - ele não.

Ele me lança algo e pego antes que possa acertar a cara.

Minha tolerância em relação a seus jogos e sua necessidade de me dominar está diminuindo. *Não por muito tempo*, digo a mim mesmo.

— O que é isso? — exijo.

Ele sorri e encolhe os ombros. Uma vez que relaxa, ele assume o personagem que ele sempre usou como uma segunda pele ao meu redor, mas está escorregando cada vez mais.

— Onde está a diversão nisso? Abra. Aprecie. Tenho um compromisso em breve, então vou indo. — com isso, ele valsa, fechando a porta depois que ele sai.

Seus compromissos são entrevistas de trabalho. Por algum motivo, ele gosta de ser o primeiro a ser visto depois qualquer um entre pelas portas de seu clube. A descrição é um componente chave que qualquer funcionário deve possuir quando trabalha para Tanner. Seu clube ficou abaixo do radar da lei até agora por algum motivo. Ele é criterioso sobre quem ele permite trabalhar para ele, e o generoso salário faz com que seus funcionários sejam leais. Seus métodos, em última instância, mantêm sua clientela feliz em saber de que suas identidades e fetiches são guardados por lábios escolhidos a dedo pelo próprio dono.

Tenho observado Tanner em ação. Ele tem uma maneira de testar até o melhor de nós, desvendando nossos vínculos e removendo as camadas uma a uma.

Às vezes, o entrevistado nem chega à cadeira antes que ele os abraça como um sonoro não.

Ele gosta de poder e governa seu império como um verdadeiro líder deveria, mas cometeu um erro.

Eu.

Ninguém é meu dono. Eu sou o mestre da minha própria história, e o mestre dele. Ele ainda não sabe disso.

Ele vai saber.

Em breve.

Rasgo o envelope grande que ele jogou em mim, viro e um telefone celular cai.

Em substituição ao meu? Ele trabalha rápido.

Ao levantar, estudo o pequeno dispositivo. Não há nada além de um vídeo armazenado na memória.

Mais jogos, Tanner?

Ao clicar, meu intestino se contorce.

É um banheiro em algum lugar, e um velho nu está sendo chutado pelo que parece alguns conjuntos diferentes de pernas.

— Levante-o para a câmera, — ordena alguém, e os sons de barulho antes do rosto quebrado e espancado do homem que uma vez eu chamei de pai ocupar toda a tela.

— Solte-o, — a voz exige novamente, e ele cai no chão com um suspiro. A câmera cai, e o tronco de um dos homens cai atrás dele, agarrando um punhado de cabelo e puxando a cabeça para trás.

— Abra-o para mim, — alguém rosna, então empurra seu pau na boca do meu pai enquanto o outro homem que o segura enfia o pau na sua bunda.

Eles o atacam enquanto ele se debate. Eu não sei por que diabos eu preciso ver isso ou qual é o propósito disso. Passo o dedo para finalizar o vídeo quando aquele com o pau empurrando na garganta do meu pai puxa para fora e começa a esfaquear ele repetidamente no pescoço com o que parece uma chave de fenda.

Ele era meu para matar. Por que diabos Tanner faria isso? Por que agora, sem mesmo me consultar primeiro?

Pelo poder.

Um show de seu reinado sobre mim, meu monstro interior adverte, rugindo para mim.

Eu já tenho seu castigo planejado por espionar a minha boneca, mas a intensa necessidade de gritar com ele ricocheteia dentro de mim, atingindo todas as terminações nervosas.

Arghhh.

Eu atiro o celular pela sala, e ele explode em mil pedaços contra a parede, bem como o outro quando eu recebi sua ligação na noite passada.

Ao passar pela minha mesa, saio pela porta e entro no corredor. Ignoro Lucy de pé ao lado do escritório de entrevistas de Tanner e a empurro. Eu também ignoro a morena que ele tem sentada na frente de sua mesa. Seus olhos se tornam loucos para mim do outro lado da sala, enquanto eu dou a volta em direção a sua mesa.

— Não é um bom momento, Monstro, — ele rosna, levantando-se e vindo peito a peito comigo. Ambos estamos respirando duro como dois dragões esperando para voar e queimar tudo abaixo de nós.

— O que diabos foi isso? — exijo com um grunhido.

— Não é a melhor hora, Monstro. — seus olhos travam nos meus, tentando transmitir o que quer que ele esteja pensando.

Bem, adivinhe idiota, eu não leio mentes.

— Eu não sou seu maldito Monstro, — eu disse, raiva borbulhando em minhas palavras. — Eu quero saber o que diabos você estava pensando, — acrescento, observando a visitante sentada dura na cadeira pronta correr caso as coisas explodam na sala.

— O que *eu* estava pensando? — ele ri, desprovido de humor. Inclinando-se, ele pega algo de uma pasta embaixo da mesa.

Ele bate um envelope no meu peito - o que eu tinha postado no correio dias antes para meu pai, me gabando da minha nova boneca.

Filho da puta.

Eu deveria saber que Tanner tinha olhos lá. Ele os tem em todos os lugares.

— Eu fiz o que tinha que fazer para evitar que sua verdade fosse revelada. Você pensa... — ele para de falar no meio do pensamento e se vira para olhar para a menina que ainda está sentada na nossa frente. — Saia, — ele ordena, e ela se põe de pé, correndo até a porta.

Voltando para mim, ele puxa meu peito com o dedo. — Você acha que ele simplesmente ia ficar quieto com essa informação? Que ele não ligaria para ninguém como o tal fodido Dillon Scott? Você sabia quem eram essas garotas que você queria usar contra ele para fazê-lo falar? Ele as amava, ele não deixaria você ficar com nenhuma delas.

Minha cabeça está atordoada com esta informação. Não estava pensando direito quando enviei a carta. Mas ele foi matá-lo sem me perguntar. Um movimento de poder que me manteve na linha. Para me lembrar quem é o rei desse submundo sombrio que ele me trouxe e me manteve seguro.

Estou realmente livre?

Seguro?

Meu próprio monstro?

Se alguém aqui está sempre puxando as cordas, então não estou seguro.

Um punho pesado bate contra a porta, desviando o interesse de Tanner. — O quê? — ele pergunta com dentes cerrados. Eu provoquei a besta. Ótimo.

Lucy se apressa para dentro, seu longo e ondulado cabelo loiro pendurado na frente dos seus grandes peitos espalhados pelo topo de seu top de couro vermelho. — Kami está de volta.

Sua mandíbula relaxa e ele acena com uma cabeça em confirmação antes de virar o calcanhar e sair, mas não antes de me dar um olhar atento.

— Mandei Luke seguir a mulher que estava aqui e você acabou revelando sua identidade na frente dela. Você pode precisar limpar isso, — ele avisa.

— Nada que eu disse poderia fazê-la desconfiar de qualquer coisa.

Ele está paranoico. Ninguém sabe que estou vivo. Eu duvido que alguma mulher tenha ouvido falar do assassino da boneca, e muito menos acho que desconfiariam que eu poderia ser ele. Ele está louco, e não tenho tempo para perseguir uma idiota apenas porque ele me diz que pode ser uma ameaça. Na realidade, ele simplesmente odeia por ter visto que tem dois monstros aqui e ele não foi o vencedor. Ele mostra fraqueza quando ele está comigo.

— Eu vou passar algum tempo com Kami, e não quero ser perturbado, — ele avisa.

Sim... bem, foda-se você.

Foda-se Kami.

Foda-se os dois.

* * *

— Eu já tive o suficiente. Quero me esconder para sempre. Por que não podemos simplesmente ir? — ela pergunta, sua voz um ligeiro lamento na outra extremidade da linha.

Ela vai ter que aprender seu lugar comigo. Esta história dela usar os lábios só funciona quando ela está na minha frente e eu posso morder sua boca espertinha.

— As pessoas vão procurar por você, — eu explico com um grunhido. — Eles não aceitarão que você apenas os deixou sem

motivo. Você tem pessoas à sua procura, como aquele detetive. Ele iria encontrá-la ou tentaria de qualquer maneira.

Ela fica em silêncio por alguns minutos antes de sua voz vacilante gemer na linha. — Você está certo. Elise ficaria como um cachorro atrás de um osso, deixaria todo mundo louco.

Ela não questiona o fato de como eu sei que ela tem um amigo detetive, o que me agrada. Ela já está aprendendo a dinâmica da boneca com seu Mestre. Eu vou tirá-la de tudo, mas quanto menos ela saiba agora para avisar acidentalmente a sua irmã, melhor.

— Descanse, pequena boneca, — eu digo a ela, meu tom sombrio e promissor. — Você vai precisar de toda sua energia para mais tarde.

Eu termino a ligação e atiro meu novo celular na mesa. Eu fiz Lucy pagá-lo de um dos garotos do bar. Meus dedos tocam no laptop que Tanner deixou aberto quando ele fez sua saída dramática. Ele estará muito distraído com Kami agora para pensar sobre isso.

Quero ver seu conteúdo.

Seu sangue decorando minhas mãos e minha faca favorita.

Há um arquivo bloqueado para todas as câmeras, mas já está aberto, então a senha não é necessária. Eu clico na imagem pequena, e ela se expande para caber na tela cheia - as celas que ele fez para eu levar minhas bonecas estão na tela. Eu clico nas setas, e mais ângulos de câmera são vistos. Elas estão em toda parte. Ele consegue assistir minha boneca na minha cama e na cela. Algumas coisas são sagradas. Só para mim.

Clicando em alguns ícones, eu apago todas, exceto uma câmera, e viro-a para encontrar com outro arquivo que ele tem. Eu sorrio. Fui abusado muito novo, Tanner. Eu não posso ser domesticado ou apanhado e moldado pela mão de outra pessoa. O monstro já matou seu mestre anos atrás. Isso não pode ser controlado por outra pessoa.

Deixando seu escritório, eu vou até o bar. — Whiskey puro, — eu digo ao cara que serve.

Um corpo quente se esfrega contra mim, e eu giro para mandar quem quer que seja se foder, mas uma Lucy me olha com seus lábios cheios de batom cor-de-rosa pressionados em uma linha firme. — Cassian está a caminho. — seus olhos azuis se estreitaram. — Ele está procurando por você.

— Ele já terminou com seu pequeno animal de estimação? — eu respondo, tomando todo o líquido colocado na minha frente.

O líquido âmbar me faz lembrar o homem que agora está me procurando. Deixe ele procurar. Deixe ele vir até mim.

— Eu pensei que *você* fosse o seu animal de estimação, — ela retruca, demonstrando desgosto em suas palavras.

Movendo-me muito rápido para ela, e alcançando a faca com que ela sempre brincava, minha mão se fecha em torno de sua garganta magra enquanto eu a apoio contra um pilar. — O que você disse?

Ela não luta contra mim. Seus olhos estão em chamas enquanto ela sufoca. — K-Kami teve que sair. Elise ligou chorando para falar sobre o estado de sua irmã.

Eu a solto, e ela engasga, esfregando onde minhas mãos estavam. — O que você quer dizer com o estado da irmã dela?

— Aparentemente, seu novo namorado bateu nela, mas ela não fala nada.

Elise, sempre a rainha do drama.

E ela apenas me fez um favor sem sequer.

— Benjamin, — Tanner sopra, ganhando mais do que apenas minha atenção. Descuidado.

Saio do bar sem mais uma palavra para Lucy e sigo Tanner de volta ao escritório. Ele fecha seu laptop, e os pelos do meu corpo se arrepiam, fazendo-me hiper-ventilar. Um toque de energia nervosa dança sobre minha caixa torácica enquanto espero para ver se ele percebeu a merda que acabei de fazer com o computador. A raiva irradia dele como se ele fosse radioativo e prestes a explodir.

— Luke ligou, — ele finalmente fala e eu relaxo. Ele não viu.

— E?

Luke é o pau mandado que tem o trabalho de merda de seguir as pessoas e ficar de olho nelas. O garoto também é muito bom em piratear computadores.

— Aquela mulher que eu estava entrevistando quando você entrou e teve seu surto.

Eu deixei seu insulto se juntar à coleção de merdas que Tanner fez para me irritar e pagará mais tarde.

— Desembucha, — eu rosno.

— Não, — ele avisa, levantando um dedo para mim. — Isso é sério. Ela foi apanhada no centro por um Marcus James, o parceiro de Dillon Scott.

Meu comportamento agressivo diminui.

Porra.

Filho da puta.

Merda. Porra.

— Uma policial? Então, ela é uma deles?

Sua mandíbula se aperta. — Parece que sim. Luke está vasculhando seu arquivo agora, mas isso não é um bom sinal.

Eu estalo meu pescoço e olho para ele. — Não há como ela me reconhecer ou até desconfiar de mim. Dillon me matou. Ele não tem motivos para pensar o contrário.

— É melhor você esperar que seja verdade, — diz ele. — Estou esperando que meu informante me ligue com alguma informação. Ela precisará ser tratada, Benjamin.

Sim, como todos. Não há dúvida de que esta é a razão pela qual ela foi enviada aqui, em primeiro lugar. Provavelmente por Dillon, para farejar um criminoso. Tanner elimina qualquer um que seja uma ameaça para ele, por menor que seja a ameaça. Apesar disso o fazer parecer mais culpado, ele vai *lidar* com ela imediatamente.

— Tenho uma reunião para coletar a segunda remessa da compra da Law. Eu quero que ela você lide com ela antes de eu voltar. Vou encaminhar qualquer informação que você precise. Você precisa de outro telefone celular? — ele ri de mim.

— Não, Lucy me conseguiu outro. Consiga o número dela. — e com isso, eu saio.

Tenho trabalho a fazer.

Diversão.

Vingança para infligir.

Bonecas para punir.

Capítulo dezessete

Novo

DILLON

Jade deu um alarme falso, algo chamado Braxton Hicks³, ou algo assim. Tudo o que sei é que não preguei o olho preocupado com ela e com o bebê que ia nascer. Deixá-la nesta manhã depois que ela me acusou de ser exagerado era a última coisa que eu queria fazer, e a mensagem da minha mãe me dizendo que ela chegou em casa traz um sorriso aos meus lábios. Jade não ousaria acusar minha mãe de ser arrogante, então adivinhe quem ligou em reforços assim que eu saí da casa?

Entro no recinto e meu estômago cai quando Marcus vem se aproximando de mim, um brilho tenso sai de seus olhos. Os cabelos escuros, normalmente penteados, que o fazem parecer que um dessas celebridades na televisão, esconde seus olhos. Ele não está de brincadeira. Um pânico cintila nos seus olhos cinzentos.

— Eu nem tomei café, — eu aviso.

— Josey fez algo estúpido, e sem permissão. — ele envia um olhar mordaz sobre o ombro para uma Josey encolhida, que está escondida atrás de um copo, uma porra de uma xícara de café, eu aposto.

Passando por ele e indo direto para ela, tiro o copo da mão e aponto para a porta. — Vá para casa.

Ela levanta a cabeça, depois revira os olhos. — Você ainda não ouviu o que eu fiz.

— Eu não preciso. Esta será a minha reação depois de ter ouvido.

³ Contrações de treinamento.

— Tudo bem, — ela cutuca. — Mas eu fiz bem, e você pode me agradecer quando você perceber isso. — ela puxa uma jaqueta passando por Marcus e empurra as portas duplas para sair.

— Eu sinto muito. Eu não fazia ideia de que ela faria qualquer coisa sem permissão, — ele suspira, passando a mão por seus cabelos escuros. Pelo menos agora eu sei por que ele ficou desordenado.

— Você parece uma merda, — eu digo a ele, assoprando a bebida que confisquei. É amargo e faz efeito rapidamente.

Sua mandíbula desalinhada aperta, e ele me pisca um olhar dolorido. — Lisa ainda está ignorando minhas chamadas e ela não voltou para casa. — o filho da puta parece com coração partido, e eu me sinto mal pelo cara.

— E o seu trabalho? — sugiro. — Apareça lá.

— Ela está na faculdade, — ele admite, suas bochechas ficando coradas de vergonha. — Eu achei que tinha dito isso.

— Você me disse que ela tinha vinte e cinco anos, — resmunguei.

— Oh, ela tem, — ele diz rapidamente em defesa. — Ela fez algumas viagens, então entrou mais tarde na faculdade.

Já estou aborrecido. — Então, o que Josey fez? — eu pergunto agora que estou com cafeína.

— Ela foi até The Vault. — ele murmura.

Cristo.

— Ela disse que um cara chamado Tanner a entrevistou e teve uma discussão com um cara que ele chamou de Monstro bem na frente dela.

Quem é Tanner, porra?

— De qualquer forma, ela disse que tirou algumas fotos discretas para que possamos ver se nosso Cassian Harris é quem estamos procurando.

Quem chama alguém de Monstro?

— Scott, — Graham grita de seu escritório, me chamando com a mão.

Por que os caras que mexem com tecnologia são tão estranhos? Muito inteligência para seu próprio bem deve ser difícil em suas habilidades sociais.

— Consiga as fotos, — peço a Marcus, que vai direto para o telefone, dizendo a Josey para enviar as suas imagens por e-mail.

— O que você conseguiu para mim? — pergunto a Graham, me sentando na ponta de sua mesa.

— O endereço IP que você queria que eu rastreasse?

— Sim. — eu aceno com a cabeça, querendo que ele continue. Eu precisava acalmar a mente da minha esposa e rastrear o pervertido obcecado com a pequena Beth.

— Vai para um computador lá. — ele toca o dedo sobre a tela do computador.

Oh não.

Eu verifico para ter certeza de que estou vendo isso direito.

The Vault.

Cristo!

Meu celular vibra, e eu o retiro do bolso. O nome de Elise pisca na tela. — Ei, garota.

— Dillon, você pode me encontrar em algum lugar que não seja em casa? Estou tão preocupada com Beth, e com o minha amiga Kami, que deveria ter chegado, mas não chegou. Eu não sei o que fazer, — Elise relata rapidamente. — Eu não quero preocupar minha mãe quando ela tem tanto trabalho e...

— Elise, acalme-se, — eu interrompo. — Eu vou encontrá-la na Rosa's Coffee House na esquina da rua Main com a Rua Três.

Ela solta um suspiro aliviado. — Ok. Obrigada.

— Vinte minutos?

— Vejo você então. Tchau.

Maldita seja, essas mulheres na minha vida vão me enterrar antes do tempo nesse ritmo.

— Marcus, vamos.

* * *

— Você quer me dizer para onde vamos? — pergunta meu parceiro, esticando uma mão sobre seus olhos. Ele está tenso pra caralho. Este cara precisa colocar sua vida amorosa em ordem. Rápido.

— Eu preciso entrar e ver Elise, então vamos ver o Sr. Harris no The Vault.

Sua cabeça se vira e ele admirado se desloca em seu assento. — Você conseguiu algo?

Eu retiro meu celular do meu bolso e entrego para ele. — Olhe para a primeira imagem na seção de imagem.

Pegando o telefone, ele mexe. — Fofa, mas não entendo. — ele vira a tela, mostrando-me MJ usando os saltos de Jade e arrastando sua bolsa gigante. Franzindo a testa, pego o telefone. Depois que eu estaciono na frente do café, deslizo a tela, entregando de volta para ele com o nome de usuário e alguns dos comentários feitos por Dollkeeper uma das imagens de Beth.

— O usuário é do The Vault, — eu digo a ele. — Quão fodido isso é? Todas as estradas levam a esse Harris. Tem que haver uma razão para isso.

Saio e ando os poucos metros em direção ao café, parando quando percebo que Marcus ainda está no carro olhando para o meu telefone.

Maldito inferno. Se ele estiver olhando para a foto da Beth, eu vou dar um soco naquele filho da puta.

A porta do carro se abre quando Elise sai da cafeteria carregando duas xícaras. Ela me vê e sorri.

— Isso é uma piada? — Marcus grita, segurando o celular.

Os cafés nas mãos de Elise caem no chão e a porra do líquido quente respinga em minha perna, fazendo-me gritar.

Meus olhos se arrastam da bagunça no chão até Elise, que está segurando as mãos sobre a boca. Sigo o seu olhar para Marcus, atordoado.

— O que está acontecendo? — pergunto cautelosamente.

— Essa não deveria ser minha pergunta? — Marcus pergunta, incrédulo e furioso fazendo com que sua voz trema. — Que merda é essa? E como você conhece Lisa? — ele ainda está segurando meu celular e falando comigo, mas olhando para Elise.

Estou tão confuso, sinto que acabei de cair na zona crepuscular e porra nenhuma faz sentido.

— Eu sinto muito, M-Marcus, — Elise gagueja, com lágrimas brotando em seus olhos castanhos.

Eu olho entre os dois.

— Marcus, esta é Elise, como Elise e Elizabeth, as meninas gêmeas de Stanton. — eu quero chacoalhar ele para que ele comece a fazer sentido.

Sua boca abre e depois fecha. Com o rosto torto, ele se dobra, então volta e se vira, xingando.

— É melhor alguém começar falar, — rosno.

— Eu menti para você. Quando eu vi você e quando você não me reconheceu... fiquei triste, mas então me animei. Eu tinha uma paixão por você desde os dez anos de idade, — ela diz, agitando as mãos animadamente.

— Como você não pôde reconhecê-la? — pergunto, estupefato.

Suas mãos se dirigem para seus quadris enquanto ele olha para ela com névoa em seus olhos. Balançando a cabeça, ele olha para mim. — As gêmeas tinham cerca de treze anos quando as vi pela última vez, e quando digo que as vi, quero dizer brevemente, de passagem. — ele abre os olhos, como se ele tivesse se dado conta de algo. — Oh Deus. Quantos anos você realmente tem? Oh Deus, Lisa.

Lisa?

De jeito nenhum. Marcus e Elise. Ele poderia ser seu pai se ele tivesse tido filhos mais novo. Escola secundária talvez, mas ainda assim. Porra, como ele não poderia saber?

— Tenho dezenove anos. Eu não faria isso com você, — ela assegura, e eu me sinto mal com a imagem não amigável de Marcus e a pequena Elise piscando na minha mente. Jade vai perder a cabeça por isso. Ela ama Marcus e ficou tão feliz que ele finalmente estava tocando

a vida pra frente. Eu não teria coragem de dizer a ela que havia problemas no paraíso.

— Não posso lidar com isso. Isso é sacanagem, — ele responde, seus olhos cinzentos se tornam duros com raiva. — Você passou dos limites, eu nem tenho palavras para você agora.

Um soluço escapa da garganta dela.

— Eu estarei no carro, — ele rosna para mim antes de fechar a porta.

Perfeito.

Um barman espia a cabeça pela porta e olha para a sujeira que Elise fez na calçada. — Eu vou limpar isso. Você quer que sejam substituídos?

— Não, obrigado, — eu grito enquanto levo Elise para longe da bagunça e a tiro do olhar escaldante de Marcus. — Eu nem sei por onde começar com isso, Elise.

— Eu sinto muito. Eu terminei com ele porque ele queria que eu conhecesse você e eu sabia que tinha ido longe demais, — ela soluça, fazendo um som estranho.

— Muito longe você foi desde o começo quando você contou pequenas mentiras para enganá-lo. — eu puxo a ponta do meu nariz em frustração.

— Você também está com raiva de mim?

Malditas garotas. Quando MJ for adolescente, eu não permitirei que ela fique fora da minha vista. Esta merda é demais. Meninas são pequenas merdas tortuosas.

— Não estou feliz, — grito. — Vá para casa, Elise. Eu vou parar lá depois do trabalho e podemos conversar então. Todos nós.

Ela acena com a cabeça, e eu dou um abraço e um beijo rápido no topo da sua cabeça antes de deixá-la lá. Abrindo a porta do carro, me sento e fico em silêncio por alguns minutos. Marcus passa meu celular de volta para mim, balançando a cabeça.

— Como eu pude ser tão estúpido? Tão cego?

Eu encolho os ombros e solto um suspiro. — Este é um novo território para mim, cara. Eu não sei o que ela estava pensando, e eu

realmente não sei como eu me sinto sobre isso, só que é muito estranho.

Ele engole e me dispara um olhar dolorido. — Eu me sinto como um perverso. Ela é apenas uma criança. Vinte e cinco já era um problema, mas achei que valia a pena, entende? E agora... porra, — ele resmunga quando bate seus punhos no painel. — Eu tenho vinte anos mais que ela, pelo amor de Deus!

— Depois que o choque passar, você pode reproduzir as coisas e pensar racionalmente. Ela brincou com você, Marcus. Você não é o culpado.

Seu maxilar se aperta quando ele olha pela janela, descartando qualquer coisa que eu tenha a dizer sobre o assunto.

* * *

Chegamos a The Vault e Marcus ainda não é ele mesmo. Eu o peguei há pouco atrás, depois de uma pausa para o almoço de três horas para ele colocar a cabeça no lugar, o que me deu uma chance de verificar Jade e MJ e realmente almoçar com elas pelo menos uma vez. Eu queria dizer a Marcus para tirar o resto do dia de folga, mas eu preciso de sua cabeça fria quando entramos no The Vault. Cassian Harris me irrita e me faz querer estrangulá-lo até que sua atitude sarcástica saia da sua bunda.

— Você pode esperar aqui? — pergunta uma jovem. Seu rosto está tenso e vermelho brilhante. Ela está nervosa e fora de sua si. — Onde está Lucy? — ela assobia para outro empregado, que encolhe os ombros.

— Eu não sei. Ela não volta até mais tarde, — ele avisa.

Ela olha para o teto, depois puxa um rádio de um clipe no quadril. — Qual a sala que ele disse? — ela pergunta na linha.

Marcus se irrita e dança seus olhos para o cara passando por nós com uma bandeja de bebidas. — Ei, cara, você viu Monstro? — Marcus pergunta, e pelo seu tom e hesitação, eu sei que ele se sente como um idiota por usar o nome Monstro.

O garoto olha para a porta atrás de mim, depois para Marcus. — Eu acho que ele não chegou ainda. Me desculpe, quem é você?

— Ninguém, — eu respondo por ele. — Saia daqui garoto.

O garoto me olha, depois de volta para Marcus antes de se virar e desaparecer pelo corredor.

Eu foco meus olhos na menina andando pelo chão, a alguns metros de distância, falando animadamente no rádio. Forçando a maçaneta da porta atrás de mim, sorrio para Marcus quando ela gira sob minha mão. Abrindo-a, escorrego para dentro e observo a decoração simples, e a mesa medíocre. Nenhuma foto pessoal. Meus olhos caem para um telefone celular quebrado no chão. Abaixo e coloco no bolso e pegando o cartão SIM antes de Marcus estar de pé na entrada, me chamando para sair.

Eu mal passei pela porta antes que a mulher esteja parada, estreitando os olhos para mim. — Esse não é o escritório certo, — ela morde.

— Foi mal. — eu sorrio.

— Okay, certo.

Ela nos conduz para o outro lado do corredor até outra sala, um escritório diferente do que falamos pela primeira vez com Cassian, e assim como o outro, apenas um espaço muito maior.

— Senhores, o que posso fazer por você? — pergunta ele, parando de sua cadeira e gesticulando para que nos sentemos. Uma vez que estamos sentados, ele se abaixa de volta para sua própria cadeira.

Seu foco está dividido entre nós e um laptop na frente dele. Estou prestes a abrir minha boca quando seu corpo fica rígido. Suas mãos tremendo, ele puxa a tela para mais perto de seu rosto e sacode a cabeça, passando por nós como um demônio da Tasmânia.

— O que foi? — Marcus faz a pergunta rondando a minha cabeça.

Levanto-me, dou a volta na mesa, olhando para a tela para ver o que o assustou. Uma mulher nua e coberta de sangue dentro do que parece uma cela de vidro. Paro atrás dele. Um tumulto me atrai para sua localização. Ele ruga de dentro de outra sala e vem atravessando a porta. Eu percebo um vislumbre de uma caixa de vidro vazia através da fresta cada vez menor à medida que a porta se fecha.

— O que diabos é isso em seu computador? — eu rosno enquanto ele passa por mim. Agarrando-o pelas lapelas de sua jaqueta, eu o paro antes que ele possa passar por mim. Seu corpo fica rígido em meu controle. Ele é pesado e não é fácil de manipular para virar para onde eu o quero.

— Solte-me agora, antes de se arrepender de respirar, — ele ferve, e seu olhar cobre seus traços, transformando-o. Ele nem se parece humano.

— Você não vai sair até me dar as respostas, — eu aviso.

— Então me prenda detetive, ou tire suas mãos de mim.

Eu o solto, e ele empurra os ombros antes de puxar o paletó para arrumá-lo. Ele está fora da vista antes que eu possa seguir.

— D, — Marcus diz, e ele está sombrio pra cacete.

— O quê?

— A casa de Josey. Houve uma invasão e ela não está lá. Há sinais de luta, — ele me diz, a cor em seu rosto desaparecendo.

— Verifique as imagens que ela enviou por e-mail, — eu estalo, correndo para sair desse lugar fodido.

No caminho para o carro, eu já estou mexendo com o meu celular, tirando meu cartão SIM e inserindo o que recuperei do escritório, esperando que ele tenha algo substancial o suficiente para levar Cassian à delegacia.

Eu preciso o espremer. Quebrá-lo. Descobrir por que seu nome continua aparecendo junto com seu maldito clube por todo o lugar ultimamente.

— Está vazio, — eu rosno, fechando a porta do carro. Abro as mensagens. Nada. Contatos. Vazio. Imagens. Um vídeo.

Eu clico sobre ele e quase vomito minhas tripas.

Como essa porra não foi relatada para nós?

Arrancando o celular de Marcus de sua mão, eu disco o número da prisão e passo por quatro departamentos diferentes antes de finalmente chegar ao certo. Esses caras são uns idiotas?

— Eu quero uma atualização de um preso. Steve Stanton. Imediatamente.

A mulher na linha faz um som de frustração. — Desculpe, detetive Scott. Stanton já não é um prisioneiro aqui. Os detalhes foram enviados por fax para o seu departamento.

Eu termino a porra da ligação. A tela de e-mail surge quando Marcus olha através de seus e-mails e as imagens me encaram de seu minúsculo foco. Uma acidez queima através das minhas veias.

Não.

Não.

Impossível.

Não.

Ampliando a imagem, eu posso ouvir Marcus dizendo meu nome ao fundo.

A porra do mundo dando voltas.

Não.

Não.

Não.

Estou sonhando. Estou preso em um pesadelo que ressurge uma e outra vez.

Olhos castanhos que eu nunca esquecerei.

Benny.

Ele está diferente, mas é o mesmo. Um novo corte de cabelo. Barba desalinhada no rosto. Tatuagens.

Não.

Não.

Não.

Monstro. O vídeo de Stanton em um telefone de seu escritório. Todas as conexões de volta para o The Vault.

Monstro é o fodido Benny.

Como?

— Ligue para Elise. Diga-lhe para que ela saia da casa e vá para a delegacia, — ordeno, minhas palavras soando distantes para os meus próprios ouvidos.

— O que diabos está acontecendo? — ele bufa.

— É ele. É Benny, — gaguejo, derrubando o telefone e ligando o carro. — Eu preciso chegar até Jade.

Ele já está no seu telefone. — Elise, pegue sua irmã e me encontre na delegacia. — ele amaldiçoa. — Não, maldição, faça isso agora. — uma pausa. — O que você quer dizer? Bem, mande mensagem para ela se encontrar com você.

Ele olha para mim, o medo, a confusão e o alarme escritos por todo o rosto que combinam com os meus. — Elise não está em casa. Ela vai ligar para Beth.

Porra.

Pego seu celular e digito o número dela. Apenas toca. Digito uma mensagem rápida.

Eu: Seu novo namorado é Benny. Ele é seu fodido irmão e perigoso. Saia da casa agora. Estou enviando uma unidade para pegar você.

— Ligue e mande alguns policiais para a casa de Elizabeth, — falo para Marcus enquanto estaciono na frente da minha casa. Eu puxo o freio antes de jogar o carro no jardim e correr até a entrada, estourando pela nossa porta da frente que não está trancada.

Jade acha que está segura.

Ela sempre estará segura.

Nós o matamos.

Mas... nós não conseguimos.

Porra.

— Dillon, — grita Jade, me repreendendo por explodir pela porta e assustá-la. Eu vou até MJ enquanto ela anda em minha direção e pego Jade, puxando-a contra meu peito.

Ela vem de bom grado, sentindo minha necessidade, minha urgência de senti-la, cheirá-la.

— Você está me assustando, amor. O que é? — ela respira contra mim. Eu não quero dizer a ela. Não quero arruiná-la. Quebrá-la. Mas eu não posso mentir para ela. Seu mundo está prestes a desmoronar em torno dela, e não tenho certeza se vou poder encontrá-la e trazê-la de volta do abismo.

— Dillon, — ela chama, sua voz se quebrando.

Porra. Sinto muito, baby.

— É Benny.

Capítulo dezoito

Não testado

BENNY – BENJAMIN – MONSTRO

Eu envio o link para Tanner e sorrio mais ao ver Kami agora ensanguentada. O ambiente irá dizer a ele que ela está em seu escritório, mas ela não está. Ela está aqui no bunker que ele construiu para mim e encheu de fodidas câmeras espiãs. Foi fácil trazer a puta até aqui. Ela pode ser uma boa lutadora, mas ela é pequena, e eu tenho muita prática com as mais agressivas.

Minha boneca suja gostava de me provocar.

Minha mente vagueia quando Kami percebeu o que estava acontecendo e quem a tinha pego. O seu pesadelo, pior pesadelo.

— Deixe-me sair daqui. Agora, — ela grita, batendo o punho contra a parede clara.

— Não, — eu provoco.

— Cassian não vai deixar isso acontecer. Eu sou dele.

Eu ressoo em resposta. — Bem, ele é meu, e ele foi impertinente.

Ela chuta e grita um pouco, e aprecio sua fúria. A força dela diminui com a explosão, e ao olhar no olho dela quando ela aceita que Cassian não vai conseguir mantê-la segura...

Eu me preparo enquanto destravo a porta da cela e entro. Ela corre contra mim, braços preparados para uma luta. Pena que ela não seja páreo para mim. Eu desfiro um golpe brutal ao lado de sua cabeça, derrubando sua bunda magra. Seu corpo cai no chão como uma carne preparada para uma faca de açougueiro.

Arrancando todas as suas roupas, pego seu corpo cheio de cicatrizes, tanto novas quanto antigas. Contusões de cores variadas

fazem sua pele parecer uma colcha de retalhos. Ela geme, seus olhos se abrem. Ela franze as sobrancelhas antes de se lembrar, faz com que suas pupilas se expandam em aviso.

Seu pé começa a chutar contra mim.

Boa tentativa, puta.

Pego seu pé e torço até ouvir o estalo de seus ossos. Seu grito é de outro mundo enquanto ela urra de dor. A cadela idiota tenta se afastar de mim, mas ela está manca agora. Com um tornozelo destorcido, ela rasteja. Seus movimentos são lentos e cheios de dor. Eu vou me certificar que ela nunca consiga fugir. Agarrando seu outro pé, torço-o também, esmagando e estalando sob sua carne fazendo meu coração pular de alegria. Ela grita e vomita dentro da sua cela. Com dois tornozelos quebrados, ela não poderá mais chutar. E se ela continuar agindo como uma puta, também vou quebrar os pulsos.

Ao ver a raiva e o ódio nos meus olhos, ela se afasta de mim. Essa cadela era corajosa como uma merda quando seu precioso Tanner a seguia como um cachorrinho perdido. Ela não é páreo para mim ou minha fúria.

Esses dois idiotas foderam comigo.

Agora vou fazer o mesmo com eles.

— O-o que você vai fazer? — ela exige através de suas lágrimas, sua fúria borbulhando abaixo da superfície. Eu quero toda sua coragem destruída. Vou rasgá-la, pedaço por pedaço.

— Você acha que eu vou te estuprar, sua cadela suja? Violar seu cu usado? — eu pergunto com espanto.

Seu olhar escurece. — Vá se foder.

Eu a agarro pela garganta e aperto. Ela me agarra, mas empurrões forte contra a parede da cela faz com que ela ceda ao meu controle. Solto sua garganta e olho para seu corpo inútil. O sangue da parte de trás da cabeça mancha o vidro. Ao arrancar minha faca do meu cinto, eu a arrasto pelo interior de sua coxa até que ela acorde. O corte não é profundo, mas é suficiente para lembrá-la da gravidade de sua situação.

Os olhos dela são largos enquanto ela tenta se afastar de mim. Não há para onde ir, boneca idiota. Eu passo a palma da minha mão esquerda ao longo de sua coxa ensanguentada, e ela me amaldiçoa

antes de ficar selvagem mais uma vez. Giro-a no meu controle e a coloco no chão com a cara para baixo.

— Você perdeu, — eu grunho contra a concha de sua orelha enquanto ela se debate.

— Ele vai te matar, — ela avisa. — Vá se foder!

Com isso, eu rio e empurro meu joelho entre suas coxas. Ela grita e se contorce. Com a mão na lâmina da minha faca perto da base, eu provoco sua buceta com o punho.

— O que é, boneca idiota? Você quer que eu foda você?

A cadela é agressiva como minha boneca bonita já foi. Ela gosta de uma boa briga, mas tudo acaba no momento em que eu empurro a alça da faca para dentro de seu buraco sujo. Um som estrangulado derrama dela, saturando minha alma com satisfação.

— Isto é o que a derrota proporciona, — respiro contra os cabelos quando eu brutalmente a fodo com o punho da faca. A lâmina escava na minha palma, sem dúvida cortando, mas gosto da dor. Seu corpo fica mole mais uma vez.

Boneca idiota não aguentou, foda-se.

Não tão durona assim.

Com um grunhido de irritação, arranco a faca de sua buceta e olho para ela. O sangue de sua coxa está em toda parte, e agora escorre da sua buceta usada. Eu sorrio, sabendo que Tanner vai ficar irritado se eu colocar meu pau dentro dela.

Meu pau é para Bethany, mas ele não precisa saber disso.

Chegando para frente, eu corro meu dedo ao longo da coxa em seu sangue. Quando passo minha língua lambendo o líquido metálico, franzo o cenho. Ela não é deliciosa como a porra da minha boneca bonita e nova. Bethany é doce, mas pecaminosa. Decadente. Perfeita.

Esta cadela tem o mesmo gosto de qualquer uma.

Sabendo que Tanner já deve ter descoberto a câmera por agora e vindo para cá, eu fecho a cela da boneca idiota e saio para ir atrás da minha outra boneca esperando por mim no porta-malas. Eu mal posso esperar para ver o olhar no rosto de Tanner quando ele vir sua preciosa garota nas novas celas que ele criou e a surpresa quando ele perceber

que ele terá que viver ao lado dela. Boneco irritado ficará positivamente furioso. Eu rio em voz alta, imaginando seu rosto vermelho de raiva.

Depois de drogar Kami e levá-la no porta malas, fui para a policial. Ela foi fácil de pegar, mas muito fácil para uma policial. Eu a joguei com Kami, mas ela ainda estava desmaiada quando cheguei ao bunker, o que facilitou pegar a cadela arredia e trazê-la pra cá sem ter que me preocupar com a policial também.

A boneca policial se agita quando abro o porta-malas, mas não o suficiente para causar problemas. Puxando-a, levo para a cela à direita, deixando a do meio vazia. Deito-a no chão e me pergunto se eu devia me divertir com ela também, mas ela é mais de um 'foda-se' se ela estiver viva quando *ele* chegar.

Eu verifico meu relógio e giro meus ombros. Tanner estará aqui em breve. Eu posso sentir isso. É isso. O momento para mostrar quem é o jogador aqui, quem tem o poder.

Eu passo pela porta da cela, e logo atrás há prateleiras alinhadas com produtos enlatados. Rapidamente, envio uma mensagem para a minha boneca, dizendo a ela que nós vamos nos ver esta noite e estaremos prontos. Ela não responde imediatamente, e espero que seja porque ela esteja dormindo e estará bem descansada e preparada para mais do meu amor. Pensei que teria que improvisar com ela, mas ela não é como as outras. Ela não precisa ser trancada. Ela é leal. Perfeita. Minha. E ela pode ficar fora de sua cela o tempo todo se ela permanecer assim.

Meu coração começa a correr quando ouço a abertura do trinco seguido de pisadas e vozes chamando Kami. Ele realmente gosta dessa puta. Espero que ele goste de olhar para ela agora que eu já brinquei bastante com ela. Bem feito. Ele cruzou uma linha.

Você gosta de jogos?

Você gosta de assistir?

Ele não percebeu que eu me escondi em sua busca frenética por ela e para de frente para as celas. Seu punho esmaga contra a cela que Kami está jogada no chão, mas ele não é páreo para o vidro espesso.

— Kami. — sua voz quebra, e o orgulho irradia de mim como um sol quente. Ele tenta abrir a porta com sua chave, mas ele não consegue. O idiota deveria saber que essa seria a primeira coisa que eu faria, trocar as fechaduras. Me movendo atrás dele, eu empurro suas

costas. Ele está tão distraído com sua miséria, que cai, desprevenido e tropeça para a cela do meio aberta. A realização o atinge com o som da porta fechando e sendo trancada, meu rosto encarando-o através da parede opaca.

— Você pode assistir sua preciosa Kami o quanto você quiser agora. — eu sorrio.

Ele esmaga seu punho fechado contra o vidro, mas, novamente, ele é impotente contra ele. — Não faça isso, Benjamin. Eu te dei tudo. — ele respira profundamente, fechando os olhos.

— Mas não foi a toa, foi? Foi tudo um jogo pra você, e isso tem um custo.

Ele aperta a mandíbula. — Por que machucar Kami? Você a...

— A estuprei? — um sorriso enrola meus lábios. — Ela era o preço. Sua dívida. Você pensou que poderia jogar com minha boneca e eu permitiria isso? Você me conhece mais do que isso, — eu zombo.

— Eu ajudei você com ela! — ele grita, sua máscara de controle escorregando.

— Me espionando? Interferindo, porra? E os presentes e os bilhetes? Os comentários nojentos na página dela? Você pensou que eu não saberia que era você? — eu grito. — Eu pedi para seu próprio homem, Luke, rastrear o endereço IP. — marchando, eu pego o iPad da mesa e pressiono contra a cela. — Ele indicou o clube. Até você!

Seu rosto se contorce, então todas as linhas se diluem, e o olhar gelado que ele me dá, faz com que meu interior se solidifique. — Isso não é meu, Monstro.

Capítulo dezenove

Agora

ELIZABETH

— Mamãe está vindo para casa cedo de sua viagem, — Elise ferve, lágrimas quentes derramando pelas bochechas vermelhas.

Não vou estar aqui.

Eu vou estar com ele.

Quando falei com ele no telefone mais cedo, ele prometeu que não teria que esperar muito.

— Bom para ela, — eu respondo.

Isso faz minha irmã chorar ainda mais. — Você... você caiu no fundo do poço, Beth. Primeiro, foi o site, depois se vestindo como uma boneca em público, e agora? Agora, você tem um namorado sádico que abusa de você. Você precisa de ajuda.

— Você está grávida ou alguma coisa assim? — eu silvo com fúria. — Tudo o que você faz hoje em dia é chorar.

Seus olhos cor de avelã se expandem com horror. Chame isso de intuição gêmea, mas tenho a sensação de que eu possa ter atingido um prego na sua cabeça. Assim como ela descobriu que meu namorado é um sádico. Destraidamente, eu passo os dedos no curativo da minha garganta que não para de vazar sangue através da gaze. Quando mamãe chegar em casa, talvez eu tenha que pedir para ela dar ponto para mim.

— Você se tornou cruel, — ela soluça.

Eu olho para ela. — Eu? Você sempre foi cruel. Talvez eu finalmente tenha crescido e queria parar de viver em sua sombra estúpida.

Ela gemeu, como se eu a atingisse. Se ela continuar com essa merda, eu vou bater nela. Não aguento vê-la chorar mais. Indo ao meu quarto, eu começo a jogar coisas na minha mala cor-de-rosa. Agora que eu sei que as outras bonecas não vieram do Mestre, eu não as quero. Eu pego a boneca bonita com o cabelo castanho e sedoso e coloco na bagagem, mas abandono o resto. Além disso, eu jogo também meu caderno, meus muitos vestidos feitos à mão e minha maquiagem. O que não pego são minhas pílulas anticoncepcionais. Eu não quero mais. Os soluços de Elise penetram o ar ao meu redor, e eu paro para ouvir. Parece que ela está falando com alguém no telefone. Provavelmente com Dillon sobre mim. Meu telefone zumbe, e eu gemo. Espero que seja Dillon, mas encontro uma mensagem de Jade.

Jade: Eu pensei que talvez você e eu pudéssemos ir almoçar um dia antes do bebê chegar. E ter uma conversa de meninas. Dillon entrou no modo pai e eu sei que pode ficar irritante. Eu adoraria ver você e levá-la para algum lugar especial.

Eu amo Jade. Eu realmente amo. Mas eu sei onde querem chegar. Eles estão vindo para mim de todos os lados. Uma intervenção. Eu não estou interessada.

Eu: Claro. Parece divertido.

Prefiro mentir a dizer a ela que não vou. Nunca. Logo, Mestre estará aqui para mim, e estaremos juntos em seu bunker longe do mundo. Vamos fazer amor e eu serei toda sua. Para sempre. Eventualmente, eu ouço a porta da frente bater e o motor de Elise disparar na entrada. Assim que ela sai, solto um suspiro de alívio.

Arrasto minha mala no andar de baixo e a coloco perto da porta, querendo estar pronta para sair no momento em que ele estacionar aqui na frente.

Fico surpresa quando a campainha toca, mas meio segundo depois, um sorriso toca os meus lábios quando eu arrumo o vestido e me preparo para vê-lo. Quando abro a porta, fico triste por ele não estar aqui ainda.

— Elizabeth Stanton? — pergunta uma mulher loira bonita.

— Sou eu. — eu franzo o cenho confusa. — Eu conheço você?

Seus olhos azuis se iluminam e ela brilha. — Eu sou uma amiga do Monstro. Ele está um pouco atrapalhado com alguns amigos e me

pediu para buscá-la por ele. Você está pronta? — ela move a minha mala na entrada.

A apreensão me inunda. — Hum... sim. Ele não me disse que alguém viria por mim. — pego meu telefone para enviar uma mensagem para ele, mas ela me interrompe com uma risada.

— Você conhece os homens. Eles não podem planejar a merda toda. Não se preocupe, — ela sussurra, seus olhos azuis vibram com diversão. — Eu sei tudo sobre seus segredos, linda bonequinha. E seus segredos estão seguros comigo.

— Oh, — eu murmuro.

Quando ela chega perto de mim, eu me inclino, e ela simplesmente ri. — Deixe-me olhar isso, querida. Parece ruim. — eu tiro a bandagem do meu pescoço. Seus olhos escurecem, e ela lambe seus lábios voluptuosos de maneira faminta. — Esse corte precisa ser cuidado. — ela enfia o dedo no buraco e eu grito. — É profundo.

Minhas mãos tremem enquanto eu dou um passo longe dela. O sangue quente corre pelo lado do meu pescoço, escorrendo no meu decote. Assim que o meu telefone começa a zumbir, leio a mensagem, esperando que seja o Mestre me dizendo que ele está a caminho. O que eu vejo me confunde. Eu fico em estado de choque.

Dillon: Seu novo namorado é Benny. Ele é seu fodido irmão e perigoso. Saia da casa agora. Estou enviando uma unidade para pegar você.

Benny?

Benny morreu. Ele queimou no...

Minha mente corre mais rápido do que as batidas do meu coração em meu peito.

As cicatrizes sob a tatuagem do monstro?

Elas não são de um acidente de carro.

Elas são queimaduras. O monstro esconde cicatrizes de queimaduras.

Meu Deus.

Meu irmão.

O mestre é Benny?

Eu pisco várias vezes em estado de choque, esperando que o desgosto venha. A raiva. A dor. Mas eu não sinto nada disso.

Dormi com meu irmão? Isso deveria me fazer sentir mal... certo?

As lágrimas picam meus olhos, mas o anseio em meu coração não diminui. Tudo se tornou muito confuso em um piscar de olhos. Se o mestre estivesse... Benny, estivesse aqui, ele me diria para me acalmar. Ele prometeu cuidar de tudo. Tudo faz sentido. Sua boca pressionaria contra a minha, e ele me consumiria como antes. Seria natural e bonito.

Almas gêmeas.

Suponho que, no fundo, se eu for verdadeiramente honesta comigo mesma isso não me surpreende. Deveria, mas logo que eu soube que ele existia, senti uma mudança dentro de mim. Uma urgência. Minha alma compreendendo o irmão que eu nunca soube que era muito mais do que apenas isso. Eu reconheci os olhos. Eu entendi que sua obsessão comigo tinha sido algo mais profundo do que eu poderia compreender. Todos os sinais apontaram nessa direção. Mas eles me disseram que ele morreu. Talvez eu precisasse me dizer isso, ou talvez ele tenha morrido, em certo sentido. E, como eu, ele foi despertado.

Ele está vivo.

E ele é o meu Mestre. Ele é meu e eu sou dele.

Estamos destinados a estar juntos.

Meu coração dispara.

— Vamos, querida, — a mulher diz, sua voz dura. — O tempo está acabando.

Meu telefone zumbe novamente.

Mestre: Iremos esta noite. Esteja pronta.

A maneira como seus olhos voam para meu celular e sua mandíbula flexiona, faz meu estômago se revirar. Meus olhos olham a linda loira diante de mim que agora brinca com uma faca que parece muito afiada. Por que ela precisaria disso? Quando Mestre... Benny, tinha a faca, eu não tinha medo. Eu confiei nele. Mas essa mulher? Tenho a vontade de correr. Agora.

— Nem pense nisso, — ela avisa, a fachada doce desapareceu. — Entre no carro ou vou fazer um buraco do tamanho do Texas no meio

do seu peito e vou arrancar seu coração ainda batendo com a minha mão.

Eu engulo meu medo enquanto as lágrimas rolam. Ele não a enviou. — Quem é você?

Ela me pisca um sorriso bonito, muito bonito para ser um sorriso de uma psicótica. — Você pode me chamar de Dollkeeper. — meu pulso dispara com suas palavras. Ela é a perseguidora. A pessoa que comentava no site de fetiche. Um flash de uma loira nas árvores piscou quando eu olhei pela janela. A pessoa que trouxe todas as outras bonecas e estava dentro do meu quarto. Oh meu Deus... a mulher da livraria que jogou o café em cima de mim. — Meus amigos me chamam de Lucy.

Antes que eu possa processar o que está acontecendo, meu telefone é tirado da minha mão, batendo no chão da varanda, e Lucy me arranca pelos cabelos para o veículo que espera.

Oh Deus.

Oh Deus.

Benny, venha salvar sua boneca antes que seja tarde demais...

Continua em...

Pretty Broken Dolls